



Em cada canto um conto:

HISTÓRIAS DE NÓS



PUBLICAÇÕES
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Organizadoras

Andréa Figueiredo Leão Grants

Roberta Moraes de Bem

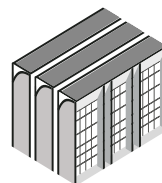
Em cada canto um conto:

HISTÓRIAS DE NÓS

Série Memórias Contadas, v. 2

Em cada canto um conto:
HISTÓRIAS DE NÓS

Organizadoras:
Andréa Figueiredo Leão Grants
Roberta Moraes de Bem



PUBLICAÇÕES
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Florianópolis
2021



Qualquer parte desta publicação pode ser
reproduzida, desde que citada a fonte.

ISBN 978-65-89363-01-9 • 300 exemplares • Impresso no Brasil

Organizadoras

Andréa Figueiredo Leão Grants
Roberta Moraes de Bem

Comissão Editorial

Andréa Figueiredo Leão Grants
Fabrício Silva Assumpção
Gleide Bitencourte José Ordovás
José Paulo Speck Pereira
Luísa Chaves Café
Mirna Cassettari Saily
Marcio Markendorf
Ricardo de Lima Chagas
Roberta Moraes de Bem
Telma Scherer

Produção

Gustavo Pommerening dos Santos - PROJETO
GRÁFICO, CAPA, DIAGRAMAÇÃO e ILUSTRAÇÕES
José Paulo Speck Pereira - PROJETO GRÁFICO
Cristiano Motta Antunes - ILUSTRAÇÕES
Luziane Cordova - ILUSTRAÇÕES
Equipe da BU/UFSC - REVISÃO TEXTUAL
Luziane Cordova e Vanessa Tavares Wilke -
DESCRIÇÃO DAS IMAGENS
Impressão - IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Contate-nos

BU/UFSC Publicações
Universidade Federal de Santa Catarina
Biblioteca Universitária
Campus Universitário, Trindade, Setor D
CEP 88040-900 Florianópolis - SC
E-mail: conselhoeditorial.bu@contato.ufsc.br

<https://doi.org/10.5007/978-65-5805-022-3>

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

E53 Em cada canto um conto [recurso eletrônico] : histórias de nós /
organizadoras: Andréa Figueiredo Leão Grants, Roberta Moraes de
Bem. - Florianópolis : BU/UFSC Publicações, 2021.
206 p. : il. - (Memórias contadas ; v. 2)

E-book (PDF)

ISBN 978-65-89363-02-6 (impresso). - ISBN 978-65-89363-01-9 (e-book)

1. Contos catarinenses. 2. Literatura catarinense. 3. Literatura brasileira.
4. Bibliotecas universitárias - Ficção. I. Grants, Andréa Figueiredo
Leão, org. II. Bem, Roberta Moraes de, org. III. Série.

CDU: 869.0(816.4)-34

Este livro é dedicado a todas as pessoas que, assim
como nós, amam contar histórias.

Toda biblioteca é autobiográfica

- Alberto Manguel

Sumário

Prefácio • 15

Best-seller • 21

Adriano Salvi

Uma bibliotecária Eficiente! • 23

Kátia Rebello

Bomba na Biblioteca • 29

Adriano Salvi

Cá com meus bolores • 31

Érica Milani Dellai

Carteirinha da Biblioteca • 39

Adriano Salvi

A casa da mãe Joana • 41

Evandro Jair Duarte

Clariana e o rato da biblioteca • 51

Jaime Ambrósio

Confissões de um Bibliotecário • 55

Adriano Salvi

O colega silencioso • 57

Jéssica Vilvert Klöppel

Comédia romântica • 63

Clarice Fortunato

Consulta • 69

Adriano Salvi

O Don de Carlito • 71

Ana Maria Gonçalves Martins

Dos itinerantes • 79

Ana Esther Balbão Pithan

Corredor de Biblioteca • 85

Adriano Salvi

À espreita • 87

Ivonita Di Concílio

Um estagiário, um porão e um balão vermelho • 95

Luiz Felipe de Lima

Escritor • 103

Adriano Salvi

Fogo na biblioteca • 105

Demétrio Panarotto

Fototaxia • 113

Luan Coelbo

Falta de leitura • 119

Adriano Salvi

Hippie com multa • 121

Mariab de Lima Walendorff

Iúna • 127

Alline de Souza Pedrotti

Felizes para sempre • 133

Adriano Salvi

O marido • 135

Marina Hadlich

O morador da Amarok • 141

Miguel Sanches Neto

Leitor • 147

Adriano Salvi

Objetos ocultos • 149

André Ricardo Aguiar

A parasita de biblioteca • 153

Camila Morgana Lourenço

Nômade • 159

Adriano Salvi

O presente da Núbia • 161

Maria de Lourdes Andrade

O público privado • 169

Giulia Pagliosa Waltrick Martins

Pandemia • 175

Adriano Salvi

O resgate • 177

Maria Aparecida Lapa de Aguiar

Pesquisa • 181

Adriano Salvi

O resgate do filhote de quero-quero • 183

Monique Neves Garcia

Poliamor • 187

Adriano Salvi

Vozes ordinárias de Lis • 189

Jéssica T. Martins

Silêncio • 195

Adriano Salvi

Posfácio • 197

Os autores • 201

PPP – prefácio de padrinho preguiçoso

Amilcar Neves

Felizes para sempre

*Foi entre os corredores da Biblioteca
que encontrou seu grande amor.*

Adriano Salvi

Lis diz: há fantasmas, sombras ou vozes nos livros, e isso é bom ou perigoso. Jéssica recorda lembranças e lembra que “canções de mentira e contos de fadas podem ser mais verdadeiros do que palavras de verdade”.

Lucas escreve que as mariposas seguem a luz para não se perderem, mas esse, por vezes, é um falso caminho — e elas se perdem. Confirmando tal falsidade, em pesadelo Luan observa uma coruja mística perder-se nas janelas da Biblioteca.

Funcionária da casa, ela vê a Biblioteca ser tomada por cocheiras e feirantes, para lá conduzidas — ou não — pelo Maicon. Giulia, no entanto, impõe-lhes o verdadeiro caminho: o lado de fora das portas de vidro.

O estagiário, em contato com o aterrorizante porão do Aplicação, percebe que a garotada busca nos livros a proteção contra os filmes de terror. Para Luiz, porém, ele não percebe “um balão vermelho, redondinho, voando preguiçosamente em direção ao céu”.

A Núbia, vocês sabem, era toda ouvidos. De suas mãos saiu Grumi, o amigurumi, mascote da Biblioteca. Lourdes alega que ele foi a inspiração para o trabalho da Adri, *A imaginação do Bibliotecário e a criação de um personagem para aulas online*.

Fabiano descobriu que o piado angustiante que ouvia provinha de um filhote de quero-quero que se desviou do caminho e ficou preso na tubulação da calha da Biblioteca. Já Monique aposta que o bichinho estava apenas se divertindo.

Ora, então o Novo Segurança se dedicou, durante semanas, a uma caçada paciente e detetivesca ao Belo Homem pelos armários do guarda-volumes da Biblioteca. Evandro jura que os dois cruzaram seus caminhos de uma forma, digamos, inusitada.

Oh, os guarda-volumes da Biblioteca, de novo! Um, agora, onde vive Esquisito, o rato da Biblioteca, surpreendido pela Clariana, uma rata de biblioteca. Jaime afirma, com convicção, que a moça acabou (a história) com um *hamster* para chamar de seu...

Um *notebook* (possivelmente infectado por vírus adquirido em visita a sítio pornô) é achado numa prateleira “entre um tomo de microbiologia e outro de doenças venéreas”. André investiga o caso para concluir que o achado tem a ver com dores de amor.

O drama social e humano, pungente, de Vivian, ligada aos orixás, que se transforma em Jéssica para poder comer, dormir e se aquecer no conforto da Biblioteca. Camila descobre que ela pode aterrorizar ou encarnar um anjo da guarda.

Dona Eugênia, coitada, olfativa por excelência, administra sua porção da Biblioteca com a xícara de café na mão e o

nariz que lhe dá o norte dos acontecimentos. Demétrio, no entanto, se dedica a calcular o tempo que falta para a sua aposentadoria.

Maria Tereza se apaixonou por fotografia desde o tempo em que, aos dois anos de idade, já detestava ser fotografada. Na Biblioteca, revela Maria Aparecida, buscava livros de fotografia quando um pássaro decolou das páginas do livro que ela folheava...

Dora, “cabelos pretos e crespos”, sofreu desde cedo o peso da imposição social de padrões. Bibliotecária do setor de empréstimos, encantou-se ao atender a menina Vitória. Clarice, no entanto, cruel, apresenta-lhe Alice, a irmã gêmea de Vitória.

Jerusa protegia Norma com um exemplar de *Dom Casmurro* sempre que Honório, marido da amiga, vinha à Biblioteca à procura da mulher, a qual, muitas vezes, entretinha-se com o rapaz da limpeza. A crer em Marina, Jerusa não ficou de todo mal na história.

Aluno de Biblioteconomia, Volney mora numa Amarela branca estacionada ao lado da Biblioteca. Miguel registra que, quando uma poeta se forma em Letras, uma pichação na Universidade anuncia que “quem ama os livros, nunca deixará de ser amado”.

Em 2019, Rosa marca um encontro com 1969 por causa do *1984*, de George Orwell, livro que Valentina, a *hippie*, tenta devolver ao fluxo da Biblioteca. Ao final, Mariah resolve difi-cultar as coisas e não esclarece bem a sua história...

Sem nome e sem voz, sem palavras, o colega de trabalho na Biblioteca que senta à frente de Helena, virado para ela, é um enigma, por vezes um problema. Jéssica sugere que a necessi-

dade de fechar uma persiana pode fazer as coisas mudarem.

Anucha, vinda de período sabático na Índia, propõe à colegas sessões de ioga e meditação. Para tanto, escolhem uma sala de estudos da Biblioteca. Até serem pegos. Ana, narrando em primeira pessoa, jura que não houve orgia sexual: como acreditar nela?

O bibliotecário Diego se distrai, numa sexta à noite, e o resultado é um bando de gente se enfiando em sua sala, conduzida pela negra Antonieta, enquanto Ivonita, matreira, cita um certo “livro de História de Santa Catarina aberto sobre a mesa”.

Carlito, perturbado física, emocional e intelectualmente, atormenta Valência, a bibliotecária, com a requisição de livros inexistentes ou indisponíveis. Ana é implacável: “ele está à deriva dos seus pedaços que não conseguem fazer as pazes”.

Ah, sim! Tem o protagonista arrogante. Não é um livro, mas o exemplar de um livro. Aviltado após a retirada da estante, em meio a exclamações sem fim, antevê para si um destino cruel. Érica concorda: “Quanta humilhação!”

A *Poética*, de Ana Cristina Cesar, é transmutada em romântico pombo-correio (em tempos de celular) por Iúna e Nise, sob a observação de Maria e Linda. Alline acredita que quarta-feira, às 19h30, algo no lago acontecerá.

Uma bibliotecária (eficiente!) relatando suas vivências em primeira pessoa através de alter ego que é uma bibliotecária (eficiente!)? Kátia revela que a estante 869 pode conter não só literatura como amor: romances e romance.

Uma biblioteca — a nossa Biblioteca Universitária, no caso — é tudo isso e muito mais. É vida, curiosidade, conhecimento, aventura e amor: amor pelos livros e amor pelo ser humano. É na biblioteca, em qualquer biblioteca, que se revela e se justifica a diversidade. Que se percebe e se exercita a pluralidade. Que se aprende e se entende o sentido da tolerância, da civilidade e do respeito.

É nas bibliotecas que morrem os tiranos e os maus políticos. É entre as prateleiras que floresce a cidadania. É nas páginas dos livros, através das páginas dos livros, que brotam os direitos, que respira a liberdade, que se enraíza a democracia.

É por isso que as ditaduras e os candidatos a ditador colocam fogo nas bibliotecas: porque livros os intimidam e ameaçam. Livros fazem-lhes muito mal. Que bom, não é?

É fácil fazer arder uma biblioteca: basta cortar verbas e não repor funcionários. Não atualizar o acervo! Não deixá-la, enfim, funcionar, prestar o serviço fundamental que bibliotecas prestam para a comunidade escolar e para a sociedade.

Este livro, esta coletânea, mostra exatamente isto: em cada canto da Biblioteca (ou em suas cercanias), existe um conto. À espreita, pronto para pular sobre o escritor que se disponha a pô-lo no papel (ainda que virtual...). Essas são, enfim, histórias de todos nós — ainda que o padrinho seja preguiçoso a ponto de usurpar as falas dos protagonistas e os textos dos autores para simular um prefácio.

Boa leitura!

Córrego Grande, setembro de 2021

Best-seller

por Adriano Salvi

Queria ser um escritor de sucesso, recorreu à autoajuda.



Uma Bibliotecária eficiente!

por Kátia Rebello

Eu sempre tive orgulho do meu apelido: Eficiente! Nunca me importei com as brincadeiras dos amigos, dizendo que, em vez de diploma, eu receberia um espanador para limpar os livros, quando me formasse no curso de Biblioteconomia. Os anos oitenta do século vinte duraram uma eternidade. Passei no vestibular, formei-me e entrei para o quadro de funcionários da UFSC. Mais precisamente para a Biblioteca Central. O departamento de Biblioteconomia ocupava o andar de baixo da Biblioteca, e eu apenas subi de posto, como caçoavam os funcionários.

Primeiro fui escalada para o serviço técnico: registrava, classificava e catalogava os exemplares adquiridos. Mas logo em seguida, estreei na linha de frente. Ou seja, no atendimento aos usuários. Ocupávamos quatro ou cinco mesas dispostas em espaços estratégicos para melhor auxiliar os alunos e professores. O número de funcionários ultrapassava o de mesas, quando um levantava, outro pegava o lugar. Como no jogo das cadeiras. Ou seja: quem fosse ao ar perdia o lugar. Eu não me importava! Adorava caminhar pelo ambiente. Cruzar com equipes compenetradas em trabalhos e pesquisas, observar o meu próprio reflexo nas paredes espelhadas. Eu me vestia de modo elegante e discreto: a típica Bibliotecária! Eu mencionei

que era solteira e não tinha filhos? Bem, não vem ao caso... Mas eu era o estereótipo da minha profissão!

Sempre fui uma leitora voraz e não escondia a minha predileção pela literatura. Eu passava horas na organização dos volumes, só para estar entre eles: os autores clássicos. Seria capaz de perceber se algum livro não estivesse no lugar correto. Eu amava a minha profissão! O apelido “Eficiente” eu recebi no segundo dia de trabalho. Outra atendente se encontrava ao meu lado quando notamos a aproximação de duas alunas. A primeira perguntou:

— A senhora sabe o nome do autor de um livro chamado S/Z?

Notando a hesitação e o silêncio que se prolongava, falei:

— Roland Barthes. É uma análise da novela *Sarrasine*, de Honoré de Balzac.

— Isso! — exclamou a jovem. — Foi exatamente isso que o professor explicou!

— Temos dois exemplares — completei e indiquei a estante diante de nós.

Ela sorriu e eu disse:

— 82.01.

Recebi com satisfação o olhar de espanto da funcionária ao meu lado.

Segui alguns passos para me certificar se o livro fora encontrado. Afirmativo. A estudante já o folheava, nas mãos.

Mais adiante um jovem tocou meu braço:

— Eu queria o livro *Crime na Baía Sul*.

Acompanhei o aluno até a estante e aproveitei para contar um pouco sobre a vida e obra de Glauco Rodrigues Corrêa.

Ao retornar, a outra funcionária comentou:

— Nossa! Como tu és eficiente!

E assim fui nomeada. É claro que ela espalhou o meu feito por todo o grupo de trabalho. Logo me tornei: “A Bibliotecária eficiente!”.

Recebi como um elogio. Tudo é questão de semântica. O tom da voz dela denunciou uma ponta de inveja e eu não me importei.

Eu amava a minha profissão.

O trabalho de Bibliotecária não é somente atendimento ao usuário. Existe um mundo subterrâneo onde os funcionários preparam o livro a ser disponibilizado ao leitor. Antes de receber as digitais do usuário, ao folhear as páginas na leitura, os dedos dos colaboradores percorreram cada volume. Penso que muitos desconhecem o caminho que o livro percorre, dentro de uma instituição até chegar à prateleira. É trabalho burocrático, mas há quem o escolha ao atendimento do leitor. Eu sempre preferi o contato com quem busca o saber. Eu tenho as minhas teorias e sempre as desenvolvi na prática. A leitura pode levar a descobertas extraordinárias. Pode mudar a vida de uma pessoa. E por ter trabalhado tantos anos com leitores na busca pelo prazer, desenvolvi um grande conhecimento na literatura, de um modo geral. Mas, devo confessar, eu tinha uma predileção pela classe 869. Ou seja, a literatura de língua portuguesa. A classificação decimal universal utilizada por muitas Bibliotecas permite ao usuário desvendar de modo mais prático a busca pelo assunto que deseja. Quem frequenta assiduamente uma Biblioteca acaba por descobrir certas especificações técnicas, o que facilita encontrar o que procura. Uma grande Biblioteca muitas vezes dificulta o encontro do leitor com o livro.

Quando eu comecei a trabalhar na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, me senti intimidada pelo extenso acervo, pela distribuição das estantes, pelos vários setores. E também, pela grande quantidade de funcionários. Ficava imaginando a dificuldade de alguns alunos, vindos de cidades pequenas, perdidos entre as inúmeras estantes. No início dos anos oitenta, os vários fichários se enfileiravam logo na entrada da Biblioteca. Depois de subir a rampa, que ficava do lado de fora do prédio espelhado, o aluno encarava os arquivos, em cada gaveta, fichas catalográficas, anteriormente datilografadas pelo serviço técnico, indicavam o assunto e a localização do livro na estante. Sobre uma mesa, recortes de papéis possibilitavam anotar os números de classificação e a ordem de sobrenome do autor. Parece confuso? Definitivamente! Poucos chegavam ao destino desejado, sem a intervenção do Bibliotecário. Eu sempre procurei ser paciente, orientá-los nos labirintos do conhecimento. Numa época pré-internet, papel e lápis traçavam um verdadeiro mapa até o tesouro escondido. E um Bibliotecário no caminho até a estante sempre ajudava.

Quando, numa certa noite de inverno, sentei na recém-desocupada e ainda morna cadeira do funcionário, que fora atender um aluno, aproximou-se lentamente um jovem estudante. Não aparentava mais do que vinte anos. Cabelos compridos, rosto angelical. Uma figura serena contrastando com a tempestade que se formava lá fora. Sorriu. Imaginei nele um leitor voraz. Às vezes eu acertava! Observava as feições da pessoa e conseguia adivinhar se era um devorador de livros ou não. Creio que leitores compulsivos se reconhecem como

se formassem uma sociedade secreta. Tínhamos gestos em comum, olhar investigativo, a curiosidade à flor da pele.

O rapaz pigarreou, engoliu em seco antes de falar.

Aguardei.

— Onde fica a estante...

Com as pontas dos dedos puxou um papel dobrado do bolso da camisa e leu.

— Estante número 869...

— Ah... — soltei um suspiro — literatura. Tu estás procurando o número 869.0? Literatura portuguesa? Ou 869.0(81), literatura brasileira?

Ele baixou o olhar.

Imaginei tê-lo confundido. Tentei simplificar.

— O que exatamente estás procurando?

— A estante 869 — repetiu.

Pensei por um momento. Eu deveria agradecer! Finalmente eu poderia trocar ideias com um apreciador de literatura. Ultimamente os colegas funcionários se afastavam quando eu iniciava o relato sobre a minha paixão por literatura. Naquele momento eu compartilharia do meu conhecimento com o jovem estudante. E comecei meu discurso sobre os autores catarinenses. Ele demonstrou interesse quando citei trechos de um poema de Cruz e Sousa. Fiz um breve resumo da produção do nosso Estado: Virgílio Várzea, Luiz Delfino, Othon Gama D'Eça, Delminda Silveira até os mais recentes, membros da Academia Catarinense de Letras. Passei, então, para a literatura brasileira. Ele entreabriu os lábios para um comentário, mas deixou que eu continuasse. Enumerei os livros de Machado de Assis pela data de publicação. Conteí sobre José

de Alencar e a determinação em construir a imagem romântica do início da nossa civilização. E assim cheguei aos clássicos gregos, Homero, Sófocles, Eurípedes...

– E a estante 869, onde fica? – insisti quando tomei ar para continuar a minha explanação.

Aturdida, apontei com o olhar para a direita.

– É ali – pronunciei.

Ele sorriu discreto. Imaginei ter ouvido um sutil “muito obrigado”.

Quando ele se afastou, eu respirei fundo. Imediatamente ele desapareceu entre as estantes.

Imaginei o rapaz diante do livro que procurava. Preocupeime com a demora. Teria encontrado? Tive ímpeto de levantar e ir ao seu auxílio. Não havia nada mais doloroso do que a busca em vão pelo livro desejado.

Resolvi aguardar.

Voltei a minha atenção para os alunos nas mesas ao redor e pedi que diminuíssem o volume das conversas. Só precisei gesticular pousando o dedo indicador sobre os lábios.

Olhei novamente na direção da estante de literatura e coloquei-me de pé. Dei alguns passos e parei.

Diante de meus olhos o rapaz surgiu acompanhado de uma jovem sorridente. Abraçados, passaram por mim e tomaram a direção da porta.

Eu os acompanhei com o olhar. Sorri.

Concluí que, na verdade, a estante 869 era o ponto de encontro do jovem casal e eu os ajudei! Se não fosse a minha precisa indicação, ele jamais teria encontrado a moça! Senti-me realizada e admiti: eu era uma Bibliotecária eficiente!

Bomba na Biblioteca

por Adriano Salvi

Espalhou todos os que estavam ao redor.



Cristiano Motta Antunes

Cá com meus bolores

por Érica Milani Dellai

Sim, naturalmente que me considero indigno de me encontrar em tão deletéria situação. Eu, logo eu!, tamanho ser distinto, nobre, fidalgo, culto, filho da mais alta classe letrada portuguesa, ultimogênito de uma família representante do que há de mais sublime e primoroso em língua vernácula. Eu!, descendente do mais importante benemérito e honrado diplomata português, que, ao lado das armas e dos barões assinalados, avulta grandiosamente pelo heroísmo, pela lealdade e pelo nobre espírito magnificamente empregado em prol da alta Literatura. Imagina! Eu? Evidente que não deveria aqui me encontrar. Deveria, sim, era estar repousando na minha majestosa alcova, no setor Bellatrix, no corredor do vão: o mais bem alumniado, mais bem arejado, mais bem posicionado, mais disputado e ainda o mais bem frequentado corredor desta espelunca, digo, Biblioteca! Se bem que, pensando bem, não muito bem frequentado, porque não há como negar que por vezes não o é. Por vezes é frequentado pela gente mais espurca, pela mais medíocre espécie de onagro, por autênticos mentecaptos incapazes de tratar com o devido zelo, com o devido garbo, um ser de tão imensa erudição como eu. É um grande despautério que um crime de tamanha gravidade, tamanha hostilidade, tamanha incivilidade! tenha ficado desta



forma: sem presos e condenados, sem uma investigação a miúdos, sem minha indenização moral e, o pior!, oculto!! Uma história ignorada pela grande maioria dos académicos dessa sexagenária instituição. Contudo não vos aflijais, tomarei para mim esta tarefa de acautelar-vos a respeito dos facínoras, digo, Da Facínora, que ronda este lugar. Prestai bem atenção, esta denúncia é um alerta a vós todos. Hei de começar:

Era um majestoso dia de sol, brisa fresca entrando pelas ventanas e cochichos abafados entre as mesas. Eu estava acordando de meu sono vespertino da formosura, sonolento, ainda em parte desacordado, quando, de súbito, fui violentamente retirado de meus aposentos por uma modorrenta rapariga, digo, fedelha, que resolveu botar em prática seu plano atroz de levar-me para o ambiente inóspito que chama de lar. Compreendo que deva ser realmente doloroso ver uma obra assim, parruda, pujante e viril, numa estante tão modesta como a que habito, e que ainda divido com uma multidão de outros miseráveis, e menos eruditos, que vieram a ter a mesma sorte que eu, mas mesmo assim, que deselegância se julgar apta a este encargo. Que aviltamento me tirar dali! E eu ainda permitindo, sem qualquer oposição, sem reação alguma, não suspeitando de nada do que me aguardava dali a alguns dias e deixando-me ir, vendido por meias carícias na minha face sonolenta.

Contudo, a culpa não era somente minha e de minha sesta, na verdade não havia motivos para desconfianças: era uma jovem bonita e encantadora, com livros sempre postos em cima das carteiras, diversas gabações de meus congêneres e ainda sorriso fácil dos Bibliotecários. Mais tarde descobri ain-

da que era uma pupila excepcional, recebedora de prêmios, méritos e honrarias. Uma exímia rapariga, como vós podeis perceber. Não havia motivos para quaisquer desconfianças e, com isso, de que maneira eu haveria de saber?

O que decorreu daí, porém, descarrilhou minha vida *ad aeternum*. Nunca mais voltei para minha morada, nunca mais pude novamente resfolegar em meus aposentos. O que aconteceu comigo deixa atônitos até hoje os Bibliotecários. Atônitos porque ninguém sabia o que havia me acontecido para eu ser entregue daquela forma, naquelas condições. Ninguém sabia por que lugares eu havia andado ou de que forma havia sobrevivido para ser posto, ou melhor, largado, em cima do balcão pela mesmíssima exímia rapariga de dantes que, aligeirando-se entre o emaranhado de tropeços que transformou as próprias pernas, saiu correndo pálida e apressada porta afora.

Era aterrador o que quem ficou contemplava. Era inacreditável, unimaginável, inexplicável, indizível e inconcebível aquela execrável imagem! O que naquele dia enxergavam quando, com piedade, me punham os olhos era, com perdão da chuleza de meu vocábulo, um grande amontoado de bosta. Sim, bosta, esterco, estrume, excremento, merda, cocô, fezes, caca, titica, dejetos!!! Era isso que viam. Era dessa forma que eu, um fidalgo respeitado por toda a minha estirpe, havia sido devolvido para junto dos meus. Cagado! Não há no mundo palavras que descrevam o ardente sentimento de revolta, humilhação e vergonha que carrego comigo desde aquele dia em que o acontecido me aconteceu. Não há lágrimas que eu não tenha derramado, lamentos que eu não tenha externalizado e vinganças que eu não tenha planejado enquanto ali, deitado

naquela mesa, era fitado por todos.

Lembro-me de que, naquele dia, depois de alguns minutos de espanto, entre rumores, risotas e faces enojadas, fui pego pelas beiradas de uma sacola e levado, pé ante pé, ao recinto da coordenação. Também estarecida com a minha situação degradante, a Bibliotecária, com o que achei ser sangue de investigadora justiceira correndo nas veias, conseguiu localizar a reverendíssima néscia que me conspurcou no mais alto nível que a espécie livresca já viu e intimou-a a comparecer à Biblioteca o quanto antes, para prestar os devidos esclarecimentos de sua criminoso conduta.

Quando a energúmena apareceu, lembro-me de que mal pude me conter de tão trêmulo. Tudo em meu ser era cólera, mágoa, rancor e repulsa. Aquele seu aspecto cândido e imaculado já não me enganava. Os olhos ligeiros correndo de um lado a outro do recinto, as mãos trêmulas e suadas esfregando-se nas calças, os ombros caídos contraindo-se em curva, tudo isso eu já conhecia muito bem e sabia o que significava. Sim, claro, pobre rapariga, significava que era uma grande dissimulada! Era isso que era! Dissimulada abutre ceifadora de vaidades, ignóbil asna inimiga da pátria, insípida bípede acefalada! Criminoso!!

Contudo eu sabia, evidentemente sabia, que, se existe alguma coisa nesse mundo, essa coisa é justiça. Tranquilizava-me saber o seu destino certo: sair dali presa, algemada, rechaçada, vaiada e humilhada por seus crimes. Encontrava-me sossegado quanto a isso e mais ainda fiquei após decorrida a troca das primeiras palavras quando a sandia confessou, sem muitas delongas, que sim, havia praticado um ato imoral e que

não havia com o que se preocupar pois estava consciente e pagaria por isso... (quanto júbilo pulsava em minhas páginas!!! Quanta justiça latejando em minhas orelhas!)

...comprando um novo exemplar.

Não, imagina, eu certamente havia me equivocado na compreensão, não era isso. Eu só não estava captando precisamente o local em que a desasseada seria amordaçada e chicoteada (vê só, até rimou, exímio poeta que sou). Falha na comunicação, simplesmente. Um sujeito como eu não está acostumado a linguajar de populacho. Eram apenas detalhes, miudezas, não havia com o que se inquietar. O que me interessava verdadeiramente era o momento de agora, em que a célebre investigadora, aliada da justiça e da integridade moral, perguntara, sem rodeios, sem meia palavra, o que afinal havia me acontecido para ter chegado ali em tão lastimável condição, em tão degradante estado. Era o que, afinal de contas, todos gostariam de saber. Do outro lado da porta, dezenas de ouvidos, em pontinhas de pé, a postos, ansiosos, coscuvilheiros e vigilantes, aguardando, sem querer perder nenhuma minúcia. A enodada pirralha então, ouvindo constrangida a pergunta, colocou apressadamente os cabelos atrás das orelhas, os óculos mais acima no nariz, pigarreou, respirou fundo e começou então...

...a chorar. Começou então a chorar!!! A dizer que sobre esse assunto não falaria, jamais, em circunstância alguma, que não havia com o que se apoquentar, comprometia-se inteiramente à restituição de outro exemplar, mas que, por favor, não insistissem nisso, era, pois, um assunto delicado. Delicado!

Com minhas bochechas ardendo em bolor, eu fitava aten-

to os olhos da justiceira, estudando seus gestos a espera de sua atitude imperiosa: um levantar de sobrancelhas, uma olhada de esguelha, um tamborilar de caneta em tá-tá-tá pernas cruzadas, pés frenéticos, sonata de tecidos, sinfonia de soluços, gritos, gritos, gritos, pavor, atterramento, indignação, tremor, revolta. Não, não, não havia de ser isso, estava acontecendo um grave equívoco!! Como isso era possível? A injusticeira piedosa se deixava enganar pela infeliz e ainda consentia com a proposta! Cúmplices! Prendam-nas! As duas! São criminosas irrecuperáveis e à solta. Imagina! Assinaturas trocadas, meias lágrimas de crocodilo (crocodilo, não! “Jacaroa”!!) e bastava? Mais nenhuma penalidade? Nenhum condenado? Por onde anda a justiça desse país miserável?

Lembro-me de ser carregado aos bramidos pelos corredores daquela pocilga, colocado em um canto de um compartimento terrivelmente mal alumiado que a tudo fedia e onde se encontravam as mais repulsivas criaturas do universo livresco. Nunca em toda minha vida literária havia me deparado com imagem tão deplorável: livros desfigurados, fétidos, rasgados, com membros pendurados e de rostos completamente embotados e eu, tão ilustre e garboso, ali, envolvido numa sacola, sendo olhado de cima a baixo, entre gracejos e risotas, por esses livretes deploráveis. Quanta humilhação!

Lembro-me do que me pareceram pares e pares de dias passados nesse recinto. Encontrava-me amuado, encolhido, chorando baixinho lágrimas de revolta. Já quase sem esperanças, rogando meu destino a Santa Fortuna, protetora dos desafortunados, espreeitei o ruído de passadas vindas em minha direção. Fiquei rijo. Era comigo.

Carregado pelas beiradas, fui conduzido a um cômodo de luz opaca. As mesas apinhadas de livros me causavam ton-tura. Sons, ruídos, falatórios incessantes: “Tem que pegar o número pra dar baixa”, “Vai entrar com o mesmo número?”, “Bota luva pra pegar esse aí, é aquele que tá pura bosta. O exemplar novo tá aqui”, “Que bonitão! Pelo menos ela trouxe outro”, “Nem me fala”. Risadas.

Tentando atentamente ouvir a tudo, ainda tenho gravado com detalhes em minha memória, atônito e em silêncio, eu assistindo a todo terror que me passava pelas vistas e sendo agora presenteado com mais um ignóbil regalo em capa dura e papel pólen:

— Carai, bicho, tu tá na merda, hein, tiozão? Haha. Pô, mas fica suave, tamo junto, vou levar a literatura dos nossos *brother* pra frente. Continuar teu legado, legado do nosso pai, tá ligado? Pô, que Deus o tenha, né? Mó loco as coisa que ele escrevia. Eu fico doido. Literatura mete a gente numas pira, né? Tu deve saber muito mais que eu. Mas ó, papo sério: se liga nesse prefácio da nova edição. Maneiro, né? Na tua época não tinha essas coisas, não, né, tiozão? Mó da hora... Tiozão? Tá me ouvindo, tiozão? Tá tudo bem? Gente, alguém ajuda aqui, o senhor tá passando mal, gent-

Sentado aqui agora, penso cá com meus bolores que não há palavras que permitam narrar a vós todos, com a devida veracidade, a completa trajetória de minha ruína, ruína esta que se consuma agora quando, acordado de meu mal súbito, olho ao meu redor e dou-me conta da situação em que me



Em cada canto um conto

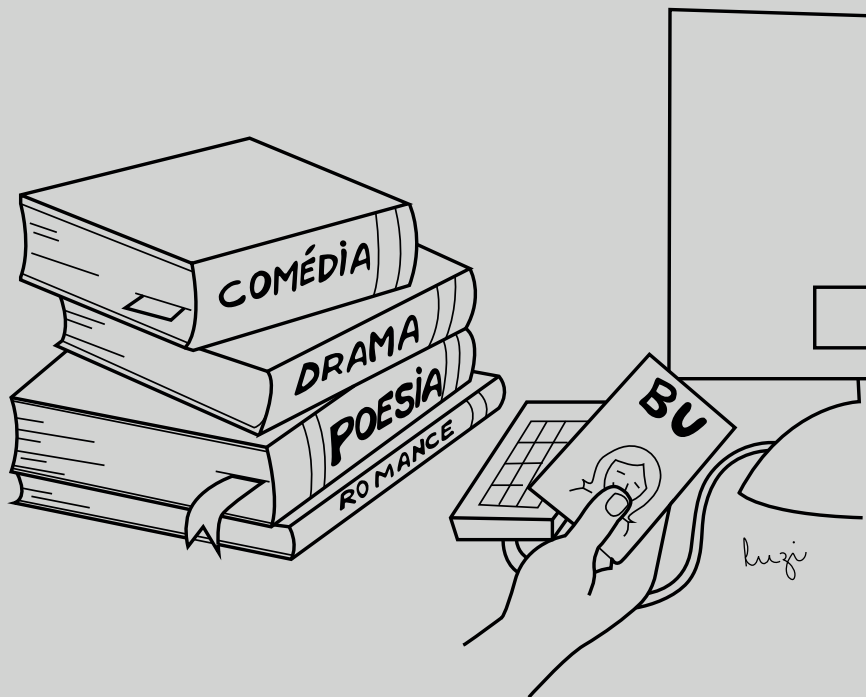
encontro: imundo e maltrapilho, moído e cagado, chorando
no interior deste repugnante caminhão de reciclagem.



Carteirinha da Biblioteca

por Adriano Salvi

Era um passaporte de emoções.



A casa da mãe Joana

por Evandro Jair Duarte

Fazia um bom tempo que ele frequentava e utilizava muito os espaços da Universidade. Um dos seus locais favoritos era a Biblioteca Central. Todas as quintas e sextas-feiras ele vinha e a sua rotina era a mesma. O homem entrava, passava pelo totem do sistema antifurto e seguia para o lado direito, dirigindo-se ao guarda-volumes para deixar uma grande e volumosa bolsa todas às sextas-feiras. Assim, ele seguiu com o seu *modus operandi*, que se completava nas quintas-feiras, quando o Belo Homem ia até a janela e lá ele deixava a chave no peitoril, escondida atrás da cortina do local e, em seguida, entrava na Biblioteca, pegava a chave e ia pesquisar. Ninguém havia notado que ele entrava sem material na quinta-feira e saía com a grande e volumosa bolsa no mesmo dia. Tampouco notaram que às sextas-feiras ele realizava o inverso, entrava com a grande e volumosa bolsa e saía sem ela. Outro aspecto que até então passava sem ser notado era que ele sempre utilizava o mesmo número de armário.

Digo a você que aquele era um homem metódico, muito curioso, e sua rotina na Biblioteca era intrigante. Por muito tempo ele passou sem ser percebido por todos que ali transitavam. Bem, a sua prática rotineira às quintas e sextas-feiras na Biblioteca não era percebida pelos funcionários ou demais



usuários. No entanto o seu porte físico nunca o permitiu não ser notado; ele era muito atraente. O exemplo de homem belo. Desses frequentadores de academia, ele era forte e musculoso, e sua estatura era alta. Sua pele era branca igual à cor dos que não gostam mesmo de banho de sol e que preferem muito mais os hábitos noturnos para a diversão. Os seus cabelos eram pretos, longos e cacheados. O seu sorriso, encantador. Aquele Belo Homem ora estava com seus cabelos presos, ora estava com eles soltos. Sua beleza sempre chamou mais a atenção do que a sua grande e volumosa bolsa.

Como usuário assíduo e de longa data, ele já sabia das regras do espaço e precisou dar o seu jeito para usar o mesmo armário sempre. Ele teve a predileção pelo número 100, pois era um dos poucos que tinham os tamanhos maiores e eram mais largos. Dessa forma, ele tomou a chave com esse número para o seu uso pessoal e passou a carregar consigo a chave. Essa era uma atitude proibida pelo regulamento da Biblioteca Central da Universidade, mas ele precisava guardar sua pesada e grande bolsa naquele guarda-volumes específico. Igual a outros usuários que praticaram manobras parecidas por um tempo, ele driblou o segurança do espaço, saía da Biblioteca às sextas-feiras levando consigo a chave para casa e nas quintas-feiras ele dava o seu jeito de trazer a chave para dentro da Biblioteca sem soar o alarme.

Você deve estar se perguntando: como ele conseguiu fazer isso? O Belo Homem chegou numa sexta-feira, depositou sua bagagem no armário, fechou a porta dando a volta na chave e a guardou com o chaveiro para fora do bolso da calça. Usou a Biblioteca para as suas pesquisas do curso que realizava na

Universidade e na saída foi até o lugar destinado ao guarda-volumes e jogou a chave pela janela. O lugar da queda da chave era estrategicamente escolhido, ficava atrás de uma dessas plantas volumosas que fazem as vezes de cerca viva. Depois, ele passou pelo totem e saiu sem o sinal sonoro acionar por causa da chave. Ao chegar ao lado de fora, ele foi em direção à janela, pegou a chave e foi embora.

Certo! Certo! Certo! Agora você deve estar dizendo: mas que manobra boba, ele poderia tirar a chave do chaveiro e descartá-lo em algum canto da Biblioteca e sair com a chave, pois ela não soaria o alarme do totem antifurto, uma vez que o sensor para acionar o sistema estava preso ao chaveiro. Mas esse homem era esperto! Ele pensou que, se realizasse tal procedimento, em breve, ele seria notado. Entrar uma ou duas semanas ali e nunca ser visto com o chaveiro gigantesco com o código de barra que aciona o alarme poderia até passar, mas até quando conseguiria fazer isso sem ser notado? Mantendo o chamativo chaveiro com ele, não levantaria suspeitas tão cedo. Dessa forma, ele obteve sucesso. Ele realizava essa manobra e não foi notado ou pego pela segurança do local por longo período.

Certo dia, o homem que sempre fazia a segurança na entrada da Biblioteca não estava mais em seu posto. Em seu lugar estava outro mais jovem. O Belo Homem ficou aliviado, pois com um novo profissional trabalhando ali demoraria mais tempo ainda para que ele pudesse ser notado realizando essas práticas de uso contínuo do armário de número 100 e levando a chave para casa. Só que ele não contava que o Novo Segurança da Biblioteca Central notasse que o Belo Homem

entrou no espaço. O que o denunciou? Ora, caro leitor, a altura e a beleza do Belo Homem chamaram a atenção do Novo Segurança. Veja só o que aconteceu em seguida.

O Belo Homem entrou na Biblioteca, passou pelo totem e seguiu até onde ficam os armários do guarda-volumes. Ele percebeu que o olhar do Novo Segurança o seguiu até que ele entrasse no cantinho no qual estavam os maiores guarda-volumes. Esses armários ficavam fora do alcance de observação do segurança local. O Belo Homem voltou só com o chaveiro na mão e, ao passar pela roleta que contava os números de acessos ao espaço, o Novo Segurança o cumprimentou com o desejo de boa noite bem efusivo. A resposta ocorreu sem sequer dirigir o olhar para o atencioso Novo Segurança.

Na saída, o Novo Segurança ficou próximo da roleta e desejou boa noite ao Belo Homem, que respondeu sem contato visual com o seu interlocutor. Como era sexta-feira, ele precisava realizar o seu teatro semanal, foi até a janela, jogou a chave no lugar de sempre e voltou para sair. Ele estava indo em direção ao totem para alcançar a saída quando notou que o segurança o encarava e foi em sua direção. Neste momento, aquele homem ficou muito nervoso, pensou que finalmente ele havia sido descoberto, mas resolveu agir naturalmente. Quando chegou perto do totem, ele estava já cara a cara com o Novo Segurança, que o olhava e sorria. Ao virar para passar pelo alarme do sistema de segurança, ele ouviu a frase: “Boa noite e cuidado ao andar no *campus* à noite!”. Ele devolveu o ensejo de boa noite e falou que iria ficar alerta até chegar ao ponto de ônibus. Essa rotina ocorreu por mais algum tempo.

O Novo Segurança estava mesmo no seu enalço e com

muito interesse em desejar bom dia, boa tarde ou boa noite. A abordagem na saída era sempre a mais entusiasmada. Todo esse interesse do Novo Segurança culminou na descoberta da prática do Belo Homem. Certa sexta-feira, quando o homem entrava com a bolsa grande e volumosa, o novo segurança notou, sim, a sua presença e beleza, mas prestou atenção no que ele carregava para dentro da Biblioteca. Prestou atenção que o rapaz foi até o guarda-volumes e, ao passar pela mesa do Novo Segurança, ele viu o número que estava no chaveiro, o número 100.

Quando o expediente estava acabando, o Belo Homem passou pelo Novo Segurança. Ele percebeu que o chaveiro estava com o Belo Homem. Mas, ao sair do recinto, ele não carregava consigo a bolsa grande e volumosa e tampouco a chave do guarda-volumes. Intrigado, o Novo Segurança foi até o armário número 100 e constatou que estava trancado. Finalmente, aconteceu a descoberta da manobra daquele homem. Como ele era novo ali, resolveu esperar mais um tempo e prestou mais atenção aos movimentos daquele Belo Homem. O Novo Segurança percebeu que o *modus operandi* do Belo Homem não era divergente do das semanas passadas.

Em uma sexta-feira, o Novo Segurança já estava curioso para saber o conteúdo daquela bolsa grande e volumosa. Assim, ele esperou o expediente acabar, foi até o claviculário e pegou a chave extra para abrir o guarda-volumes de número 100. A diretora da Biblioteca havia dito a ele que, sempre que se observassem os armários fechados por muitos dias, qualquer pessoa da segurança poderia pegar a chave reserva, tirar os pertences e levá-los para ela. Como a regra da Biblio-

teca permitia, ele abriu a porta, verificou que a bolsa grande e volumosa estava lá dentro, resolveu retirá-la do armário, levando-a para cima de uma mesa, e a abriu para verificar o conteúdo.

Surpreso, ele viu perucas de várias cores, cílios e unhas postiças, maquiagens diversas, vestidos curtos e com muito brilho, lantejoulas e paetês, sapatos de salto alto, espartilhos, entre outros itens para ocorrer a transformação de qualquer pessoa em *drag queen*. Tudo ali dentro era muito chamativo e vibrante. Como na linguagem bajubá, o Novo Segurança encontrara a “montaria do bofe”. Analisando mais o conteúdo da bolsa, ele encontrou um cartão com nome de uma *drag queen* e o endereço da casa de *show*. Ele ficou com o cartão, devolveu a bolsa para dentro do armário, trancou e devolveu a chave reserva para o claviculário.

Os dias passaram, e a quinta-feira chegou. O Novo Segurança viu que o Belo Homem chegou sem a bolsa grande e volumosa e foi cumprimentá-lo de perto.

– Bom dia! Tá sem aula hoje?

– Não. Tenho aula à tarde, mas agora vou pesquisar no computador da Biblioteca e enviar o que preciso por *e-mail*.

– Boa pesquisa. Até mais!

– Obrigado!

Na saída, o Belo Homem foi até o espaço do guarda-volumes e voltou carregando a bolsa grande e volumosa. Ao se aproximar do Novo Segurança, ele ficou sem graça e pensou que ele iria fazer algum comentário denunciando que ele foi pego em flagrante em sua prática de ficar com a chave do armário.

– Conseguiu usar algum computador hoje?

– Sim. Hoje não foi fácil, mas depois de meia hora lendo um livro que eu precisava ler, consegui um computador para a pesquisa.

– Tem dias que a disputa é assim, acirrada. Que bom que conseguiu. Até amanhã!

– Obrigado! Até amanhã!

Naquele dia, ele descobriria o que o Belo Homem fazia naquele endereço escrito no cartão. Assim que acabou o expediente na Biblioteca, o segurança resolveu ir conhecer o lugar. O endereço era perto da Universidade, e a boate era *friendly*, onde todos se unem sem preconceitos para aproveitar a noite e a vida. O Novo Segurança pagou e entrou bem na hora em que um *show* iniciava.

No palco, uma Bela Mulher alta e igual à Branca de Neve, de tão branca, e com lábios vermelhos. Os seus cabelos vermelhos, cacheados e volumosos eram agitados durante a coreografia. A maquiagem nos olhos era carregada, chamando muito a atenção para o seu rosto. O vestido curto com lan-tejoulas vermelhas tinha uma fenda que deixava à mostra as pernas grossas e torneadas. A música era muito contagiante. Demorou um pouco até que o Novo Segurança reconhecesse o Belo Homem no palco. Assistiu ao *pocket show* que aconteceu após a dança e, em seguida, foi embora.

Na sexta-feira, quando o Belo Homem, foi cumprimentado pelo Novo Segurança, este deixa o seu habitual boa noite e repete o bordão que foi utilizado no *pocket show* como forma de cumprimento naquele dia. O Belo Homem o parou, olhou para ele, sorriu e disse:

Em cada canto um conto

– Topas um *happy hour* e um chope após sair daqui?

O Novo Segurança respondeu:

– Beleza. Eu saio às 20h e te encontro no bar aqui da frente.

– Combinado. Estarei ali te esperando.

A noite passou, e o Belo Homem saiu dizendo ao Novo Segurança que o esperaria no bar e que ele não se atrasasse. Não levou dez minutos e o encontro ocorreu, eles conversaram muito. O Belo Homem disse que gostava muito de trabalhar às quintas-feiras como *drag queen* na casa de *show*. Quando está no palco, sente-se livre para ser quem ele é e falar e fazer tudo o que deseja para se divertir e trazer alegria e entretenimento aos outros que o assistem no *show* noturno. Enquanto está lá, ele se sente forte, alegre e realizado com seu desempenho em levar um *show* que agrada ao público.

O curso na Universidade dará a ele a oportunidade de um emprego no mercado de trabalho, o qual pode trazer uma boa remuneração. Mas não tem a pretensão de largar os *shows* nas quintas-feiras como *drag queen*, pois é ali que ele se sente alegre e realizado com suas dublagens e *talk show* com os presentes nas noites. O motivo de ele guardar sua “montaria” no armário da Biblioteca é que fica próximo da casa de *show* e ele não poderia guardar em casa. Os seus familiares não entenderiam, e ele teria problemas com o preconceito existente entre os entes.

O Belo Homem falou que, se o Novo Segurança precisasse, poderia solicitar que ele retirasse suas coisas de lá. Ele teria que encontrar um lugar para deixar. Assim ele pediu uma semana para fazer a retirada da bolsa grande e volumosa do



armário 100. O Novo Segurança falou para o Belo Homem que gostou muito do *show* e que não pedirá para ele retirar sua “montaria” do esconderijo. Em agradecimento, ele convidou o seu novo amigo para ir ao próximo *show*, disse que colocaria o seu nome na lista e ele não precisaria pagar nada para entrar e ver a *drag queen* fora do armário 100 direto para o palco. Local em que ela brilha a noite toda para voltar ao armário às sextas-feiras e aguardar sua liberdade às quintas. Foi assim que a *drag queen* ficou sendo armazenada no armário 100 da Biblioteca Central, saindo somente às quintas-feiras para fazer seu *show*. Ela cantava, encantava e fazia a alegria de todos na *night*.

Após meses de presença confirmada nos shows de sua diva favorita, o Novo Segurança confessou ao Belo Homem que ele tinha vontade de ser uma *drag queen*. E perguntou se seu novo amigo o ajudaria a comprar os itens para a “montaria” e se as duas poderiam fazer um *show* uma vez por mês no mesmo palco. O Belo Homem ficou muito empolgado com a novidade e aceitou trazer para o mundo mais uma diva. O Novo Segurança passou a ser a *drag queen* Joana Dark. Com seu visual gótico e extravagante, ela encantou a todos no palco com sua amiga. Agora são dois armários que têm as chaves confiscadas para guardar as volumosas malas dos dois. Se continuar assim e outras *drags* se juntarem a essas duas assíduas moradoras dos armários 100 e 101, a Biblioteca Central irá virar a casa da mãe Joana (Dark).

Clariana e o rato da Biblioteca

por Jaime Ambrósio

Clariana cursava Biblioteconomia na UFSC. E Clariana ia tanto à Biblioteca que era facilmente identificada com a famosa casta dos “ratos”. Sua mãe a chamava carinhosamente de “ratinha de Biblioteca”, mas reclamava do tempo que a filha ficava lá dentro, “esquecendo-se do mundo aqui de fora”, praticamente sem amigos, praticamente sem namorado. Um dia ele vai aparecer, mãe. O tal amor. Entenda-se que Clariana era amiga dos livros, antes de tudo; e amava muitos escritores, não de morrer de paixão, mas de viver de paixão, de dormir e acordar com eles. Para algumas pessoas, ela passava uma certa imagem de “garota esquisita”. Não ligava.

Mas, como o título tenta indicar, esta é uma história sobre um rato, rato de rato mesmo, também esquisito, dependendo do ponto de vista. Na verdade, um ratinho, um camundongo, aquele pequeno roedor da família dos murídeos, como diz o Google. Claro, se fosse um *hamster*, haveria charme literário, e não a rudeza realista de um... rato. Quando criança, Clariana tinha pavor desse inglório animal, assim como grande parte da humanidade. Um filhotinho de rato, ainda sem nenhum pelo, era uma visão extremamente repulsiva para ela, algo



que lhe provocava pesadelos. Lembra que no pequeno sítio da família, além de veneno, seus pais colocavam ratoeiras, acompanhadas de mil recomendações para Clariana e outras crianças corredias.

Na primeira vez, na Biblioteca, foi o susto. Clariana abriu o guarda-volumes para pegar suas coisas e lá estava ele, roendo alguma sobra de bolacha. Quase gritou, mas se conteve. Ele, no entanto, ficou calmamente sentado, mas ereto, como se fosse bípede, com as patas dianteiras segurando o que restava da refeição frugal. Apenas parou de mastigar e olhou fixamente para ela, com dois olhinhos de chumbo, como a dizer: “Olá, como vai? Eu sou um camundongo, e você?”. Clariana poderia ter dito: “Olá, eu sou um ser humano e por isso te odeio!”. Mas, de novo, conteve-se e, ao devolver a chave, reclamou do ocorrido. A moça da recepção limitou-se a dizer:

— Pois é, às vezes aparece um ou outro. Mas, sim, iria registrar a reclamação...

Dia seguinte, Clariana evitou pegar a mesma chave, de número 19; preferiu a 11, oferecida na sequência. Abriu o guarda-volumes com certo receio e... sim, lá estava ele (presencia isso, era ele) num canto, meio enrodilhado, provavelmente tirando uma soneca e esperando. “Esperando o quê?!” pensou Clariana, como se gritasse. Ele aprumou-se, olhando-a feliz, como a dizer: “Olá, é você?”. Clariana quase respondeu: “Sim, sou eu”. Mas achou melhor não levar a sério aquela relação, mesmo gostando de coisas fora de contexto. Entretanto deixou suas coisas lá dentro, mesmo na presença do roedor insistente.

Quando voltou, ele não estava mais lá. E se fosse só imagi-

nação dela, em função do excesso de leitura? Afinal, não deveria haver “ratos-ratos” na Biblioteca da UFSC, apenas ratos de Biblioteca na Biblioteca...

Na próxima visita, Clariana pegou a chave de número 98, bem longe das duas primeiras. Não haveria como... Mas houve, ele estava lá dentro, logo na entrada, aguardando por ela como quem aguarda um ente querido ou coisa assim. Clariana, então, com a psique desmontada, sorriu para o camundongo que, a seu jeito, também sorriu.

Na mesa de leitura, o rato não lhe saía da cabeça. Não acreditava em coincidências, mas no que chamam de sincronidade, num propósito dos sinais conjugados, avisos sincronizados. Porque, olha só, deduziu Clariana, ele esteve em três guarda-volumes diferentes e... e olha os números! Clariana nasceu em 19 de novembro de 98.

Em casa, a mãe levou um susto quando Clariana o tirou de dentro de uma caixinha de papelão.

– O que é isso, filha?

– O nome dele é Esquisito, mãe, meu novo amigo. Vai me dar sorte na vida...

Colocou-o no quarto, dentro de uma pequena gaiola, com comida e água. A mãe fez um sinal típico de quem diz sem dizer: “Só quero ver”.

Na Biblioteca, a moça perguntou:

– E aí, o rato apareceu de novo? Porque foi feita uma varredura nos guarda-volumes.

Clariana sorriu e disse:

– Sim, mas agora levei ele pra casa. Tá morando comigo...

A moça gargalhou, como quem ouve uma piada contextu-

al, criada na hora.

Ocorre que Clariana havia se esquecido de uma coisa. Havia um gato em casa, e gato presente a presença de rato, vira um bicho do mato, transforma-se em outra coisa. Ocorre que rato também deve pressentir a presença de gato num mesmo recinto acolhedor. Porque, quando Clariana voltou, no dia seguinte, não havia camundongo nenhum dentro da gaiola... Como ele escapuliu foi um mistério, uma vez que sua mãe jurou que não teve nada a ver com o caso.

Alguns dias depois, Clariana conheceu Carlos, estudante de psicologia e, sim, apaixonaram-se, como nos livros. O rapaz sempre estava por perto, sempre com um olho no livro, outro na Clariana, observando-a como se quisesse penetrar em sua mente, dissecá-la. Uma semana depois, começaram a namorar, porque não se pode viver só de enredos literários, é preciso compor a própria história. Clariana não lembrava se leu isso em alguma obra. Mas, enfim, ela o apresentou aos pais dizendo:

— Este é o Carlos. Ele vai ser psicólogo comportamental. E ele me deu um *hamster* de presente...

Com o hamster, então, a história acabava de ganhar aquele charme anunciado. Clariana chamava o animalzinho de... Esquisito.

O único porém é que o gato havia sumido. Clariana jurou para a mãe que não teve nada a ver com o caso.

Confissões de um Bibliotecário

por Adriano Salvi

— Ler é um prazer, mas quando?



Cristiano Motta Fontana

O colega silencioso

por Jéssica Vilvert Klöppel

Fazia quatro anos que Helena trabalhava na Biblioteca Universitária (BU) da UFSC. Essa foi a primeira vez que passou em um concurso e para assumir a vaga precisou se mudar para Florianópolis. Apesar de sentir falta do convívio com a família e com os amigos, sua facilidade de comunicação permitiu que fizesse algumas amizades no trabalho já nos primeiros meses. Lá se sentia bem acolhida por diversos colegas e gostava muito da dinâmica da Universidade.

Em seu tempo como servidora da BU já tinha passado por diferentes setores. Essa flexibilidade era possível por ocupar o cargo de assistente em administração e era uma ótima oportunidade de aprender coisas novas. No seu terceiro ano na BU, foi convidada para trabalhar em uma outra atividade e aceitou. Aos poucos foi se adaptando à rotina que era bem diferente do que estava acostumada na última função que exerceu. Na sala em que trabalhava, o ambiente era mais silencioso e os colegas mais comedidos. Não que não houvesse descontração, mas era diferente não ter um grande fluxo de usuários constantemente interagindo com ela.

Na realidade as coisas estavam indo muito bem trabalhando ali. Gostava do que fazia, pois ainda atendia ao público, mas tinha tempo de exercer outras atividades. E aos poucos



foi desenvolvendo amizade com os colegas que antes eram meros conhecidos. Havia apenas um rapaz que a intrigava, pois era muito quieto. Ele trabalhava na mesa diante de Helena, os dois ficavam frente a frente o dia inteiro, mas não havia diálogo. Ao chegar, ele apenas assentia suavemente com a cabeça quando ela lhe dava bom dia e quando se despediam era a mesma coisa. Não falava mais do que o necessário.

No início Helena achou até que era uma questão pessoal, mas logo percebeu que o mesmo tratamento era dado a todos da equipe. Claro que acabava sendo estranho, ainda mais para ela que adorava desenrolar uma conversa quando tinha oportunidade e era bastante curiosa. Aos poucos foi vendo que o colega era mesmo muito silencioso, inclusive em seus movimentos. Era fácil esquecer que ele estava na sala. Quantas vezes ela pensou que estivesse sozinha e deu uma risada mais alta de alguma mensagem que recebeu no celular, ouviu áudios no viva voz e até começou a cantarolar, sendo sempre interrompida por um discreto pigarro característico dele. Nunca se ouvia o rapaz derrubar nada, ou esbarrar nas coisas. Ao contrário de Helena, que vivia deixando seus pertences caírem no chão e adquiria pequenos hematomas nas regiões dos braços e das pernas devido ao que ela chamava de distração ao passar por portas, mesas, estantes e mobiliário em geral.

Toda aquela quietude era um pouco desconcertante, mas Helena passou a respeitar esse jeito diferente, mesmo que a falta de comunicação gerasse confusão até para se lembrar do nome dele. No primeiro mês, não se recordava exatamente o porquê, pensava que o nome do colega era Luciano, mas depois de um tempo percebeu que não havia nenhum Luciano

na lista de contatos da BU. Foi em um dia quando Helena atendeu uma ligação no setor que essa situação de não saber seu nome se tornou realmente um problema. A pessoa do outro lado da linha parecia bastante nervosa e pedia que ela fizesse o favor de repassar um recado para um homem de um nome que Helena nunca tinha ouvido falar. Chegou a pensar em desligar, mas a pessoa insistiu muito dizendo que precisava repassar a mensagem, pois havia um amigo em comum dos dois que estava muito doente e não tinha outro canal pelo qual pudesse fazer contato. Helena resolveu anotar o que a pessoa falou, mesmo sem entender muito a situação.

Justamente naquele momento não havia ninguém na sala para quem pudesse perguntar quem seria o destinatário da mensagem. Poderia ser um servidor de algum outro setor, de outra Biblioteca do sistema, ou até alguém que já tivesse se aposentado. Ou talvez algum colega terceirizado da segurança ou da limpeza. O fato era que Helena agora tinha a missão de encontrá-lo. Determinada, primeiro consultou na lista de contatos da BU e encontrou alguém com aquele nome. Para sua surpresa, a pessoa trabalhava no mesmo setor que ela. Logo pensou: “Será que é o meu colega silencioso?”. E sem ter para quem perguntar ali, foi até a secretaria da Biblioteca para confirmar a informação.

Depois que descobriu que era mesmo aquele rapaz que se sentava à mesa em frente à dela, ela e uma servidora da secretaria verificaram que ele não tinha um número de telefone pessoal para contato. A única forma de passar o recado seria pessoalmente ou por *e-mail*. Mas como ele morava um pouco longe da Universidade e totalmente fora da rota cotidiana de

Em cada canto um conto

Helena, ela lhe encaminhou um *e-mail* com o recado para que pudesse ler no retorno das férias, que seria dali a três dias.

Quando o colega retornou, ela pensou em comentar sobre o *e-mail* encaminhado, questionar se o tal amigo tinha melhorado, mas ele nunca dava abertura. Sempre preocupada, ela ficou um pouco sem saber o que fazer e com dúvidas se ele havia lido a mensagem, pois não havia falado nada e nem demonstrado alguma reação, mas decidiu não pensar mais nisso.

Umás três semanas depois da volta do colega, Helena viu em sua caixa de entrada um *e-mail* encaminhado por ele. Pensou que finalmente teria um agradecimento pelo repasse da informação ou então algum comentário sobre o estado de saúde do amigo. Mas, quando abriu o *e-mail* não acreditou no que estava escrito ali. Olhou por cima do computador para a mesa dele e o viu claramente constrangido olhando para ela. No *e-mail* constava o seguinte texto:

Bom dia, Helena!

Você poderia, por favor, fechar a persiana da janela atrás de sua mesa? Nesse horário o sol pega diretamente no meu rosto e me atrapalha um pouco.

At.te

Helena ficou bastante surpresa, principalmente por ele saber seu nome mesmo sem nunca antes ter se dirigido a ela, mas atendeu ao pedido do colega. Em retribuição recebeu o clássico aceno de cabeça dele. Ela passou o restante do dia pensando em quantas coisas o rapaz já havia necessitado e não tinha coragem de falar, ou quantas vezes, naqueles cinco meses que ela estava no setor, ele já havia trabalhado com o sol atrapalhando e não pedia que a persiana fosse fecha-

da. Helena percebeu que havia realmente uma dificuldade na comunicação. E resolveu responder ao *e-mail* perguntando se estava bom depois de ter fechado a persiana. Quem sabe aquela situação não poderia despertar um diálogo entre os dois...

Comédia romântica

por Clarice Fortunato

Era um dia comum no cotidiano de Dora, uma Bibliotecária recém-empossada no setor de empréstimo da BU. Aos estudantes que frequentavam a Biblioteca, passava a impressão de ser bastante jovem para o cargo. Naquele dia ensolarado, ela se vestia com a simplicidade habitual, um vestido amarelo mostarda leve e fresquinho, os cabelos, pretos e crespos, presos de um lado por tranças raiz. Ela acordou atrasada, depois de ficar na cama por mais cinco minutos e acabar dormindo por meia hora. Não seria possível tomar o café da manhã! Chegou ao trabalho com o coração acelerado e, prontamente, foi atender no balcão. Antes, ficou de costas para responder ao colega que a interpelara sobre reservas e, ao virar-se, foi acertada por olhos muito negros. Estava fisgada, como um peixe, sem relutar; pior, queria morder a isca, ser presa fácil. Quando finalmente se desvencilhou, examinou a garota: o rosto muito redondo, os lábios carnudos, os cabelos parecidos com os dela. Reparou que ela vestia um short de alfaiataria preto e uma blusa com estampa étnica. Dora sorriu nervosamente quando a menina entregou os livros que tinha nas mãos, solicitando o empréstimo.

— Ótima escolha — sussurrou, apontando para um exemplar de *Um defeito de cor*.



A estudante sorriu lisonjeada e saiu, abreviando a tentativa de prosa. Dora ainda seguiu a estudante com os olhos, mas o próximo da fila colocou uma pesada pilha de livros à sua frente, trazendo-a de volta ao trabalho. Depois, ela ficou reflexiva. “Será que ela teria sido invasiva pelo interesse repentino na garota?”

Desde sempre Dora sabia ser “diferente”, nunca gostou, por exemplo, de brincadeiras de meninas. Aos seis anos de idade, foi matriculada na aula de balé. A mãe comprou meias, maiô, sapatilha e sainha rosa de tule. Amarrava-lhe o cabelo no alto da cabeça num coque tão apertado que parecia puxar o cérebro e, juntas, passavam os passos básicos da dança:

— Ponta dos pés! Mais alto! *Plié, tendu, rond de jambe, fondu, frappé...* De novo!

A menina até que fez as primeiras aulas entusiasmada porque era novidade, mas não tinha movimentos expressivos para a dança. Fazia “corrida de balé”, saltitando como um lêmure, deixando a professora em pânico. Não bastasse isso, a pequena Dora achava a maioria das colegas do balé metidas. Sempre que podia, esbarrava numa delas durante o “galope” e seguia a dança, como se nada tivesse acontecido.

— Abdome para dentro, porte de bailarina! — A instrutora lhe corrigia a postura, em tom disciplinatório.

Num desses episódios, ao contrair a barriga, a garota libertou um bufo tão barulhoso, que nem a professora conseguiu segurar a gargalhada. Dora — como você deve imaginar — não achou nada engraçado. Ruborizada e chorosa, trancou-se no banheiro e só saiu de lá quando a mãe foi buscá-la. Nunca mais voltou para a dança. A mãe ainda insistiu para que ela

praticasse alguma atividade física.

– Quero fazer judô! – disse, resoluta.

– Judô não é esporte para menina, minha filha!

Depois disso, Dora não insistiu para fazer judô, sabia ser inútil. O tempo livre, ela passava lendo muito. Lia de tudo, até bula de remédio.

Quando entrou na faculdade, Dora foi expulsa de uma república para meninas ao ser flagrada beijando a colega de turma com quem se reunia todas as tardes para estudarem juntas. O sentimento de vergonha e inadequação mobilizou Dora de tal forma que ela nunca mais teve qualquer namorico. Decretou-se um exílio apolíneo, dedicado exclusivamente aos estudos, embora persistisse um arrebatamento tresloucado a crer num inevitável retorno de si, real ou inventado. Ansiava pelo tempo em que seu coração poderia repercutir acordes felizes, na plenitude de sua liberdade. Mas voltando ao flerte – porque o leitor deve estar curioso –, Dora ainda pensava na garota algum tempo depois. Pela matrícula, deduziu que era caloura. “Vitória”, repetiu o nome. “Será que ia vê-la novamente?”, ponderou. Pensava nisso, quando olhou para a fila e viu a garota novamente. Seus olhos cintilaram; o coração disparou num alegre sobressalto. “Preciso esconder a desinquietação ou vou parecer doidivana.” Tomou um gole de água, mas esqueceu que trocou a garrafa, e metade do líquido ensopou-lhe a roupa. Mesmo assim, ela fez “a plena” para não perder o atendimento da garota que, agora, usava roupas de estilo totalmente diferente de antes. Além disso, parecia mais simpática. Ou será que ela estaria rindo do seu jeito estabonado?

— Como você mudou o visual tão rápido... Vitória, não é? — perguntou Dora, confusa.

A garota divertiu-se com a situação, acostumada a ser confundida.

— Vitória é minha irmã gêmea, você deve ter atendido ela. Meu nome é Alice.

A Bibliotecária riu de si. “Um *crush* em dose dupla?”, pensou. Aproveitou a abertura que Alice dera para perguntar, jogando “um verde”, se as irmãs almoçavam no Restaurante Universitário.

— Você sabe me dizer se a fila do RU está grande hoje?

— Almoçamos às onze, não tinha fila. Agora deve estar gigante — respondeu Alice.

“Bingo!”, pensou Dora, satisfeita pela descoberta. Agora sabia onde encontrar Vitória.

Naquele dia, Dora acordou bastante animada para ir trabalhar e se programou para almoçar às onze. Só conseguiu sair um quarto de hora depois. Chegando ao restaurante, não avistou Vitória ou a irmã dentro do refeitório. Parecia que todos os estudantes resolveram almoçar mais cedo, a fila estava enorme. A comida do restaurante exalava um aroma tão inebriante que despertara o apetite de Dora. Esperou e nada! Entrou e se serviu. Passava de meio-dia e nem sinal de Vitória. Voltou ao trabalho contrafeita e passou o resto do dia triste. Por que estaria tão fascinada por Vitória, tão arrebatada por um romance platônico — se é que podia chamar assim o *affair*? De repente, se deu conta de que esteve tão distante de si que, agora que regressara, era legítimo que se deixasse transbordar desse “eu” outrora desertado.

Na manhã seguinte, Dora acordou com um humor tão melancólico que combinava com o clima cinza de “Pluvianópolis”, como ela chamava Florianópolis nos longos períodos chuvosos. Antes de sair, foi alimentar Pandora e, para sua perplexidade, a petizinha, tão atrapalhada quanto a dona, embrenhara-se no saco de ração, a barriga rechonchuda de tanto comer. “Parece a dona quando está na TPM, a pobrezinha, devora o que vê pela frente”, divertiu-se ela. Tratou de dar um jeito na bagunça feita pelo filhote, engoliu um café com leite e saiu atrasada, novamente. Tomou o ônibus Córrego Grande e, surpresa, deu de cara com a protagonista dos seus pensamentos, sentada após a catraca. Dora a cumprimentou e aceitou quando ela, gentilmente, ofereceu-se para segurar a mochila, já que não havia acentos no ônibus lotado. Só então percebeu, atônita, que na bolsa da garota estava escrito “Alice”. Animadamente, conversaram durante todo o trajeto até a Universidade. Ambas, a cabeça em turbilhão, com mil perguntas a fazer, mas, sem querer ser inconvenientes, falaram apenas sobre assuntos prosaicos, como o dia chuvoso e a fila costumeira da João Pio Duarte. Ao descerem no ponto da BU, um sentimento de surpresa e frustração invadiu Dora quando Vitória veio ao encontro de Alice, de mãos dadas com o namorado. Ela ponderou se ainda havia a chance de um *date*. Por que não? Afinal, Alice sorriu docemente ao lhe estender a mochila. O sorriso de Dora se espelhou no dela, traduzindo seu melhor reflexo. E as mãos se tocaram num breve imprevisto.



Consulta

por Adriano Salvi

Diante da prateleira de livros de psicanálise, o leitor parecia perdido, mas procurava se encontrar.



O Don de Carlito

por Ana Maria Gonçalves Martins

Quantas identidades se interseccionavam nos mundos de Carlito? Quantas imagens circundavam as alegorias escondidas na sua mente? A rua, sua morada, em todas as estações do ano, e que guardava o seu coração, era a sua principal alegoria de vida.

Mas quantos sonhos barulhentos e sem lar viviam dentro dos nós das suas palavras simbólicas? Nenhuma menina conseguia descobrir, quando ele arregalava os olhos e as expressava, desde as escuridões do de repente.

Caminhava, por vezes, sem sentir o chão das ruas diárias, que se faziam conhecidas e testemunhas do desconhecido de si próprio, ou do que se revelava bruscamente, sem que ele conseguisse substanciar impedimento. Mas havia um lugar que lhe fazia como que voltar para uma espécie de casa efêmera: fez habitação periférica nas redondezas Ufscinianas por um tempo em que ele se acolheu em meio abraço. Caminhava largo, sem chinelos, os pés bem o sabiam. Tinha dias que tomava água pelos pés, gole por gole; as pernas não acompanhavam o ritmo do coração, guiado pela rotina que morava no tempo do primeiro livro; lido tantas vezes pela mesma obediente e retalhada interpretação.

E nesse compasso, deixando os pedaços, um dia teimou



no sono; bem na frente da Biblioteca Universitária. Busca desconsciente por interseccionar, num mundo só, as imagens, ainda vivas, criadas na primeira leitura da sua história literária e das suas próprias interpretações, para as quais não forcejava repressão. Sonhou que calçava botas marrom eterno; vestia camisa branco gelado, calças descansadas num preto à la espanhola e lenço vermelho inquieto, na cintura obediente. Dançava com os pés puros entre os filhotes de grama e quando se desequilibrava, em consequência de passos desobedientes, parava, conversava insinuante com o silêncio inquieto dos diálogos estudantis femininos, olhava para todos os lados como que procurando a história inteira, protagonizada pelo seu Don, baixava a cabeça, levantava a cabeça, e buscava o que havia por debaixo de seus pés.

Foi nessa curvatura, à prestação de serviços retiniais, que Carlito entregou-se a uma imensa mirada não planejada àquelas que são descendentes da linhagem das amigas das vespas e abelhas; laço por causa das suas capacidades de organização biológica; e que são personagens de muitas fábulas, como representantes das grandezas: trabalho e esforço cooperativo.

Da posição contrária à de Carlito as imagens fílmicas eram outras. Bifurcavam-se numa só, quando, na luz captada pelos olhos compostos dessas pequeninas, era projetada a atenção absorta do órgão da visão de Carlito, que fazia dele um resumo de duas imensas bolitas.

Em expressão de dor de barriga com pressa e alergia corporal: — Corrammm!!!

É o que ouviríamos as formigas gritarem se soubessem falar, quando os seus olhinhos de desenho animado encararam

os olhos arregalados de Carlito. Enquanto corriam, buscando vencer o barro molhado de café derramado por algum estudante apressado, liquidado debaixo da grama, elas olhavam para trás com meios olhinhos que mais pareciam inteiros; enquanto a boca de Carlito era fiel estridente à sua expressão de contemplação natural: — Tor-tuuu-raaa! — gritou ele.

Uma formiga prendeu uma das pernas num bloco de barro: desesperada, puxava a perna, olhava pra trás, segurava a raiz de uma centelha de grama, puxava a perna, olhava pra trás, segurava a raiz de uma centelha de grama. Três companheiras vieram, pé por pé, ajudá-la. Carlito acordou.

As formigas também.

A mente e o corpo de Carlito reorganizaram-se, no seu ambiente Ufsckiniano, com muita sede. O sol, que se encolhia, e a energia das conversas femininas lineares, distantes dos seus cruzamentos ondulantes, tinham secado o seu rio de infante. Mesmo assim, despediu-se por minutos perdidos, olhando um passarinho que também acordava no galho da árvore próxima. Quando o animalzinho livre sentiu uma inesperadacoceira na sua asa direita, volveu a cabecinha e encontrou os olhos de Carlito... converteu-se em velocidade de pedra lançada no ar da vida. Chegou ofegante e grato ao último galho de uma das árvores, nascidas há tempos, lá, no meio do bosque.

Enquanto o passarinho se recuperava da mudança de lugar, de galho e de estado, Carlito já estava subindo as escadas da Biblioteca. Cada passo, um compasso, uma força remetida sobre o chão conhecido. Peso que a menina dos olhos conhecia pelo peso das páginas que ainda lia e as sentia, desatinado, ao mesmo tempo em que sua ascendente ainda as escrevia,

no seu coração: “Sai daqui, senhor De Molina. Vá criar seus personagens em outra história. Vá embora e leva teu Juan contigo. Minha história já me basta, já me cansa, já é só minha; já divido castigada minha escrita noturna com um autor que interpreta seu próprio Don. Isso é tor-tuuu-raaa!”.

As lembranças fizeram-se no seu peso corporal para finalizar os degraus e dirigir-se à bancada de empréstimos de livros: junto com seus braços que pousaram na estrutura arquitetada, pousaram as identidades de todos os seus mundos interseccionados: filho-leitor, autor-personagem; revelaram-se todas as suas alegorias; silenciaram-se todos os seus eus sonhadores à deriva das *calles* sonâmbulas, que tonteiam a índole das plantas e dos bichos; seu coração aconchegou-se; e no seu fôlego, desataram-se no som pulsado: — Eu que-ro um li-vro.

Seus olhos acompanhavam o pulso do som, sem movimentar o ar com frequência nenhuma, e as suas buscas inercialaram-se nos olhos da Bibliotecária que estava ali, não para administrar tantas linguagens reunidas, mas para atender uma por vez.

Nada se moveu. E a ação da Bibliotecária se fez no som de uma folha quando o vento está viajando:

— Qual livro o senhor quer?

Carlito, em espaço de respiração e tempo de fotografia, na relação com Valência, respondeu:

— Tor-tuuu-raaa... e Don Ju-an.

Valência, buscando transformar o espaço em oxigênio e a fotografia em filme, respondeu:

— Tortura: não disponibilizamos. Não temos uma história já escrita, sob esse nome. E o Don Juan foi levado por um

Doutor Acadêmico. Há uma grande lista de espera para ele: quando for devolvido, haverá muitos releitores disputando-o.

A decepção fez-se constante em instante; na existência de Carlito. O tempo e o espaço recuperaram as suas forças e as suas autonomias, em todas as relações daquele ambiente; as buscas de Carlito revoaram para dentro do seu mundo, apresentado em conjuntos.

Ele retirou os braços da peça construída para atendimento e devolveu-os para que acompanhassem o seu corpo na posição vertical; como um soldado, após entregar o que sobrou da guerra.

Olhou pelo basculante aberto, acima das estantes que antes poderiam sustentar as suas costas, e viu desenhada no céu das noites sem fim, das quais as ruas interminas são agregadas, a palavra: — *Cállate*: teus olhos resguardam-se entre ossos bem fortes e nervos bem resistentes. Mas chamo teu coração para *vivir aquí*.

Carlito, que está — no tempo; está à deriva das suas heranças e dos seus pedaços que não conseguem fazer as pazes. Não compreendeu o seu próprio pedido de — socorro. Sem embargo, os seus pés, sim.

Pintou-se de Don. Com passos largos: em cada passo, um compasso. Como que quase trabalhando exercícios para fortalecer a cintura, saiu do atendimento e foi até o bebedouro em frente aos banheiros. A vontade de sede, que se perdeu no seu fluxo mental, se achou na energia do grupo feminino da primeira mesa, adiante do *cuarto de baño*.

Imóvel, e ainda intercambiando a função inflamada do seu sentido de posse pela visão, que exclui os demais, mirou

a menina sentada na mesma simetria de direção recíproca com ele. Ali, daquela cena recortada; não se mexeu. A menina piscava num sem parar, e as colegas diziam que ela não devia mexer-se. Da distância, Carlito só enxergava os cílios dela para baixo e para cima: agitados. E as colegas eufóricas.

A estudante tinha limpado os olhos com as mãos sujas de farelo de bolachinha recheada: alguns grãos mergulharam para dentro dos seus olhos, que eram de um castanho bem acordado.

Carlito, em dois passos bambos e aliviados, já estava à frente da menina, com seus olhos arregalados, que alimentavam palavras arregaladas, acreditando fazer parte do mesmo mundo daquela agitação; foi quando, a agonia da estudante, por seus olhos vermelhos e irritados, a levou em sopro de vento fabricado até o *cuarto de baño para chicas*. Ação que a reação foi ventar seu braço direito no braço direito de Carlito, que estava parado à sua frente. Ele nem tinha se despedido do seu expediente alucinado, e ela já estava lavando todo o rosto na pia do banheiro. Do lado de fora dava para escutar a torneira acionada no seu máximo de capacidade.

Envolvido demais no movimento, Carlito virou-se e quase foi atropelado pelas três colegas da aluna que, como rebanho de três, entraram no banheiro atrás da companheira.

Os estudantes que compunham as mesas vizinhas e os funcionários atentaram-se para a sequência de cenas, e na prevenção da vindoura que poderia ser concretizada por Carlito, caso os olhos da estudante não estivessem envolvidos na trama do farelo de bolacha; o segurança do térreo foi chamado para retirar Carlito do andar. Ele, junto com todas as suas

linguagens, pediu ao segurança, na metade do caminho, para sair sozinho. Seus pés conheciam aquele trajeto Ufsciniano. Lá fora, as noites e suas agregadas continuavam enredadas e infindas; mas dispostas às releituras e às reescrituras dos seus moradores.

Os pés de Carlito, cansados e só seus, lhe bastavam. Pesaram no grito do seu coração, no interpretar que refazia, da escrita da sua ascendente: “[...] já divido castigada minha escrita noturna com um autor que interpreta seu próprio Don. [...]”. Saiu correndo pela porta central de acesso à BU e revoou para a morada capitã e guardiã do seu coração.

Dos itinerantes

por Ana Esther Balbão Pithan

Às vezes, em nome da amizade, pagamos micos inacreditáveis... Acontecimentos que podem detonar de um minuto para o outro com a nossa reputação respeitosa! Tão inusitado é o mico que paguei em nome de uma amizade excêntrica, que resolvi relatar aqui a verdade dos fatos para que algum leitor acredite em mim e possa vir a me defender, em nome da verdade...

Sou estudante do curso de Mestrado em Letras na UFSC e dedico-me atualmente à minha pesquisa sobre literatura de terror. Entre os colegas, alguns se tornaram amigos por afinidade. Uma delas é a Anucha, colega que recém retornou da Índia onde passou um bom tempo em Rishikesh fazendo retiros espirituais bem como cursos avançados de yoga e meditação. Ela mora numa república com colegas de outros cursos e lida com dificuldades financeiras para manter-se e concluir seus estudos. Sabendo de sua situação, alguns colegas sugeriram que fizéssemos sessões (mediante preços módicos) de meditação com a Anucha visando um relaxamento das tensões do curso de Mestrado. Ela concordou e animou-se toda.

Mas onde? O local para as sessões passou a ser o obstáculo maior. Anucha e nós três combinamos um primeiro encontro nos jardins do *campus* universitário. Lindo, em meio à nature-



za! Sim, mas havia formigas nos mordendo, insetos voadores variados que em meio a nossa concentração teimavam em nos distrair, pessoas circulando por ali e tecendo comentários irônicos ao nos ver meditando... Assim, após duas sessões, desistimos e tivemos que pensar em algum outro local.

Muitas foram as tentativas: salas de aula desocupadas serviram de palco para rudes interrupções no auge... da conexão com o nosso Eu superior; corredores vazios em intervalos entre turnos nos expuseram a sermos confundidos com moradores de rua ou estudantes fugindo das aulas (sem falar na vez que o agente de limpeza varreu nossos tapetinhos); o RU quase antes de fechar não deu certo, pois os odores de comida impediam nossa concentração e nos levavam a comer ainda mais em alguma lanchonete; a garagem do edifício de um dos colegas; três ou quatro bares não movimentados... E seguíamos tentando de tudo, pois por mais incrível que pudesse parecer, a meditação da Anucha produzia uma paz impagável, e os frutos que começávamos a colher nos faziam persistir. Todavia, sempre havia algum empecilho que levava a sessão do relaxamento ao conflito com gente que se incomodava com a nossa presença meditativa — já contei daquela vez em que fomos meditar à noite junto ao Planetário e nos confundiram com marcianos? Até houve um dia em que radicalizamos e fomos meditar na Praia da Galheta! Infelizmente foi impossível nos concentrarmos... pelo menos não nas técnicas de meditação.

Até que eu tive uma ideia genial. Não sei como não nos ocorrera antes essa possibilidade tão óbvia. As saletas de estudo da Biblioteca Universitária! Um lugar para lá de propício

à meditação. Silêncio, privacidade, ambiente climatizado, atmosfera tranquila sem qualquer tipo de intempérie. Começamos então a nos encontrar na BU duas vezes por semana, após as aulas, com o fim específico de meditar para atingir um equilíbrio dos chacras que nos livrasse da insônia, o mal comum entre os três alunos da Anucha.

No início, nós até dissimulávamos, não chegávamos juntos para dificultar a identificação do grupo, fazíamos umas falsas consultas aos computadores, passeávamos pelas estantes de livros e após este ritual cada um dirigia-se para a saleta de estudos. Espalhávamos os livros pela mesa, folheávamos algumas páginas enquanto conversávamos sobre os objetivos da meditação naquela sessão. Após esta encenação básica, esquecíamos os livros completamente e nos entregávamos aos exercícios iniciais de respiração.

Ao percebermos, no entanto, que, aparentemente, a nossa atividade subversiva não havia sido detectada, fomos relaxando não apenas na meditação, mas também na vigilância. Chegávamos juntos para nossos “estudos” na saleta, nem nos preocupávamos mais em passar pelas estantes de livros. Uma vez a sós na saleta, iniciávamos nossa sessão de meditação com a nossa Guru Anucha. Estávamos no auge da felicidade e da confiança.

Conseguimos levar adiante o nosso intento por umas quatro semanas. Outros colegas já solicitavam uma vaguinha nas sessões da Anucha que, por sua vez, vislumbrava um futuro próspero como instrutora de yoga. Já para nós três, era uma verdadeira maravilha. Os resultados estavam se fazendo notar. Eu mesma andava “superzen” com noites sucessivas

de um sono profundo e reparador. Quanta diferença, sentia tudo isso se refletindo em meus estudos que rendiam muito mais com menos esforço. Até que... sempre há um até que...

Bem, até que numa fatídica sessão de meditação na nossa, já cativa, saleta de estudos da BU, a Anucha se empolgou com uma nova técnica meditativa que empregaria conosco e resolveu apagar a luz para que o ambiente de penumbra surtisse um efeito profundo, místico, quiçá quântico... O fato é que, com sua meditação guiada, fomos instruídos a sentir o nosso corpo com as mãos, desde os pés, as canelas, as coxas, a cintura, passando amorosamente pelo chacra cardíaco, subindo pelo pescoço e acariciando a cabeça, sede dos chacras frontal (da terceira visão) e do coronário, a conexão com o divino em nós! Desta forma, nos desconectamos com a realidade exterior e entramos em concentração profunda, uma sensação inenarrável. Não sei precisar quanto tempo permanecemos neste estado fantástico de conexão com o nosso Eu superior.

Despertei com a voz do funcionário da BU que abriu a porta e nos tirou de nossa meditação sem dó nem piedade com sua voz possante. Ainda meio atordoados, sonolentos mesmo, retornamos à realidade premente. Como explicar a nossa condição? Ele mal continha um sorriso por descobrir o nosso ato de depravação! Percebemos que havíamos caído no sono, estávamos descabelados devido às carícias nos chacras frontal e coronário. Um dos colegas, timidamente, teve a presença de espírito de falar que estávamos meditando um pouquinho antes dos estudos... afinal, não podíamos revelar que a saleta de estudos da BU havia virado o estúdio de meditação (remunerada) da Anucha. Quanto a mim, morri de ver-

gonha! Eu, uma respeitável mestranda, apanhada em circunstâncias suspeitas (já imaginei em minha mente hipercriativa a manchete do jornalzinho universitário: “Mestranda flagrada em orgia sexual em saleta de estudos na BU”). Acreditem em mim, não foi nada disso!!! Desde esse baita mico, passei a disfarçar o meu visual sempre que vou à Biblioteca.

Mesmo após o vexame, ao invés de desistirmos de tudo perseveramos em nosso intento. Porém, não termos um local fixo para nossas sessões, nos tornou itinerantes. Novamente, estamos tendo que encontrar um novo local para nossas sessões. Mas onde? Tudo o que desejamos é paz. Onde encontrá-la?

— Já sei! Vamos meditar no Templo Ecumênico da UFSC! Como não pensei nisso antes? — disse a Anucha com os olhos brilhando diante da nova possibilidade. — O mico que pagamos na BU pelo jeito não foi e nem será o último...

Corredor de Biblioteca

por Adriano Salvi

Ali foi que encontrou as maiores aventuras de sua vida.



À espreita

por Ivonita Di Concílio

A Biblioteca possui uma grande parede envidraçada, que fica atrás da mesa do Bibliotecário. A Biblioteca fica no térreo do prédio e essa parede dá vista para o estacionamento do *campus* da UFSC, porém há pouco movimento de pessoas nesse local. Certa vez, enquanto trabalhava, numa noite de sexta-feira, o Bibliotecário Diego começou a ter a sensação de uma presença próxima de si e sentiu que estava sendo observado.

Desconfortável com essa impressão, olhou para trás e levou um susto tão grande que quase caiu da cadeira. Realmente, alguém estava à sua espreita pela grande vidraça. Notou surpreso que não era um vulto, mas a pessoa havia entrado na Biblioteca. Era uma mulher negra, muito simpática.

— Não se assuste, amigo. Estou à procura de alguém para conversar.

Diego, certo de que a intrusa era da faxina noturna, sentiu-se desconfortável.

— A senhora não poderia fazer seu serviço em outro local? Aqui, como pode ver, é o espaço para leitores e logo estará ocupado. Não é possível fazer limpeza com pessoas presentes.

— Mas, meu jovem, você está enganado... Não sou da turma da limpeza, sou...



O rapaz a interrompeu um pouco ríspidamente.

— ... dona, a senhora faz o seu serviço e deixa eu fazer o meu. O meu é manter este espaço para leitores, que deverão chegar daqui a pouco. De mais a mais, o salão está muito limpo...

— Se você não me reconhece, vou me apresentar: Antonieta de Barros, ao seu dispor — disse ela com um sorriso amigável —, a primeira negra brasileira a ocupar uma cadeira política, como deputada no Brasil e, como também sou jornalista, vejo que esta Biblioteca, com seu espaço confortável, convida a um bom bate-papo. Se você permitir, chamarei algumas pessoas ilustres para nos reunirmos aqui. Posso?

O Bibliotecário, passado o primeiro susto, pensou: “Devo ter cochilado, isto é sonho ou alguma brincadeira dos alunos, mas vou continuar a brincadeira”.

— Por coincidência, há pouco eu estava lendo a bela trajetória de Antonieta de Barros, num livro recém-escrito pela jovem escritora negra Jeruse Romão (agora estou entendendo esta minha miragem; influência, pensou ele). A propósito, estamos apenas começando nosso período noturno e o movimento está muito fraco... Uma conversinha para passar o tempo, até que vai bem.

Arrastando algumas poltronas confortáveis, formou um círculo, enquanto a inusitada visitante se dirigia à vidraça para encaminhar o primeiro convidado da improvisada tertúlia. Apoiando-se numa linda bengala com castão de madre-pérola e de braço dado com a anfitriã, chegava o imponente Doutor Hercílio Luz — aquele da ponte.

Com esse novo personagem, e prevendo outros, Diego ava-



liou que estaria febril ou sonhando e decidiu se entregar ao delírio.

Doutor Hercílio sentou e iniciou seu relato à atenta professora (como se ela não soubesse...), sobre algumas particularidades do projeto de seu sonho: a ponte que uniu a Ilha de Santa Catarina ao Continente, quando aconteceu outra materialização. Era um homem com uma barba muito farta, usando um vistoso gibão, cartucheira e chapéu com uma bela pluma. Um típico e estereotipado bandeirante saído, obviamente, de um livro de História.

Numa reverência afetada, tirou o vistoso chapéu e cumprimentou os presentes, apresentando-se:

– Francisco Dias Velho, ao dispor de vossas excelências. Agradeço o amável convite para participar desta supimpa tertúlia, nada mais saudável do que nos aproximarmos de quando em vez...

Mal o bandeirante sentou, o agora engajado e entusiasmado Diego já encaminhava um novo participante para se integrar ao grupo. Dessa vez era um homem alto, com um macacão e a cabeça protegida por um estranho boné. Muito falante, vinha “enrolando” um português afrancesado. Os demais o olhavam interrogativamente:

– Senhorres, *bonsoir*... Mim ser escritorr. Aviadorrr. Antoine de Saint- Exupéry...

Um “oh” unísono demonstrou a alegria e admiração dos dois participantes mais recentes, Doutor Hercílio e a professora, porém o fidalgo, personagem muito mais antigo, estranhou bastante o “arreesado no linguajar” e precisou de uma explicação da professora sobre o “gajo”, enquanto Doutor

Hercílio Luz fazia as honras ao nobre escritor conversando com ele, em francês.

Diego, como bom Bibliotecário que era, ensaiando um francês acadêmico, contou a Saint-Exupéry sobre como ele era lembrado na Ilha e como os moradores mais antigos do Campeche ainda falavam nele. Maravilhado, o francês exclamava “*ob la lá*” a cada menção sobre ruas ou prédios com seu nome ou de sua obra máxima *O Pequeno Príncipe* naquele local onde ele vivera, muitas vezes, quando fazia suas viagens aéreas, no século XX. Transpuseram a vidraça, também, duas imponentes e contrastantes figuras de séculos diferentes, mas com os mesmos pendores poéticos: um deles, rigorosamente trajado, era negro e o seu companheiro, vestido mais displicentemente, era loiro. Foram, os dois, aproximando-se dos demais e logo Diego os identificou: Cruz e Sousa e Lindolf Bell. Cruz declamava seu *Broqueis* dando espaço para Bell expor sua *Catequese poética*, numa espécie de desafio cultural muito amigável.

E a noite ia ficando cada vez mais animada. O casal Anita e Giuseppe Garibaldi veio se juntar aos convidados, e a Heroína dos Dois Mundos até cantarolou uma linda cantiga dos seus tempos, na antiga Laguna, quando entraram mais dois “materializados”, para contar suas histórias.

Victor Meirelles, o autor da *Primeira missa no Brasil*, divertia-se com seu companheiro, Meyer Filho, que gesticulava formando traços imaginários de galos fantásticos, num contraste de eras inimagináveis.

Muito descontraídos vinham se aproximando o decano Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva — o Arcipreste Paiva — e Dom Jaime Câmara, ambos com vasta trajetória na História

Eclesiástica de Santa Catarina.

Como o encontro era muito eclético, a professora Antonieta convidou duas freiras: a paulista Joana de Gusmão, grande educadora e fundadora da primeira escola feminina de Florianópolis, que foi construída no mesmo local onde hoje fica o Imperial Hospital de Caridade. Muito contrita, ao seu lado, vinha a primeira santa catarinense (de coração), Santa Paulina. Como essas duas tinham histórias piedosas para contar...

Uma inesperada dupla se aproximava também. Eram Dona Neusa Mendes Guedes, cavalheirescamente conduzida por Salim Miguel. A professora Antonieta de Barros, com sua sorridente simpatia, foi ao encontro deles e fez as devidas apresentações:

– Dona Neusa foi uma das fundadoras do NETI, que vem incluindo idosos da comunidade nas atividades da nossa UFSC. Salim Miguel, grande escritor, foi Diretor da Editora da Universidade e ambos têm uma grande e emocionante trajetória para nos encantar.

A certa altura, Dona Antonieta alertou Diego de que já estava quase na hora de encerrar seu turno na Biblioteca. O Bibliotecário, no entanto, estava tão interessado em ouvir as emocionantes reminiscências dos convidados que até propôs fazer “hora extra”, ao que um recém-chegado se opôs. Era o professor Ferreira Lima, que fora o primeiro reitor da UFSC e, com resquícios de mandante, disciplinou a tertúlia. Com ele havia chegado o ex-governador do Estado Felipe Schmidt, que concordou com sua determinação.

Ficou, então, estipulado que o encontro teria somente mais uns minutos, a fim de que todos pudessem fazer suas

despedidas e quem quisesse cantar ou declamar teria sua vez.

Diego, olhando pela vidraça, notou que lá fora estavam outros vultos, literalmente, que desejavam entrar e fazer parte do seletto e animado grupo. Gesticulando avisou que não poderiam entrar, ao menos naquela noite.

Retornando ao espaço ainda ouviu a explicação do austero Arcipreste Paiva, que esclarecia algumas dúvidas sobre o seu título:

— Arcipreste — dizia ele — não tem nada a ver com a árvore “cipreste”, como muitos pensam. É o termo aplicado a um decano eclesiástico, acima de cardeal, na Igreja Católica. Tive o grande privilégio de receber essa honra. Como já estamos terminando nosso agradável encontro, peço a Deus que abençoe a todos. E assim se despediu rumando para a presumível saída.

Anita mostrava-se sonolenta e descansava a cabeça no peito de Giuseppe, que a despertou delicadamente. Fazendo elegante reverência às damas presentes numa despedida muito graciosa, o casal se retirou, com Anita disfarçando um bocejo.

Um a um, notadamente relutantes, os entusiasmados históricos foram se despedindo e agradecendo a ideia da tertúlia em tão confortável e aprazível local, como aquela Biblioteca da UFSC, proporcionando-lhes momentos tão agradáveis e, como disse Dias Velho: muito supimpa!

Diego acordou com as batidas na vidraça, atrás dele. Sobressaltado, olhou para a janela, certo de que estaria lá um



daqueles vultos em busca de algo esquecido.

Era o vigia da noite avisando-o de que deveria tirar seu carro do estacionamento. O grande livro de História de Santa Catarina jazia aberto sobre a mesa e a sala, como antes, estava vazia...

Um estagiário, um porão e um balão vermelho

por Luiz Felipe de Limas

Quando eu comecei a trabalhar como estagiário na Biblioteca Universitária da UFSC, eu tinha uma imagem muito clara do que me esperava por lá — silêncio, calma, alguns livros esquecidos, *e-mails* e notas de aviso para tais livros esquecidos, uma eventual bronca em um grupo de estudantes especialmente barulhento. Quem sabe algum tempo livre navegando na internet e mais livros. Eu esperava que fosse uma série de tardes tranquilas, nas quais eu pudesse afundar minha mente na quietude da Biblioteca, e quem sabe conseguir colocar em dia algumas matérias atrasadas do meu curso.

O que eu não esperava, de fato, era um grupo de crianças frenéticas usando a Biblioteca como um aparente abrigo para criaturas sobrenaturais durante o mês de outubro.

Bom, aconteceu mais ou menos umas duas semanas depois que comecei meu estágio por lá — duas semanas que, preciso ressaltar, foram povoadas por paz e tranquilidade. E também foram as duas semanas mais curtas da minha vida. Tão logo ouvi as crianças entrando, correndo pela porta da frente da Biblioteca, algo me disse que meus dias de silêncio recém-descobertos já estavam com data para acabar. E a data era aquele



exato dia.

— Ei, galera, um de cada vez, por favor! — eu disse, conforme colocava meu livro em cima da mesa e olhava as crianças se aglomerando para poderem passar pela catraca da Biblioteca.

Era um grupo diverso, várias crianças de idades próximas aos dez ou onze anos; e geralmente uma ou outra palavra de ordem rapidamente funcionava com crianças nessa faixa de idade, mesmo se quem estivesse falando fosse alguém relativamente novo, como eu.

— Rápido, entra logo — disse uma menina de cabelos claros. — A gente tem que entrar antes do Paulo Wilson vir atrás da gente.

— É Pennywise, Mariana — disse outra menina, de cabelos encaracolados. — E ele só vem se você...

— O palhaço do *It*, o palhaço do *It!* — disse um menino, enquanto tentava passar por debaixo das pernas de seus amigos e, conseqüentemente, por debaixo da catraca.

“Ok”, meu cérebro de estagiário pensou consigo mesmo, “isso parece uma receita para uma bagunça federal”. Decidi que eu não tinha a menor capacidade para lidar com um grupo de crianças assustadas em plena tarde de quinta-feira e olhei em volta esperando encontrar algum supervisor. E para minha devida sorte: não encontrei ninguém.

Respirei fundo e me virei novamente para o grupo de crianças, apenas para perceber que elas já não estavam mais ali; no entanto os sons de conversa animada denunciavam que os pequenos não estavam muito longe. A bagunça já estava feita, só me restava realizar o controle de danos. E eu também não

iria impedir a entrada de crianças em uma Biblioteca, claro.

Mas eu *iria* pedir para que elas fizessem o devido silêncio.

Motivado pela minha honra de estágio de duas semanas, segui os barulhos até encontrar as crianças metidas entre as prateleiras do segundo andar da Biblioteca — o que fez meu sangue gelar um pouco, uma vez que esta era para ser uma das áreas mais silenciosas do local. Para meu alívio, no entanto, todos agora estavam cochichando animadamente e também... olhando os livros? Pisquei, surpreso, e fiquei observando-as de longe, minha curiosidade ganhando a luta:

— E aí? E aí? O que tá falando no livro? — disse uma menina, que reconheci ser Mariana. — O que a gente pode usar pra se proteger?

— Eu não sei nem o que tá escrito aqui, Mariana — disse um menino que segurava um livro grande sobre programação em Javascript. — Tem um monte de palavra que eu nunca vi. O que é aga... agatê-émi-éli?

“Ok”, pensei, “essa rapaziada está na seção errada da Biblioteca... e eu sou péssimo gravando nomes”.

— Tudo bem, gente? — abordei-os, agachando-me, procurando ficar no nível dos pequenos. — Parece que vocês estão meio perdidos por aqui.

Algumas crianças deram um pulinho, outras me encararam de olhos abertos, e o menino com o livro de programação levou tamanho susto que o livro caiu no chão.

— A gente tá tentando saber o que fazer pra fugir do Paulo Wilson! — disse a menina de cabelos claros.

“Ok”, pensei comigo mesmo, “tenho certeza de que ela é a Mariana”.



— Pennywise! — o grupo de crianças disse em coro.

— Acho que vocês não vão encontrar muito sobre *A coisa*, do Stephen King, em um livro de programação de computador — eu disse, enquanto pegava o livro do chão. Colocando-o debaixo do braço, olhei para o grupo de crianças, que agora me encaravam com olhos brilhantes. — Mas eu acho que posso ajudar vocês! Venham comigo.

Eu sei, você deve estar se perguntando neste momento: se eu estava com tanto receio de lidar com esse grupo de pequenos, por que diabos eu estava levando para ver mais livros? Bom, a resposta é simples: se o caos já estava instaurado, o mínimo que eu podia fazer era guiar a tormenta para um local menos propenso a me fazer perder o emprego.

Enquanto me seguiam para o andar térreo da Biblioteca, eu conseguia ouvir alguns murmúrios atrás de mim:

— Steven, quem?

— Ele tá falando do quê?

— Eu acho que ele disse *Steven Universo*.

— Não, deve ser algo sobre o filme.

— O filme do Steven?

— Não, do palhaço! Do *It*!

No momento em que me sentei a uma das mesas da área comum da Biblioteca, quase que instantaneamente me vi cercado por meia dúzia de crianças que me encaravam como se eu fosse algum conhecedor de segredos arcanos. Senti-me um pouco bobo, ainda mais com o livro sobre Javascript à minha frente (que eu sequer tinha me lembrado de guardar). Botei o livro de lado e encarei as crianças, tentando transparecer um ar de calma.

Um estagiário, um porão e um balão vermelho

— Então, vocês estão interessados no palhaço do *It*.

— A gente tem que fugir dele! — disse o menino que antes estava segurando o livro. — No Dia das Bruxas ele vai vir atrás da gente!

— Ah... ok — eu falei, um pouco despreparado. Eu esperava ouvir esse tipo de coisa, mas do mesmo jeito, ainda achava algo muito bobo. Mas decidi levar a situação adiante, com as crianças ditando o passo da dança. — E como vocês sabem disso?

— *Todo* mundo da sala sabe disso — disse a menina de cabelos encaracolados, como se eu estivesse totalmente por fora das fofocas do colégio. — Ele vive no porão do Aplicação e ele chama os amigos dele no Dia das Bruxas pra vir atrás da gente!

— Bom, eu não sabia disso! — falei, fingindo estar um pouco ofendido. — Mas obrigado por me falar, vou tomar cuidado. — Fiz uma pequena pausa, como se para organizar meus pensamentos. — E quais os outros amigos que ele traz?

Eu deveria ter pensado melhor antes de perguntar isso. Sem dúvida, eu não estava preparado para o bombardeio de informações que se seguiu, enquanto cada criança buscava ter sua voz ouvida:

— O Freddy!

— Aquele do *Pesadelo*?

— Não, o do *Five nights*!

— Aquele com a luva que arranha sua cara lá.

— Também tem aquele boneco que parece o Fofão!

— O Chucky? Ele não parece o Fofão!

— Eu tenho quase certeza de que o Fofão também aparece...



Em cada canto um conto

- Tem aquele ator estranho lá, o Nicolas... Nicolas Cage?
- O Jason também!
- Aquele da máscara do *Pânico*?
- Não, o máscara do *Pânico* é o máscara do *Pânico*!
- O Jason usa aquela máscara de esporte lá...
- Não tem aquele outro ator estranho? Jim alguma coisa...
- Jim Carrey?
- Não era o *Ace Ventura*?
- Tem aquele boneco dos *Jogos mortais*!
- E aquela menina lá que sai da TV?
- Ela não apareceu no *Programa do Ratinho*?

A situação estava saindo um pouquinho de controle. Talvez até demais. Eu estava prestes a pedir calma quando percebi algo que me fez quase cair da cadeira, o que me fez dar um pulo tão acrobático que consegui conquistar a atenção de todas as crianças ao mesmo tempo.

- Gente, vocês não deveriam estar em aula?

Breve silêncio.

Seguido por um silêncio um pouco mais longo.

- Vocês deveriam, né?

Ok. Eu poderia perdoar as crianças vindo até a Biblioteca para entender mais sobre filmes de terror por causa de uma lenda da escola. Mas eu definitivamente não iria aceitar os pirralhos matando aula no turno do meu estágio. Mas, por sorte, pensamento rápido é uma das minhas poucas qualidades, e então:

– Ok, ok. Seguinte, pessoal: voltem aqui no tempo livre de vocês (e de preferência com algum professor), e eu separe alguns livros *razoáveis* para que vocês leiam, algo que possa

ajudar vocês a lidarem com a situação do Paulo — digo, do Pennywise. Vocês podem ficar na BU sempre que quiserem ler algo relacionado!

Aos poucos, os pequenos foram se acalmando e, em grupo, foram se organizando para voltar às aulas.

No fim do dia, exausto como eu estava por ter lidado com as crianças, sabia que as semanas seguintes, próximas ao *Halloween*, iriam no mínimo ser bastante movimentadas. Suspirando, olhei para o céu enquanto saía do meu turno de estágio na Biblioteca. De fato era um dia bonito, cinco da tarde. Pensando em como me diverti ouvindo as crianças falarem, animadas, sobre os personagens de filmes de terror, fiquei um pouco animado.

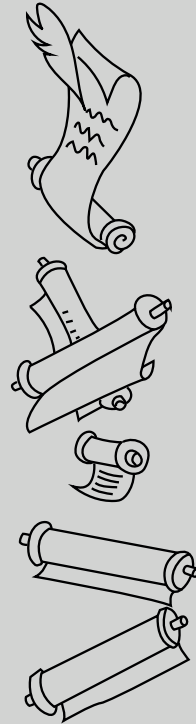
Talvez não fosse tão ruim, então, acabar passando algum tempo recomendando livros entre elas e os professores.

Enquanto eu andava para casa, um pensamento cruzou minha mente: de onde aquela garotada sabia sobre tanto filme de terror? Eu tinha certeza de que alguns não eram nem recomendados para a idade daquele grupinho. De fato, fiquei tão imerso nesse pensamento, que sequer percebi um balão vermelho, redondinho, voando preguiçosamente em direção ao céu, iluminado pelo céu da tarde.

Escritor

por Adriano Salvi

Não fazia outra coisa a não ser inventar histórias.



Christiano Matta Fontes

Fogo na Biblioteca

por Demétrio Panarotto

Acessar as memórias é uma das maneiras que nos ajudam a desmontar os percalços mundanos. Recuperamos imagens, cheiros, sensibilidades e os associamos a algo que se movimenta em nossos pensamentos cá, lá e acolá e faz deles marionetes, ora numa brincadeira jocosa, quase infantil e sem supostas implicações, ora num pesadelo risível que se junta em fragmentos para corroer o que resta de esperança em relação a nós mesmos e, porque não, em relação aos outros.

As olfativas, de onde parto, parecem de mãos dadas com o descabro. As impressões imbricam voluptuosamente nas narinas, e depois do cheiro ser um passatempo, um embuste, um sorriso, somos lançados para a imagem do lugar em que nos encontrávamos quando fomos, pelo bem ou pelo mal, inebriados por aquele mesmo perfume. Se não o identificamos de saída, nem por isso desistimos do percurso travado e passamos a cavoucar as recordações para buscarmos onde elas estão e o motivo pelo qual evidenciam coisas assim suspeitosamente conhecidas.

Parece contraditório, mas mesmo que, por uma razão ou por outra, possamos perder o olfato, a memória (ou algo dela) permanece.



Em cada canto um conto

O espaço de onde emerge essa história é uma Biblioteca. Vejam, cada um pode montar a sua ao recuperá-la das memórias da infância, de uma pública, ou da escola em que estudava, de um livro, de um filme, busquem aí, imagino que todos tenham uma.

Recuperaram?

Agora coloquem sentada em um local de suposto controle — que denuncia que todas as pessoas que adentrem o espaço precisam passar por ela — uma senhora cheia de manias, meio ranzinza, hummm, apimentem a ranzinzice com uma pitada de amargura, algumas tiradas fora do tempo, uns *tic tacs* nervosos, frieiras e calos nos pés e, pois bem...

Uma pessoa, é essa a minha especificidade, que sabe onde estão localizados os livros pelos temas e sabe indicar com facilidade a sala ou o corredor onde podemos encontrá-los. Algo que adquiriu em uma vida enfurnada em um espaço como esse. Todavia uma pessoa meramente técnica para a função e que nem sempre internaliza a importância que o livro tem para além da ideia de que precisa ser selecionado, registrado, catalogado e por aí segue.

Dona Eugênia é o nome da personagem em questão.

Ei-la aí.

Nós a vemos nesse momento sentada em sua mesa arquivando algo e com o olho que não desgruda do movimento de entrada e de saída da Biblioteca.

Perceberam-na?

É um dia normal e abafado como outros tantos, de calores acentuados, em uma época do ano em que a circulação de acadêmicos é medida pelos afazeres do semestre que chega ao



fim.

Os movimentos de dona Eugênia, independentemente do trânsito de pessoas, seguem o ritmo de sua medida diária, nem muito esforço pra lá, nem muito pra cá. Só parece mais elétrica quando precisa se abanar.

E bebe café, o vício amigo de todas as horas.

A personagem espera, como normalmente faz, mais um dia chegar ao fim para contabilizá-lo nas custas diárias de sua sonhada aposentadoria (pelas contas dela, já está quase na hora de esganar o peru da véspera).

[Ponto de virada]

Em algum momento, dona Eugênia ergueu a cabeça, olhou para os lados e pescou com o nariz, como se tivesse farejado algo, uma, duas vezes, e o nariz, sem cerimônias, buscou uma das meninas que tinham acabado de entrar. A senhora, logo em seguida, fez um movimento com a cabeça de contrariedade, ou de estranheza. Coçou o nariz. Cheirou a xícara de café vazia. Olhou para os lados e diante da pasmeira geral baixou a cabeça e, em pouco tempo, voltou a erguê-la e já tinha fisgado algo:

— Cheiro de fumaça — disse em um tom mais contido e depois reforçou, em um tom de voz mais alto, para que ninguém tivesse dúvida do que havia falado:

— Cheiro de fumaça.

Rapidamente perguntou às pessoas próximas se todas elas também estavam sentindo um cheiro estranho no ar. Ninguém parece ter dado muita atenção.

Recuperem o começo do conto, como disse, dona Eugênia era tomada de algumas esquisitices que nem sempre eram bem assimiladas pelos mais jovens que a cercavam. Em outras oportunidades, com o ponto de espera em ebulição, já implicou com tanta coisa diferente e desnecessária no espaço de trabalho que, depois de horas de uma ensandecida preocupação, todos perceberam que o “não era nada” havia ganhado novamente.

Os seus arredores, como se fossem uma fantasmagoria, na maioria das vezes, riam e diziam:

— Ai, dona Eugênia, não estamos sentindo nada.

Todavia nesse dia o cheiro a perseguiu de um modo que a senhora, em poucos minutos, estava alertando a todos novamente:

— Cheiro de fumaça.

O espaço da Biblioteca era muito grande, mais que um andar, cheio de corredores, e não havia como manter todas as pessoas que ali estavam ao alcance do olhar e, no caso, do nariz.

Por conta da ansiedade, companheira do serviço burocrático, dona Eugênia se levantou com a sua caneca de café na mão e passou a investigar de onde é que o cheiro estava vindo.

— Fumaça é um perigo em qualquer canto do planeta — disse ela com os cabelos em pé.

O primeiro passo foi se certificar de que não tinha ninguém fumando dentro do recinto.

Percorreu os corredores, os cantos e voltou para o seu com a certeza de que um dos moços, que não lhe era de todo estranho, estava com cheiro de fumaça de cigarro e sentenciou,

numa conversa particular com os botões da blusa: “Só pode ser ele”.

Passou a segui-lo por todos os cantos. Ou melhor, parecia que ele a seguia, pois quem a cada momento estava em um canto diferente para observá-lo era ela. O rapaz levantava os olhos para a direita, para a esquerda, entre os livros de uma das prateleiras e, enfim, em algum canto diferente ele se deparava com o olhar invasor.

Num momento de distração, o rapaz desapareceu. Havia sumido.

— Como eu não vi?! — disse ela, escancarando o mau humor.

Mas, para surpresa de dona Eugênia, o cheiro permanecia.

Os colegas, em algum momento, passaram a dar razão a ela.

No dia seguinte, e talvez estejamos falando apoiados pela memória, parecia que o cheiro já fazia parte do ambiente. Ao mesmo tempo, depois que o mesmo rapaz entrou na Biblioteca, para dona Eugênia o ambiente pareceu ter ficado esfumaçado e de imediato passou a observá-lo de um modo acentuadamente vulgar.

Perguntas foram feitas sobre o suspeito.

Uma das meninas sentenciou:

— O Alex, gente boa, tem pavor de cigarro. É fumante passivo.

A medida da procura passou a ser medida pela quantidade de café que se passava durante o dia.

— Terminou o café — dizia ela. E sempre mudava a pessoa que se propunha a passá-lo.

— Café combina com fumaça de cigarro — disse a encarregada pelo serviço naquele instante e logo foi repreendida por um olhar fulminante.

Outro cheiro qualquer era, no perfume dos fatos, bem aceito. Mas a combinação café e cigarro não agradava à senhora, ah, que me esqueci de dizer, tinha o cabelo armado em um tom cobre que só ajudava a acentuar os recortes da cara já desajeitada pelo tempo.

O fato é que, persuadida pelo cheiro de fumaça, espalhou pela Biblioteca, ao lado dos lembretes de silêncio, outro que reforçava, afinal era lei e todos a conheciam, que era PROIBIDO FUMAR.

Num momento em que a Biblioteca parecia mais ruidosa e que o seu olhar e nariz não conseguiam dar conta de todos, em um rompante, subiu numa cadeira e disse:

— Fumantes do meu Brasil, fiquem longe da Biblioteca!

O primeiro suspeito caiu por terra, se não estou enganado, do quarto para o quinto dia, quando a senhora percebeu que o moço havia deixado de frequentar a Biblioteca e, para seu pavor, o cheiro se manteve.

Dona Eugênia, com rapidez pra não deixar o argumento se perder, saiu à procura de outro suspeito e mudou, com a mesma precisão, a ocorrência.

— É cheiro de fumaça e é criminoso — disse ela.

A partir daquele momento, os demais funcionários passaram, mesmo que não soubessem, a ser observados.

E óbvio que em pouco tempo a senhora do café e da fumaça já havia encontrado outro suposto suspeito.

No interlúdio dos acontecimentos, o caso se acirrou e dei-

xou todos preocupados no dia em que dona Eugênia agendou uma reunião, depois do expediente, com todos os funcionários e apresentou uma ocorrência que havia aberto junto à segurança do *campus*.

Durante a reunião, dizia:

— Chegaram a insinuar que estou ficando louca.

[Pausa]

— Alguém está querendo me derrubar — reforçava. — Se não me querem mais como colega de vocês, eu me aposento o quanto antes — dramatizava.

Diante do buraco em que pareciam se encontrar, não foi difícil encontrar alguém que de imediato se escalou para passar o café.

Dona Eugênia, em êxtase, seguia a proclamação de um suposto culpado. Caminha de um lado para o outro e no desfecho da frase olhava de modo fulminante na direção de um de seus colegas que parece nem ter percebido do que se tratava.

Do canto do café, a responsável do dia retorna e diz:

— Não sei se vocês perceberam, mas a cafeteira está apresentando um cheiro forte.

Dona Eugênia manteve o teatro ainda por alguns minutos e, no desfecho, olhou e pediu para que todos tomassem cuidados extras com os suspeitos.

— A Biblioteca é um lugar sagrado. — Com essa frase, ela termina a reunião.

Depois disso, e sem qualquer tipo de constrangimento, a abertura de um chamado serviu apenas para se certificar de

Em cada canto um conto

que a cafeteira estava com um mau contato, tudo muito simples de resolver.

No dia seguinte ao ocorrido, dona Eugênia chegou para o expediente com uma caixa de bombons. Todos sorriram.

– Bombom com café é uma delícia – disse uma das meninas.

Todos sorriram mais uma vez.

Dona Eugênia sorriu, mas não voltou a tocar no assunto.

Ninguém perguntou nada.

E, no final daquele dia, ela rasurou algo em seus controles e comentou com os próprios botões (quem sempre a ouviu sem contestá-la): “Nossa, faltam onze meses!”.

Fototaxia

por Luan Coelho

À noite, o abajur acendia no imenso vazio, e as mariposas aos poucos apareciam para, em sua inocência, tentar encontrar algum conforto, alguma diversão no tédio de suas curtas vidas e, ao mesmo tempo em que isso acontecia em meu quarto, as luzes da Biblioteca Universitária se acendiam. Um pouco antes de me incomodar com as mariposas, tentei dormir.

Lucas, o bolsista da Biblioteca, percebia como a luz atraía mariposas e outros bichos, e não eram apenas insetos. A verdade é que já eram quase 22h e estava tudo muito tranquilo. Então, em seu tédio, Lucas observava pela janela e anotava em seu caderno os diferentes animais que via adentrando a Biblioteca.

As mariposas foram as primeiras a serem vistas, depois vieram pernilongos, uma coruja e até um ou dois cachorros, que tiveram que ser retirados pela segurança. As mariposas seguem a luz para não se perderem de seu caminho — escrevia Lucas em seu caderno —, mas, quando se perdem, seguem a luz para se encontrar. Mesmo depois de baterem duas ou três vezes na lâmpada que emite a luz artificial, continuam insistindo por instinto nesse falso caminho, acreditando que irão, eventualmente, se reencontrar, o que é uma tolice; com o objetivo de não se perderem, acabam se perdendo.



Os pernilongos entravam tão de mansinho que Lucas nem conseguia observá-los para poder anotar em seu caderno, então só anotava sobre a coceira que sentia ao ser picado. São como vampiros — escrevia —, vêm à surdina roubar algo que não lhes pertence, mas não possuem intenção de fazer mal a ninguém, só precisam se alimentar. Não há muito que escrever sobre pernilongos, já que não é fácil observá-los.

Acordei com picadas de pernilongos e duas ou três mariposas batendo na lâmpada do abajur, foi uma ideia horrível dormir com a janela aberta. Levantei-me para fechar, mas mantive o abajur ligado, odeio dormir no escuro. Ao mesmo tempo em que eu fechava a janela do meu quarto, uma coruja pousava na janela da Biblioteca Universitária em que Lucas trabalhava. Uma coruja muito bonita, mas Lucas não entendia muito de coruja, por isso ficou com medo de se aproximar, achou que poderia mordê-lo ou coisa do tipo. Ainda assim, escrevia sobre o que entendia através da observação, em seu caderno.

A coruja parecia estar tentando se comunicar, era o que Lucas notava, apesar de saber que isso não fazia sentido. Emitia barulhos engraçados para ele e voltava sua face para trás, quase como se estivesse apontando para alguma direção, mas Lucas não podia saber disso. Ficava cada vez mais alvoroçada e se mexia com mais frequência, ouvia sons que Lucas não podia ouvir, mas como ele poderia saber que os ouvidos das corujas são cerca de 50 vezes mais sensíveis que os dos humanos? Quando Lucas, depois de escrever tudo isso em seu caderno, criou coragem para se aproximar a fim de descobrir se de fato havia alguma coisa na direção em que a coruja

apontava, ela havia desaparecido. Mal sabia ele que o animal era considerado quase místico para os egípcios antigos. Agora não importava mais, mas quando olhou pela janela, viu um homem se aproximando.

– Eu vou quebrar tudo! – berrava o homem. – Vou botar uma bomba e explodir tudo!

O homem com aspecto de acabado entrou na Biblioteca, e Lucas desceu os degraus rapidamente até a entrada, viu o homem pulando a catraca e ficou desesperado. Correu para chamar sua chefe, Gina.

– Gina, tem um maluco ali na entrada. Tá dizendo que vai botar uma bomba, explodir tudo. – Lucas não conseguia se expressar direito.

– Ah, vai sim... – Gina estava indignada. – Deixa que eu vou lá falar com ele.

Gina caminhou a passos largos até a entrada.

– Ei! – exclamou Gina. – O senhor pode se retirar, por favor? Se não, eu vou chamar a segurança.

– Você vai me tirar? – dizia o homem em tom de deboche. – E vai me tirar como? Eu dou um soco na tua boca que tu vai ver.

Gina ficou irritada.

– Tu vai dar um soco na minha boca? Sorte tua que a segurança não está aqui agora, mas já deve tá chegando (a segurança havia saído há alguns minutos para tirar os cachorros que haviam entrado na Biblioteca).

– Quero ver! – berrava o homem. – Quero ver ela me tirar, eu explodo isso aqui com ela dentro!

Enquanto eles discutiam, a coruja sobrevoava o prédio da

Biblioteca, cortando o vazio da noite e, no exato momento em que passava, um segundo homem entrava de mansinho na Biblioteca. Aproveitando-se da confusão, o homem pulou a catraca e subiu ao segundo andar. Enquanto Gina e o primeiro homem discutiam, Lucas estava finalizando suas anotações sobre os cachorros e começando as anotações sobre o homem. Isso o impediu de perceber a entrada do segundo, que foi direto para as mesas de leitura, onde uma única garota se encontrava, provavelmente estudando, lendo livros ou qualquer coisa. Dentre todas as mesas, ele se senta à única que está ocupada.

Tive um sonho ruim, dois animais, aparentemente irracionais, me devoravam vivo, percebi que não eram irracionais quando enforcaram meu pescoço por prazer e trancaram minha respiração. Acordei com uma mariposa em meu nariz. Levantei-me, tomei um copo de água e tentei voltar a dormir. Enquanto isso, Lucas estava ainda na Biblioteca escrevendo sobre o maldito animal que entrou como uma mariposa que se perde do caminho. Por um lado, atrapalhou suas anotações, que estavam ficando tão boas, mas, por outro, lhe trouxe mais material para escrever.

Talvez por estar ocupado demais escrevendo xingamentos ao animal que, no momento, pensava ser o mais selvagem a entrar na Biblioteca no dia, acabou não percebendo o segundo animal que se sentou à mesma mesa da moça e que, antes de ela poder reagir, tirou uma faca afiada do bolso, colocou sobre a mesa, levantou-se, tirou o pau pra fora e masturbou-se por longos três minutos até ejacular sobre a mesa. Quando a moça pensava em se levantar, o animal apontava delicada-

mente, quase que por instinto, com a cabeça para a faca em cima da mesa, para lembrá-la de que ele já pegou a presa e não adiantava pensar em fugir agora que já chegaram a esse ponto.

Não conseguia dormir de jeito nenhum, abri a janela de novo, espantei as mariposas para fora, fechei a janela, deitei e desliguei o abajur. No exato instante em que o desliguei, as luzes se apagaram na Biblioteca. Lucas para de escrever por um momento, raciocina rápido e liga a lanterna do celular. Avista a mesa, a menina e o animal. Agora entende a situação, pega o animal no flagra, não sabendo para onde ir sem a luz para guiá-lo, debatendo-se, correndo desajeitado aos tropeços, esbarrando em obstáculos, prateleiras, mesas, impressoras, etc. O animal vê na luz de Lucas uma oportunidade para se guiar, então corre nessa direção, mas Lucas é inteligente, por isso desliga a luz antes de ir ver se a menina está bem. O animal é estúpido, então não muda de direção, corre ainda aos tropeços para a mesma direção em que a luz estava ligada e, no momento em que Lucas chega até a menina, ouvem um barulho de janela quebrando. A luz da Biblioteca acende no exato momento em que acendo também a lâmpada de meu abajur ao ouvir o mesmo barulho de vidraça quebrando quando uma coruja que voava em alta velocidade se estilhaça ao colidir com a janela do meu quarto.

Falta de leitura

por Adriano Salvi

Aviso: Sistema em manutenção.

— O sistema está fora do ar?



Hippie com multa

por Mariah de Lima Walendorff

Rosa já estava entediada, o que não era novidade. Ficar o dia todo na Biblioteca recebendo os mesmos pedidos e reclamações podia ser algo bem cansativo — só naquele dia já haviam passado umas cinco pessoas pedindo um alívio da multa de atraso dos livros que ficavam pendentes no sistema, o que já estava chegando a ficar no mínimo engraçado. Afinal, ela não podia fazer nada no final das contas e se sentia um completo robô, repetindo sempre o mesmo papo:

— Não podemos mudar o valor da multa, lembrando que há o risco de você não receber o seu diploma, caso ela não seja paga até o final do seu período na Universidade.

Essa última parte nem ela tinha certeza se era real, porque apesar dos rumores nunca tinha visto acontecer. Rosa o fazia por pura diversão, vendo a reação dos alunos — ainda mais quando calouros —, que na hora arregalavam os olhos e falavam que resolveriam o quanto antes. Era certo que em menos de uma semana a multa sumiria.

Agora, torcia para algo distraí-la antes de finalmente poder ir jantar no Restaurante Universitário. Foi, então, que viu uma moça afobada entrando pela porta principal da Biblioteca, usando óculos escuros, blusa e saia longa e colorida — será que tinha vindo do CFH?



Como se atendendo a suas preces, a *hippie* entrou para a lista de pessoas que Rosa pensou se já havia observado outra vez. Era comum para ela fantasiar a realidade de tantos usuários da Biblioteca, que jamais chegaria a realmente conhecer — um bom passatempo, diria.

Enquanto esperava a moça chegar ao balcão de atendimento, Rosa imaginava de qual curso de Humanas ela seria... Ou será que apesar do estilo não tinha nada a ver com isso? Seria interessante.

— Boa tarde... Então, é que eu estou com uma multa levemente alta, sabe...? — A mulher começa a dizer de maneira rápida, parece um tanto quanto nervosa. — É que eu sou caloura. Por favor, não tem como a gente dar um jeitinho? Eu posso prestar algum serviço aqui na BU, qualquer coisa, moça.

Rosa riu, por dentro, mas ficou com certa pena dela — o que não mudava que não podia fazer nada sobre, mas estava cansada de ser um robô por hoje.

— Bem, tem um jeito. — A *hippie* começou a sorrir, esperançosa. — Só se você almoçar no RU comigo.

Ambas se encararam por alguns segundos, a servidora tentando manter uma expressão séria, que não durou muito. Assim que abriu um sorriso e deu uma risada, a jovem a acompanhou.

— Poxa, assim seria fácil demais, né...? Tudo bem, o que posso fazer então?

— Primeiro deixa eu dar uma olhada no livro, por favor.

Rapidamente recebeu em mãos um exemplar antigo de 1984, *George Orwell*. Estranhou, porque nunca havia visto

aquela edição antes, não havia código de barra, nem etiqueta; apenas um carimbo e uma ficha de empréstimo da Biblioteca ultrapassados. Será que ela constava no sistema?

– Seu nome completo, por favor.

– Ah, Valentina.

– Sobrenome...?

– Apenas Valentina.

“Como alguém pode não ter sobrenome?” Decide dar mais uma olhada na ficha de empréstimo.

Assinatura Leitor: Valentina

Devolver em: 14 de agosto de 1969.

Não havia mais nenhum nome assinado, como se aquele tivesse sido o único empréstimo do exemplar nunca devolvido. Seria somente uma coincidência, certo? Afinal, não tinha como aquela Valentina que aparentava ter no máximo 24 anos ser a mesma Valentina do final dos anos 60.

– Ei, tudo bem? Se puder me ajudar, é que estou com um pouco de pressa, tenho um Festival pra ir, vai ser um barato!

Rosa travou. “Festival? Em agosto?”. Bem, ela nem conhecia muitos mesmo, o que poderia dizer? Só havia uma opção pelo visto, que resolveria a situação.

– Olha, não sei com quem você fez esse empréstimo, mas a pessoa com certeza te pregou uma peça — a menos que você tenha pego ele em alguma prateleira escondida. Como não temos seu nome no sistema, e nem livro esse código tem, você pode devolver sem multa. E afinal, você entregou no dia certo, só que 50 anos atrasada!

A funcionária começa a rir, mas Valentina não corresponde a essa risada imediatamente. Após alguns segundos em silêncio, dá um sorriso que soa um tanto sem graça e afirma veementemente, rindo até demais:

– Nossa, sim, perdão! Peguei esse livro no começo do semestre... Uma amiga que me emprestou! Isso, aí ela me disse para devolver e não sabia quando. Mas também não sei por que essa data estranha aí, é outra Valentina também, né? Que coincidência!

“Devo ter deixado ela com vergonha, coitada”, pensa, dispensando a moça em seguida.

– Quem era aquela garota que acabou de sair? – pergunta um colega seu, observando-a se retirar do saguão.

– Ah, é uma tal de Valentina, caloura.

– Estranho, nunca vi ela na UFSC nem em nenhuma recepção de calouros que teve, e olha que fui em todas! – exclama, já se retirando rapidamente e deixando a Bibliotecária com uma pulga atrás da orelha.

As horas agora passam rápido, e logo seu expediente chega ao fim. O relógio marca 18h quando organiza suas coisas, e percebe que não devolveu o exemplar de 1984 à estante – decide levá-lo consigo para dar uma lida na volta; segue a pé para o Restaurante Universitário.

Repara que o *campus* está muito mais vazio do que o normal e sente que logo, logo começaria a chover – o vento forte estava quase a levando com ele. “Imagina se eu estivesse de saia?” Imediatamente se lembra das roupas com que se separara mais cedo, e, como se por um novo acaso, Valentina aparece em seu campo de visão, na rotatória do Centro de

Eventos, a saia parece voar à sua volta.

Dessa vez, ela não está sozinha — bem, tecnicamente. Há um ônibus esperando — se é que podia chamar aquilo de ônibus; estava mais para uma Kombi. Uma Kombi muito colorida, desenhada e que provavelmente não aguentaria muitas curvas mais pela frente. Valentina está de costas e, antes que Rosa pudesse se aproximar mais, a mesma some dentro do automóvel.

É, então, que nota uma escrita na lateral, com os dizeres: *Woodstock*. Sequer consegue raciocinar direito, porque em um piscar de olhos tudo some. As palavras, a Kombi e a *hippie*.

Atônita, Rosa mira o local, como se Valentina fosse aparecer tão de repente quanto sumira. Assustada, não repara que naquele exato momento sua bolsa perde peso — e o livro de mais cedo também se vai, junto com a multa.

Iúna

por Alline de Souza Pedrotti

Os portões abriram faz dez minutos. Era hora de enfrentar a balbúrdia do almoço no RU, e o estômago soltou uma zoada que fez o homem do lado virar a cabeça, assustado. Iúna apoiou a testa no tampo da mesa e largou seus braços para baixo com um suspiro de resignação. Passou tanto tempo na Biblioteca que não previu o calor que fazia na gigante espiral da vida universitária: a fila do restaurante. Guardou o bilhete às pressas em “Perdi-me no entrelaçar-se de malhas./Entreguei-me no manchar-se de sonhos./Marquei-me no soluçar-se de perdas.”. Escondeu o livro na prateleira e saiu.

— Acho que é essa daí — sussurrou silvante a estagiária Maria, com olhos de jacaré na superfície da madeira. Olhou rosto a rosto ao redor como quem procura um cúmplice, mas nem os mosquitos pareciam ter o mínimo interesse. Àquela altura, todes estavam meio distraídes observando um espécime ainda não registrado da fauna brasileira, sempre visto no *campus* universitário, com forma quadrada meio brilhante, revestido de carapaça dura, provido de um rabicho longuíssimo e fino. O celular.

O bilhete de Iúna falava do seu amor por Nise. Eram dias pós-pandêmicos e havia uma ânsia absoluta pelo encontro, ao mesmo tempo a fluidez dos afetos estava interrompida por



um par de anos de doloroso isolamento social. Quase todas as melhores habilidades de flerte haviam sido esquecidas ou estavam meio mornas. As cartas que trocavam timidamente entre as páginas daquele livro de poesia eram a elaboração máxima dos desejos àquela altura, e transformaram-se em refúgio após um longo tempo de solidão. E esse lugar de refúgio, sem saberem Iúna e Nise, tinha uma guardiã.

Diametralmente oposta, mal levantava as pernas cansadas para caminhar de uma ponta a outra, preenchendo um *tetrís* incolor com a umidade meio fedida do molambo preso ao rodo, entre um cochicho e outro da sua cantoria silenciosa que tentava acompanhar o que se passava em seus fones de ouvido. Linda vencia cada corredor e, entre as pausas pra enxugar o suor da testa e do bigode com a toalhinha pousada no ombro, girava os olhos e a cabeça, com as duas mãos no cabo — uma envolvendo a outra — buscando novidades ou algum detalhe mínimo que pudesse representar um pingo que fosse de divertimento, em meio às tardes por vezes tão chatas que as estações chiadas do radinho não conseguem distrair.

— Já tá pra mais de semanas que eu sei dessas duas. Se o carcará descobre, vai sobrar pra você. E para elas.

— Mas então você também viu, dona Linda? — disse Maria, surpresa.

— No meu tempo, isso aí dava problema. Mas sabe que ruim mesmo é essa paixão de juventude, alguém sempre vai chorando daqui pro bar.

— No seu tempo, a estagiária contava pra chefe esse tipo de ocasião?

— Se avexe, não, menina. Deixe que eu converso com uma

ou outra, como quem não quer nada, e a situação se resolve — falou enquanto saía.

As mãos de Nise estavam trêmulas no outro dia de manhã, quando agarraram o calhamaço de *Poética*, de Ana Cristina Cesar, que puxou certa da estante, de entre duas gramáticas abrutalhadas e regularmente esquecidas. Folheou rápido com a ponta do dedão e em sobressalto viu o papel dobrado. O bilhete de Iúna. Tentou se lembrar de como aquilo havia começado, mas logo a faísca da memória foi interrompida e isso não importava mais. Esqueceu-se de respirar durante todos os segundos em que corria os olhos da esquerda para a direita, num movimento longo e compassado.

— Quarta-feira, 19h30, no lago — leu, por fim.

Escondeu o livro ali mesmo e caminhou devagar até a mesinha onde gostava de passar as horas. Enquanto fazia um ritmo qualquer com a ponta dos dedos no braço, estática virada para uma parede, quis gritar muito alto. Quase ouviu sua voz antes que se transformasse em matéria audível.

— Linda, você repara que sempre esquece os cantos? Toda vez é isso.

— Desculpa, seu Flávio. Faltou tempo pra dar conta de limpar as poltronas todas hoje, e as 50 estantes pra amanhã.

— Que não se repita — saiu rápido e bufante pela porta.



— Pois pegue o rodo e faça você, potó da peste. Papel de embrulhar prego — solta Linda, entre os dentes.

A cabine em manutenção era onde Linda organizava seus instrumentos de trabalho no pós-expediente. Enfileirou os cabos das vassouras e passou os panos de um balde para outro, um a um, tentando diluir a cor de todas as dezenas de solas de sapatos que esfregou num dia de trabalho. Aproveitava o silêncio do banheiro para descansar antes de tomar banho e pegar a condução de volta pra casa. Na frente do espelho, Iúna apertava seus lábios úmidos de um líquido carmim frutado, absorta nos momentos que sabia que estavam por vir. Qualquer fluxo sensorial era interrompido pelo desejo de encontrar Nise. Agora que tinha dia e hora.

— Vocês querem levar a gente a pagode — reclamou Linda.

Iúna dá um pulo de susto e vê, pelo espelho, Linda sair da cabine mexendo em vários objetos ao mesmo tempo, como quem simula uma distração.

— Nessa Biblioteca não parece, mas tem um carcará que vê tudo e adora dar o bote.

— Não entendi a senhora — Iúna dissimulou.

— Eu vi você e a outra colocando um papel dentro daquele livro e escondendo ali onde ninguém mexe. Aí tá arrumada a confusão. Esses dias saiu um menino xingando porque queria esse livro e tinha certeza que viu no computador. Descreveu a capa e tudo pra estagiária: rosa e azul brilhante. Demorou pra bichinha se dar conta do que vocês estavam fazendo, coitada. Eu mesma vi logo a primeira vez que você escondeu lá e a outra pegou.

— A senhora acha que vai dar problema? Juro que não vai

mais acontecer. Hoje à noite a gente vai se encontrar — sorriu.

— Minha filha, fique tranquila. Quem sabe sou eu e a estagiária.

— Não sei nem como te agradecer.

— Tá tudo certo.

Os dedos de Iúna e Nise entrelaçaram-se quando pisaram no térreo da BU. As trocas espremidas entre as páginas encontravam alguma segurança na companhia dos versos, mas a verdade é que sempre preferiram estar fora, à pele. Quiseram se espalhar pelas mesas, gentes e bancos como fazem os outros corpos.

Linda estava atrás do balcão esfregando um canto enquanto xingava Flávio mentalmente. Tirou os olhos do chão e sorriu, cúmplice, quando viu Nise e Iúna se aproximarem do balcão na direção de Dandara, que carimbou o empréstimo do livro que as meninas pretendiam ler juntas naquela noite.

— Finalmente essa obra apareceu. Aquele menino que vem sempre aqui na hora do almoço já estava ameaçando processar a gente — debochou Dandara, a Bibliotecária, enquanto ria.

Maria puxou o ar com coragem e olhou para Linda, pedindo consentimento. Contou para Dandara o que sabia sobre o sumiço da *Poética*, maquiando a história com medo da bronca.

— Quando eu ia tomar as devidas providências, a situação se resolveu *sozinha*, veja só. — Maria falsamente impressionada.

Linda, que sabia de tudo desde o início, riu quando con-

tou do dia em que as duas meninas foram deixar carta no mesmo horário e quase estragaram, elas mesmas, a poesia do flerte tão secreto. Iam se encontrando ali mesmo, sem a menor ciência, o menor preparo.

— Mas, dona Dandara, você sabe como é. A gente nunca tem certeza dessas coisas, né? É muito trabalho... quase não dá tempo de ver nada direito. — Linda logo tratou de tirar o dela da reta.

O riso das mulheres incomodou Flávio, que chegava apressado prestes a proferir mais uma de suas reclamações meio ridículas. Falou com o ar, reclamou sozinho do barulho, desistiu no meio do caminho e saiu. Todas riram, juntas.

Felizes para sempre

por Adriano Salvi

Foi entre os corredores da Biblioteca
que encontrou seu grande amor.
Casou-se com eles.



O marido

por Marina Hadlich

Não era de se espantar, quando o homem chegava, a pálpebra de Jerusa começava a dar tremeliques. Isso só acontecia quando ela ficava muito nervosa. Ultimamente, andava ficando bastante nesse estado. Mas a culpa não era dela. Jerusa fazia seu serviço da melhor forma possível. Como funcionária da Biblioteca da Universidade, ela recebia os usuários, entregava os livros emprestados, passando-os pelo sistema.

— Oh, Norma, para com essas “bobiça”! — Era tudo que Jerusa conseguia dizer para a colega de trabalho. Amiga essa que gostava de, além de trabalhar com os livros, viver um romance com o rapaz da limpeza ali mesmo entre as estantes.

Jerusa se escondia atrás de um bom livro e fingia que não via o que a amiga fazia. Porém, o marido de Norma aparecia de vez em quando no local de trabalho da esposa. Honório vinha sem avisar, por vezes para trazer um lanche para a esposa, noutras surpreender com um presente ou ainda entregar a carteira ou algo que a mulher havia esquecido. Era mais frequentador da Biblioteca que muito aluno.

O funcionário terceirizado, o amante, escondia-se entre os corredores dos livros de biologia. Era o local mais distante da entrada e tinha um canto recheado de livros que mostravam bastante sobre anatomia. Norma trabalhava repondo os livros



e, quando via o rapaz entrando na Biblioteca, corria até o balcão de atendimento para avisar Jerusa. Elas tinham um código: se o marido aparecesse, Jerusa deveria pegar o livro *Dom Casmurro*, que sempre ficava ali na bancada, ao lado do computador, e levá-lo até Norma, voando.

Então, Norma entendia o recado e voltava dos corredores, levemente corada, para receber o marido e seus afagos. Momentos depois, o funcionário saía do cantinho “mocoso”, pegava seu balde e rodo e até cumprimentava Honório. Engraçado que ninguém reclamava da limpeza do lugar, a Biblioteca estava sempre um brinco.

Num dia especial, Jerusa estava cansada e demorou a reparar na chegada de Honório. O susto foi tão grande que derramou sua garrafinha de água sobre um livro de filosofia, coisa que nunca fizera antes. Nesse momento, sua pálpebra começou a tremer, e Honório fez de conta que nada viu.

A funcionária exemplar pegou o livro *Dom Casmurro* que estava a postos no balcão e saiu correndo pela Biblioteca, sussurrando por Norma. Deixou a fila de alunos esperando para passar os livros no sistema.

Não localizava Norma no corredor habitual. Tinha certeza de que a colega estava de romance com o funcionário, pois o balde e o rodo estavam encostados do lado de fora da Biblioteca.

Jerusa ficou preocupada que Honório também sáisse pela Biblioteca em busca da esposa. Desse modo, Jerusa chamou outra funcionária e mandou que a encontrasse e entregasse o livro a Norma. Enquanto isso, Jerusa falava baixo entre as estantes:

— Capitu, Bentinho vem aí. — Mas não recebia respostas. Talvez o funcionário estivesse passando o rodo em outro lugar da Universidade.

Depois de muito procurar por corredores, Jerusa não encontrou a mulher e voltou ao seu posto ainda com o tique nervoso. Foi quando deu de cara com a colega e Honório se beijando ao lado do balcão.

— Olha, Jerusa, esqueci as chaves em casa mais uma vez — disse descaradamente Norma, sem um pingão de vergonha na cara.

“Será que ela fazia de propósito?”, indagou-se Jerusa. Nunca vira uma mulher ter amante e dar tanta chance para o marido flagrar. Pelo menos o dia seria mais tranquilo. O homem já tinha aparecido, o amante sumido, bem como o rodo e o balde.

Norma, dando uma piscadela para Jerusa, agradeceu a preocupação e voltou para seus afazeres, recolocando livros nas estantes correspondentes.

Passado o horário de almoço, Jerusa estava de volta ao seu posto. Um dos alunos derramou café na entrada, mesmo sabendo que era proibido ingressar com qualquer coisa que não fosse água. Jerusa acionou a equipe de limpeza por telefone. Avisaram que o funcionário estava por ali e logo iria limpar. De fato, Jerusa viu pela janela que o balde e o rodo estavam ali fora, apoiados como de costume. Antes que alguém escorregasse na poça, a própria Jerusa foi até o lado de fora e pegou o rodo com pano para limpar a sujeira.

Esfregava o chão quando um homem entrou, cumprimentando-a:

— Boa tarde, Jerusa! Desculpa vir de novo aqui.

Não apenas uma, mas as duas pálpebras de Jerusa começaram a tremer. Era Honório aparecendo na Biblioteca pela segunda vez no dia. Nervosa, mal conseguiu responder.

— Oooi, tu... tudo bem? Posso ajudar?

— Eu não quero atrapalhar, vim trazer essas flores pra Norma. É nosso aniversário de casamento. E hoje de manhã, quando vim trazer as chaves pra ela, eu não lembrei, agora quero me desculpar.

Jerusa olhou para os lados, não havia outro funcionário para auxiliar na procura por Norma. Pelo menos não tinha fila de alunos para cadastrar os livros no sistema.

Como de costume, Jerusa encobriu as artimanhas da colega.

— Pode deixar que eu vou chamar a Norma. E o senhor pode aguardar aqui mesmo e segurar este rodo pra mim, por favor.

Antes de sair pelos corredores, Jerusa vasculhou o balcão à procura de *Dom Casmurro*. O exemplar não estava lá. A outra funcionária esqueceu-se de devolvê-lo ao lugar habitual.

Jerusa saiu em disparada para os corredores da área de biologia. Estava tão nervosa que não notou quando Honório, segurando o livro *Dom Casmurro*, também saiu em busca da esposa pela Biblioteca. Quando Jerusa deu por si, o homem estava atrás dela, bem a tempo de ver a esposa beijando o funcionário de uniforme.

Honório não mediu palavras, tampouco o tom. Berrava que a mulher era traiçoeira. Enquanto isso, Norma, ainda perto do tal funcionário, pedia calma. Jerusa, por sua vez,

tentava não deixar seu espaço de tranquilidade virar um caos.

– Fala baixo, Bentinho! Is... isso aqui é uma Biblioteca!
– gritou contraditoriamente Jerusa, enquanto sua pálpebra quase pulava do rosto de tanto tremer.

– Que Bentinho o quê! – bradou o homem traído, jogando o livro *Dom Casmurro* sobre a esposa. – Meu nome é Honório e eu vou é dar uma chifrada nesse istepô! E tu, hein, Norma?! Bem no dia do nosso aniversário de casamento!

Jerusa só via livro caindo da estante, Bentinho, ou melhor, Honório tentando bater no funcionário, Norma no meio defendendo o amante dos tapas do marido.

Outros funcionários, já acostumados com o romance pela Biblioteca, ficaram de plateia vendo o furdunço. Os alunos, que não entendiam nada, distraíram-se dos estudos dando audiência para o triângulo amoroso. Por fim, Jerusa teve que se impor e colocar ordem no lugar. Ela não quis nem saber, na briga, saiu correndo em defesa de Honório.

– Norma, presta atenção! Se tu não queres, eu aceito as flores. Tu podes ficar aí com o homem do rodo, Capitu!

Norma ficou sem marido e sem amante, que foi despedido. Jerusa passou a receber os mimos de Honório na Biblioteca todos os dias, enquanto Norma era vista escondida pelos corredores lendo *Dom Casmurro*.

O morador da Amarok

por Miguel Sanches Neto

- **E**stou morando aqui por amor — ele falou ao vigilante que veio pedir explicações.
- O senhor está morando nesta Amarok irregularmente no pátio da Biblioteca, não importa se por amor ou não.
- Dava para ver no banco traseiro da camioneta roupas, um travesseiro, lençóis, uma mochila e mais a bagunça de quem vive improvisadamente.
- O senhor já se apaixonou de verdade? — O homem nem novo nem velho, com roupa amarrotada e suja, perguntou ao vigilante.
- Não sou pago para falar de mim, só peço que não estacione mais aqui.
- Ele já havia dado desculpas diversas a outros profissionais do *campus*. Uns riam de suas justificativas.
- A camioneta é a extensão da Casa do Estudante. — E mostrava sua carteirinha de aluno do curso de Biblioteconomia. Estava matriculado certinho, embora passasse a maior parte do tempo lendo.
- Estou apenas esperando um livro raro, sei quem levou e fico no aguardo dele.
- O senhor sabia que no Japão há apartamentos de 8 metros quadrados? Moro em pouco mais de 10 metros de área

total. — E apontava para a camioneta suja e amassada em vários pontos.

— E com esta paisagem. — E olhava, então, as árvores, os prédios, a Biblioteca logo ao lado.

— Para um aluno de Biblioteconomia, existe melhor localização do que esta? — complementava.

Os vigilantes diziam sempre que as normas não permitiam. Que ele devia sair.

— Mas posso deixar a camioneta?

— A camioneta pode.

Ele sumia por umas horas, vagava pelo *campus*, entrava na Biblioteca e percorria as estantes. Sentava-se a uma das mesas para espantar as demais pessoas, com seu cheiro de roupa suja, urina e suor.

E voltava às escondidas para a carroceria da Amarok com cobertura de acrílico, passando a noite em seu endereço.

Agora, pela primeira vez falava do motivo amoroso.

— O senhor não sabe, então, o que é amar alguém que não permite que a gente saia do lugar.

— Preciso apenas que o senhor deixe o *campus*. Há *campings* nas praias de Florianópolis. E não são caros.

— Mas são longe.

— Definitivamente, aqui não.

O morador clandestino estava em uma cadeira de praia na carroceria, lendo um livro, que ele havia fechado, deixando o dedo como marcador. Procurou um papel velho e o colocou ali. Desceu da carroceria. Fechou a tampa traseira e foi até a porta da frente. O vigilante o acompanhou. Depois de meses, conseguiria expulsar o invasor. Havia reclamações dos usuá-

rios da Biblioteca. Poderia ser um tarado. Um psicopata. Alguém com perturbação mental. A camioneta branca, cada vez mais suja, lembrava a casa abandonada de um filme de terror.

O homem abriu a porta dianteira, girou a chave sem ligar o motor, desceu e pediu para o vigilante subir e verificar o painel.

Resmungando, ele fez isso. Tudo para se ver livre do aluno já meio maduro. Na sua seção de trabalho, iria se vangloriar: “Comigo vagabundo não se cria!”.

– O que é que devo ver?

– O marcador de combustível.

Ele olhou. Estava na reserva.

– Não tenho dinheiro para abastecer.

– Isso não é problema da Universidade – ele disse, descendo perigosamente do assento quase caindo, pois pisara errado no chão.

– Com o combustível que resta, talvez nem saia do *campus* e acabarei trancando alguma rua.

– Vou ter que notificar o senhor.

– Não precisa, arranjo uns litros de diesel e volto para abastecer a Amarok.

Fechou as portas e saiu em um rumo que ia para o interior do *campus* e não para a área externa.

Como o vigilante mudou de turno, não soube que ele voltou à noite e dormiu no lugar em que acampara havia meses.

Foi a última tentativa de demover essa ocupação do estacionamento da Biblioteca. Alguns alunos se fizeram amigos dele, deixavam uns trocados, o que permitia que comprasse comida na cantina e pudesse se dedicar melhor à leitura.

Tirava livros com sua carteirinha e lia na frente da Biblioteca, em sua cabine pessoal.

Aos poucos, os funcionários perderam o medo, e um ou outro instruiu que havia chuveiros em alguns blocos. Ele tomava banho, lavando as roupas, que deixava para secar nos bancos dianteiros, quase nunca usados.

Em uma noite de muita chuva, um vigilante ofereceu para ele dormir em uma das salas, poderia cair um galho ou uma árvore sobre ele. Mas se recusou a deixar o abrigo. Os pneus da camioneta estavam meio murchos, e ela já fazia parte da paisagem.

Só conversava com as pessoas se alguém o provocasse. Percorria, com reverência, as estantes do templo ao lado e saía com livros de história da leitura, romances e volumes de poemas.

— Você vai perder o ano — falou um dia a atendente que lhe emprestava mais um livro.

— Isso não é nada para quem já perdeu o principal.

E não explicou o que era esse principal. Mas todos falavam de um grande amor. Alguns cogitavam que fora expulso de casa porque, sendo casado, havia se apaixonado por uma jovem. Outros diziam que ficou louquinho de tanto se esforçar para aprender matérias complexas.

O curso de Biblioteconomia deu a ficha dele. Viera do interior. Ótimo aluno no primeiro ano. Quase não aparecia nas aulas do segundo. Seria reprovado por falta.

No final do primeiro semestre, entrou na Biblioteca querendo falar com a diretora. Tanto insistiu que uma das assistentes o recebeu.

— Preciso de uma tesoura. Sei que vocês têm tesouras.

Falou com tanta veemência que ela tirou uma tesoura pontuda, profissional, e passou a ele. Do bolso da camisa, o aluno sacou uma carta comum, dessas com envelope margeado com riscos verdes e amarelos, cortou a lateral com cuidado e ficou um tempo empunhando a tesoura como se fosse uma faca. A assistente se viu morta, a tesoura enfiada no pescoço, sangrando com o corpo debruçado na mesa.

Quando ouviu o barulho do metal sendo depositado na mesa. Ele agradeceu. E saiu ainda mais eufórico, a carta presa cuidadosamente entre os dedos.

Por um tempo, não pegou livro emprestado nem saiu da Amarok. Na semana seguinte, procurou a mesma assistente, pedindo a tesoura. Por medo, ela cedeu uma escolar, que mal entrava nos dedos dele. Foi mais difícil cortar a lateral da carta. E ele demorou, porque queria um corte perfeito, que não estragasse aquele material. O tempo entre as cartas diminuiu, e ele passou a andar alegre. Colocou um cartaz no para-brisa, pedindo contribuições para arrumar a camioneta. Até os vigilantes deixaram algumas notas na caixa de papelão ao lado da carroceria.

Em uma das vezes que foi abrir amorosamente a carta, sempre com a tesourinha inofensiva, a assistente viu o endereço da Universidade, com o complemento “Amarok branca”; o veículo havia virado um prédio do *campus*.

Em uma manhã, ela não se encontrava lá, e nunca mais se soube de Volney Hellmut, que acabou reprovado em Biblioteconomia. Alguém, então, lembrou-se de uma poeta que se formara em Letras no ano anterior e que estava sempre por

Em cada canto um conto

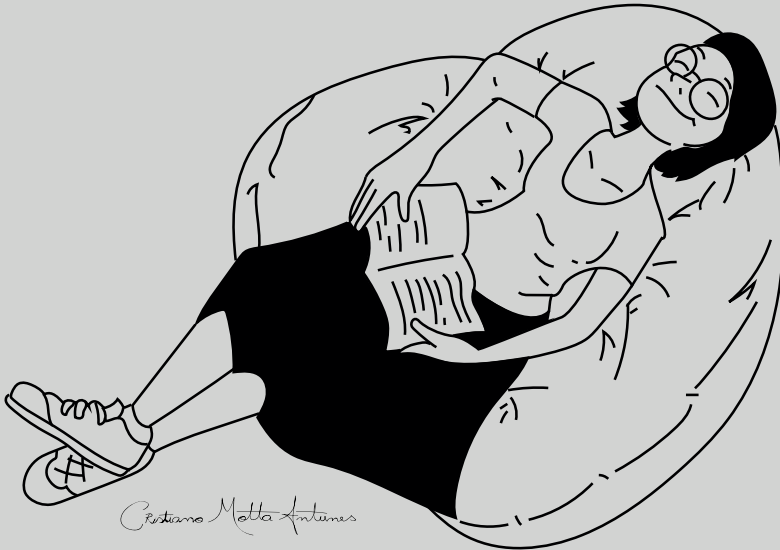
ali. Foi mais ou menos quando começaram a notar a presença de uma camioneta parada no estacionamento, e alguém jurou ter visto os dois juntos, em uma despedida. A poeta agora lecionava no interior. Recordaram disso porque, no dia do desaparecimento de Volney, surgiu uma pichação na parede lateral da Biblioteca: “Quem vive intensamente perto do que ama nunca deixará de ser amado”.



Leitor

por Adriano Salvi

Da primeira à última página, uma história de amor.



Objetos ocultos

por André Ricardo Aguiar

Manhã de quarta. O funcionário de roupa cáqui sobe uns **M**lances de degrau e atinge o piso superior da Biblioteca. Começa a sua rotina de realocar diversos volumes que foram espalhados nas mesas. A imensa Biblioteca pede organização. É o seu respiro, dia a dia. O funcionário faz um gesto imaginário, como a medir o tamanho da sua função: rotina, rotina, rotina. Depois, segue no primeiro intervalo de estantes, colocando o que é de César no lugar que é de César. Em ordem alfabética. De cima a baixo. Um dominó que pede sequência. Aí, de vez em quando, para, respira, ajeita os óculos. E vê. Enfiado entre um tomo de microbiologia e outro de doenças venéreas, um pequeno volume de cor prateada. Puxa. E, em vez de páginas, um ruído. É um *notebook*. Ao lado, ainda pisca uma luzinha quase moribunda.

Na quinta-feira, o objeto jazia no morno de uma gaveta, na seção de achados e perdidos. Houve tentativa de localizar o aluno, sem frutos. Senha logo de cara ao tentar ligar o aparelho. Depois de várias tentativas, e com o acréscimo de movimentos na Biblioteca, decidiu-se enviar um comunicado no painel para que se fizesse nova busca nas estantes para objetos pessoais. Quem sabe nos mesmos sítios não seriam vistas outras pistas que indicassem que o distraído-mor passou a tratar



a Biblioteca como extensão da casa?

A rotina continuou a mesma. Eram os dias de fluxo, onde uma imensa república de estudantes enchia os espaços bibliográficos, conversava num tom quase mudo, paquerava entre as estantes. E foi um desses mais atentos, na procura de uma tese sobre a migração de seitas religiosas para outros blocos do mapa, que viu um travesseiro, desses de acomodar a cabeça numa viagem desconfortável, enfiado de modo desajeitado na fenda que se formava entre periódicos de variados tamanhos. Comentou com um colega, sonolento, na mesa de pesquisa:

— Olha, Matias. Tem quem durma aqui. Será que também traz colchonete?

O colega riu. Logo em seguida aconselhou a dar parte no setor de achados e perdidos.

— Vai logo, antes que eu mesmo o pegue para um cochilo.

O objeto foi entregue, e a equipe demorou a relacionar uma coisa com a outra. Seria o mesmo desmemoriado que esqueceu o valioso *notebook*? Ou uma nova moda de fazer da Biblioteca a casa da mãe Joana se instalou no *campus*? De todo modo, o travesseiro garantiu seu cochilo ao lado do aparelho (que passou por um técnico em informática inexperiente e continuava uma esfinge em forma de tela e teclado). Três dias se passaram e nada, ninguém deu por sumido. Agora um travesseiro.

Na mesma tarde, apareceram, nesta ordem: um aparelho de barbear, um álbum de fotografias do litoral catarinense, a maior parte com uma moça loira com pinta no lábio, canetas BIC quase no fim da carga. No fim da tarde, apareceu no mural o seguinte aviso:

“Caros funcionários e usuários da Biblioteca Central:

A Administração deste setor torna público um aumento de objetos esquecidos dos mais variados usos, causando, se não um grande transtorno, o que já configura perturbação da ordem interna, um desperdício de tempo e mão de obra, visto que a prática está mais para consciente — assim pensamos — do que mero fruto da distração. Deliberamos que há uma espécie de trote com vistas a desmoralizar nossos serviços de acomodação, classificação e empréstimo dos livros, além de causar danos possíveis com objetos que podem pôr em risco a integridade dos livros. É de suma importância que haja, por meio da comunidade estudantil, além dos funcionários que já foram instruídos, uma maior vigilância para que se notifique o autor da bandalheira e tomemos as devidas providências para que seja punido. Os futuros objetos que possam ser descobertos devem ser encaminhados ao setor correspondente. Contamos com sua compreensão.”

E assim foi dito.

Nenhuma movimentação suspeita ocorreu nos próximos dias. Só uma vez um aluno, numa tarde muito quente, estirou-se com a namorada ao pé de uma mesa, com um fone de ouvido. Na mão, um patinho de borracha. Alegou que era objeto de uso pessoal dele, para tirar o *stress*, e que jamais o deixou em qualquer Biblioteca, esquecido.

Muitos começaram a achar que a possibilidade de um fenômeno sobrenatural fosse plausível. Uma Biblioteca com certa idade, com uma carga histórica, não escapa ao disse me

disse das crendices. Mas um fantasma é algo incorpóreo, e não tem lógica ser uma espécie de contrabandista de objetos terrenos, um muambeiro do além. É coisa de gente, mesmo. Ou um tipo brincalhão e excêntrico, talvez ali mesmo, dentro do corpo de funcionários. Vai saber.

Veja o caso das bolinhas de gude na área de literatura africana. Ou um absorvente usado na seção de obras sobre filatelia. Nenhuma lógica.

O fato é que o mistério não ficou resolvido de todo. No outro semestre, uma aluna veio com uma procuração dizendo que o *notebook* era de um colega que se mudou para Berlim, e que quis se desapegar do aparelho por conta de uma decepção amorosa.

Curiosamente, os objetos ocultos pararam de dar as caras. Só se ouve, de tempos em tempos, o som de buzina do patinho de borracha do garoto embaixo da mesa. Ninguém reclama.

A parasita de Biblioteca

por Camila Morgana Lourenço

Ela tinha sido despejada há quatro meses e um pouco. Ou seriam cinco? Já não somava mais os dias — e as noites — sem ter para onde voltar. Deserdada na infância, sentia-se incapaz de cativar gentes, estranhos e conhecidos, a quem talvez pudesse recorrer nas ocasiões de apuro, tomar dinheiro emprestado, ocupar o sofá da sala por algumas noites, propor um escambo honroso que lhe garantisse pernoite — e ducha quente.

Nesses quatro meses e um pouco ou cinco ou mais sem pouso ou repouso certo, foi reduzindo a vida ao que a mochila autorizasse — e o corpo aguentasse. A perda de peso corporal encorajava o desapego material. E o inverno na ilha começava matador: molhado & implacável. O mais ventoso deles. “A fúria climática instaurada com gosto por Iansã”, pensava, recuperando, sem esforço, memórias de guria, quando a mãe se justificava por certos rompantes comuns aos filhos do orixá dos ventos e das águas derramadas pelo céu. Era o que a mãe dizia, e a avó materna remendava, enquanto a tia, figurante, repetia baixinho cantigas como se rezasse. Naquele tempo, Vivian escondia as palavras para ouvir atenta o melodrama familiar. Gozava o direito à prosa muda — e obedecia como ninguém.



Há poucas semanas, ambientava a nova realidade pessoal ao *campus* universitário — oásis possível diante de todas as portas cerradas, incluindo a da igreja, depois de o diácono resmungar, às costas dela, qualquer coisa como “sangue ruim, essa gente”. Ao que Vivian até sorriu, aliviada com a despedida. Julgava a marquise paroquial glacial demais, barulhenta demais, mal frequentada demais. “Um nojo.”

Aos poucos, para não dar na vista, atualizou-se acerca dos domínios acadêmicos — e o trânsito dela por eles. “Se não tem muros, nem donos, uma pessoa a mais ou a menos por aqui não deve fazer diferença”, pesava. Garantia banhos quase diários nos vestiários espalhados pelas galerias de cimento da cidade universitária e alguma comida nos pratos abandonados nas feiras gastronômicas multiculturais montadas em frente ao prédio da Reitoria e nas bandejas recém-liberadas nas mesas parafusadas ao chão de cantinas, lanchonetes e restaurantes. Nesses casos de falso furto, precisava ser ágil, teatral, e variar os locais para evitar aborrecimento com vigias, clientes, comerciantes.

Nos dias de sol — e ela rezava sempre para fazer sol —, saía atrás de trabalho. Estar seca, dos pés à cabeça, era crucial para a empreitada, embora a aparência já não ajudasse tanto, nem o estado das roupas. Com o tempo, acostumou-se a determinados cheiros, os mesmos cheiros que incomodavam as gentes, os estranhos e os conhecidos também.

Naquele dia em que, de novo, o sol não se via, nem a chuva, encontrou uma carteirinha estudantil abandonada perto do elevador no térreo do CCE. A Universidade era cheia de placas e dessas letrinhas que as pessoas traziam no vocabulá-

rio. Recolheu o documento do chão e olhou a foto plastificada. À exceção do *layout* dos óculos, pareciam-se as duas. No apuro, aquilo poderia ser útil. Jéssica Genésia de Campos, acadêmica de Ciências Biológicas. Enfiou no bolso e passou a observar as gentes do *campus* para descobrir os benefícios daquilo.

Zanzou até as imediações da Biblioteca e ficou. De onde estava, podia enxergar a catraca e uma entrada/saída da qual brotavam gentes sem bolsas e mochilas — nas mãos, objetos soltos: casacos, carteiras, cadernos. Mais tarde viu que ali era um túnel guarda-volumes, um corredor mobiliado com gaiolas em aço e trancas numeradas que, em vez de aves, aprisionavam bens pessoais por um período.

Ao seguir uma senhora que carregava mochila entrando, Vivian descobriu mais sobre aquele lugar. Bastou copiar a senhora, enfiando a mochila-casa no retângulo de aço número 27 para, na sequência, passar a catraca e subir a rampa da entrada.

Logo de cara, contabilizou novos banheiros — meio sujos, achou, mas abastecidos de papel higiênico, sabonete líquido e rolos de papel-toalha. Nas paredes e portas, sacanagem visual e insulto verbal. Naquele box, o primeiro em que entrou, só dava xoxota, piranha e caralho. A tinta da porta estava grossa de tantas camadas corretivas. “Essa gente gosta de palavrão mais que pobre.” Adiante, observou as estantes, os atendentes, as mesas, os atendentes, as cabines, os atendentes, os pufes, os atendentes, os alunos, os atendentes, os livros, os atendentes, os computadores, os atendentes.

Sem falar com ninguém, nem notar a sombra que a perse-

guia, a senhora caminhou entre as estantes como se as conhecesse bem, apanhou dois livros de capa cinza e dirigiu-se às salas de estudo. Espiou pelo vidro numa delas, abriu a porta e entrou, fechando-a devagar. Vivian repetiu o enredo da usuária acastelada. Apanhou um livro no setor recém-visitado e se acomodou na cabine individual ao lado. Sentiu-se importante, aquecida, naquele 2x2. A sala era aconchegante, a cadeira, confortável. O frio morava do lado de fora.

Despertou com o alarme no outro dia. Abriu manso a porta da cabine e conferiu a Biblioteca apagada, os livros dormindo, os equipamentos silenciados. Enquanto a equipe de limpeza se organizava para o asseio matinal, abrindo janelas e colocando a conversa em dia na copa, ela saiu pela porta principal. Era criança de novo, abastecida da peraltice secreta. “Peralta, não! Transgressora!”, disse para si.

Passou a pernoitar na Biblioteca. Aquecer o corpo com café passado na copa, deitar sobre o casal de pufes, lavar as calcinhas nas pias, petiscar na geladeira. Ali dormia. Ali comia. Ali sonhava. Ali cagava.

No vigésimo pernoite, em plena madrugada gelada, ao perceber um barulho incomum, vestiu os óculos, saiu da cabine e caminhou quieta até o *ball*. Precisava saber o que acontecia sem ser flagrada. Mas teve o silêncio sabotado no caminho, ao esbarrar numa cadeira de rodinhas, que se moveu no andar de cima, levando outras de arrasto. Assustada, a Bibliotecária trancafiada gritou, congelando o serpenteio diante da porta de vidro:

– Meu Deus!

Vivian então se aproximou, verificando a aflição da mu-

lher na tentativa de não mais sair dali, mas fugir, e sorriu — endiabrada — a cada tentativa em vão: forçar a porta, testar o telefone, medir a altura da janela ao chão, bater na vidraça. E, inspirada pela leitura fresca de uma narrativa de horror, intensificou os ruídos internos — tombando livros da estante, empurrando cadeiras, movimentando mesas, batendo janelas —, enquanto a natureza coordenava o terror de fora, editando, no céu, o pisca-pisca de raios e trovões. “Iansã e Xangô só podem estar em festa”, reprisou.

Apavorada, a Bibliotecária se ajoelhou colada ao vidro:

— Senhor, me ajuda! Manda alguém aqui pra me socorrer!

A parasita da Biblioteca ouviu a súplica, pediu licença aos orixás e foi ao encontro da Bibliotecária sitiada.

— Vamos dormir? Já é tarde.

Nômade

por Adriano Salvi

Viajava de um livro a outro em busca de aventuras.



O presente da Núbia

por Maria de Lourdes Andrade

Núbia estava terminando seu curso de graduação e, após ter trabalhado um ano na Biblioteca do Colégio de Aplicação, estava organizando suas coisas para dali a alguns dias encerrar seu estágio. Estava satisfeita porque em breve seria sua formatura, novos projetos, novo trabalho. Por outro lado, já imaginava se despedindo dos professores e funcionários do Colégio. Núbia não era somente uma Bibliotecária, era conhecida como a confidente da Biblioteca. Tinha essa fama, que começou primeiro com os alunos. Quando estes estavam tristes, por terem brigado com algum amiguinho, ou com os pais, ou professores, sentavam-se na frente da mesa da Núbia e ali se confessavam. Depois saíam dali, alegres e sorridentes. Vendo isso, os funcionários e professores começaram também a pedir a atenção da Núbia para seus problemas. Pasmem! Que conselhos a Núbia dava para todos? Nenhum, absolutamente nenhum. Ela ficava quieta e só ouvia, com empatia, era o quanto bastava para todos que a procuravam, que na realidade só queriam atenção. Chegou o último dia de trabalho de Núbia, e ela tinha passado noites confeccionando carinhosamente um boneco de amigurumi (é uma técnica japonesa para criar pequenos bonecos de crochê ou tricô). Claro que com a ajuda de seu gato, que puxava a linha, para lá e para cá,



até “enozar” o novelo e empurrá-lo para debaixo da cama. Era um fuzuê danado. Mas Núbia ali, firme:

— Vou terminar este boneco e presenteá-lo à Biblioteca.

No último dia de trabalho da Núbia, a emoção foi geral. Todos queriam se despedir dela, muitos queriam agradecer pelo tanto que ela foi importante na vida deles. Núbia se desmanchava no maior chororô. Quantos amigos, quantas crianças marcadas em seu coração. Teve discurso e até uma confraternização surpresa para Núbia quando os próprios alunos trouxeram: salgadinhos, brigadeiros, bolo de chocolate, Coca-Cola. Estava quase o Colégio inteiro, tiveram então que servir a mesa na rua. Era um misto de alegria e tristeza. Alegria de poder demonstrar a gratidão pelos serviços prestados por Núbia na Biblioteca. E tristeza por saber que sentiriam muita saudade daquela presença meiga e doce ali, todos os dias. Núbia, que era só lágrimas, pegou, então, o boneco de amigurumi que tinha confeccionado e entregou para a Bibliotecária Adrielle. Esta imediatamente o colocou no alto da estante, bem na entrada da Biblioteca.

Terminada a confraternização, foi cada um para sua sala. No horário do recreio, houve um zum-zum-zum nas salas do primeiro ano. Os alunos, todos com pressa de ir para a Biblioteca. Ficaram loucos de curiosidade quando souberam que a Núbia tinha deixado lá um boneco. Começava aí a história que modificou a rotina da Biblioteca do Colégio de Aplicação. Assim que as primeiras crianças viram o boneco, acreditaram de imediato que aquele boneco tinha vida, e trataram logo de lhe dar um nome: Grumi; no outro dia, uma menina já trouxe logo uma caixinha de confeitos de chocolate



M&M's e disse que era comida “grumística”, pois acreditava que ele precisava se alimentar. Fizeram uma escala, e a cada dia um aluno trazia a comida.

Chegou a pandemia, encerraram-se as aulas, os alunos cada um em sua casa. Mas a Biblioteca, misteriosamente, virou um território livre, e ali todos podiam entrar e sair. Foi então que o Grumi verdadeiramente ganhou vida e começaram aí as suas superaventuras.

Adri e as aventuras de Grumi

A Bibliotecária Adrielle, chamada carinhosamente de Adri, expansiva e sonhadora, prendia a atenção das crianças com histórias criativas de sua autoria, todas com riqueza de detalhes, geralmente cheias de aventura e fantasia, e os personagens levavam o nome das crianças. Os alunos não perdiam os horários de contação de história.

Daí que Adri pegou um “gancho”, achou o “elo perdido”. Encontrou no Grumi seu aliado para incentivo às crianças na participação nas atividades escolares.

E o boneco começou a fazer sucesso, tanto entre os alunos como entre os professores, e já tinha até ultrapassado os muros do Colégio. Vejamos por quê. Os professores viram no boneco um simpático personagem para motivar as crianças em suas aulas. Na aula de artes, pediram para a professora ensinar a fazer uma casa para o Grumi, com uma caixa de sapatos. Ficou o máximo! Agora o Grumi tinha uma casinha. O professor de história levava o Grumi para a sala de aula, e ele virava D. Pedro I. A professora de inglês contava para os alu-

nos que o Grumi era poliglota e falava inglês em pensamento. O professor de ciências transformava o Grumi em Albert Einstein. Nas redações, adivinhem qual era o tema? Grumi! A professora de português estava muito satisfeita com as redações apresentadas, bem criativas. O Grumi se tornara um boneco forte, corajoso, e já estava virando um super-herói. Na aula de geografia, o professor planejou ir com as crianças ao planetário da UFSC e, para a aula ficar interessante, o Grumi foi junto. O professor de matemática levava o Grumi para a sala de aula; Grumi “entrava mudo e saía calado”. Na aula de educação física, o professor levava o Grumi para a quadra; era o único na plateia, os meninos jogavam futebol e “cadê” a torcida? Grumi ficava lá parado, neutro. Cada professor usava sua criatividade com o Grumi, aproveitando a fama do boneco para prender a atenção da criançada.

A procura pelo Grumi foi tanta que a Bibliotecária teve que organizar uma agenda de empréstimo. Grumi agora tinha uma agenda lotada. Era figura superfamosa.

Os alunos fizeram também um livro de estudo para o Grumi, feito com rascunhos da Biblioteca, pois ele, mais que todas as crianças, deveria estudar, tinha que dar o exemplo.

Alguns casos curiosos Adri presenciava na Biblioteca. Conta-se que um dia um menino foi até a Biblioteca, pegou um livro qualquer na estante, sentou-se em frente ao Grumi e, olhando para ele, posicionou o livro para ler. Ficou ali horas, folheando o livro de cabeça para baixo. Pasmem, tirou 10 na prova. Heleninha, do segundo ano, criou um diário do Grumi e todos os dias ia para a Biblioteca atualizar o diário. Tinha muitos curiosos que queriam ler, mas ela nunca mostrou nem

para as suas amiguinhas. Ficou um clima de suspense no ar.

Começaram a surgir boatos misteriosos. Estudantes da UFSC que passaram certo dia próximo da Biblioteca contaram que viram um grande vulto, com garras enormes e com um pedaço enorme de pedra na mão, pronto para tacar. Encolheram-se, um grudado no outro, tremendo feito “varas verdes”. Ficaram ali como estátuas. O vigilante chegou perto, estava com uns gravetos na mão e um rádio de pilha escutando Avaí e Figueirense. Os estudantes nem quiseram olhar, saíram em disparada, e... “pernas, pra que te quero”. No outro dia no Colégio, surgiu uma nova versão da história, mais horripilante ainda. O Grumi tinha um guardião da noite, vindo não se sabe de onde, mas era um monstro de garras, que andava com um paralelepípedo na mão, para jogar nos intrusos que chegassem perto da Biblioteca. O vigilante escutava, o mais sério possível, e confirmava. Adriele colocava ainda mais “lenha na fogueira”. A fama do Grumi aumentava cada vez mais.

E para Grumi não se sentir sozinho, sem amigos, uma menina levou outro brinquedo de crochê, que era um cachorrinho, e que seria o amigo dele. Para dar o nome ao cachorrinho, fizeram um concurso. Venceu um nome do personagem de *Guerra nas estrelas*: Yoda. Agora o Grumi tinha finalmente um amigo para brincar. A criançada logo tratou de fazer uma escala para quem traria a comida do Yoda. Foi fácil, o pipoqueiro da porta do Colégio ficou de fornecer o alimento, pipoquinha fresquinha, todos os dias para o Yoda.

Yoda começou também a fazer sucesso. Adriele ficou satisfeita com esse novo boneco. Agora os dois dividiam a agenda, e a fila de espera diminuiu, para os professores abrilhantarem

suas aulas com a presença do Grumi.

Na hora do recreio, as crianças olhavam para a área verde do Colégio e imaginavam ver o Grumi subindo no pé de goiaba, brincando com o seu cachorrinho, Yoda. Sentiam até uma pontinha de inveja, queriam subir também na goiabeira, mas não estavam acostumados a subir em árvores, e outros nem tinham ideia do que era uma goiabeira. Adri observava essa movimentação toda em torno do Grumi. Era extraordinário o efeito daquele boneco sobre as crianças.

Agora o Grumi já tinha até a fama de ser um excelente leitor, porque à noite, depois de o Colégio fechar, acendia repentinamente uma lâmpada na Biblioteca, e aparecia a sombra de alguém lendo; assim era o que o vigilante falava; e realmente coincidia que na manhã do dia seguinte a Bibliotecária falava que na estante dos livrinhos de história tinha vários livrinhos abertos caídos no chão. Nossa, agora no início da manhã era uma corrida das crianças para a Biblioteca! Todas queriam pegar os livros espalhados pelo chão, queriam ler exatamente o livro que o Grumi tinha lido. Cutucavam-se, esbarravam-se para ver quem pegava um livrinho.

Descobriram também que o Grumi gostava muito de dançar *breakdance*, (é um estilo de dança de rua, parte da cultura do hip hop criada por afro-americanos e latinos na década de 1970 em Nova Iorque, Estados Unidos) nas horas vagas; o que significava que ele só dançava à noite, porque durante o dia a sua agenda era cheia. Nunca ninguém viu o Grumi dançar, porque as crianças não vinham à noite ao Colégio.

Era final de ano, com a pandemia. Adri na Biblioteca, cabeça recostada na cadeira, olhava fixamente o Grumi. Para

vê-lo ainda melhor, colocou-o em cima de sua mesa. E falava com ele como se fosse uma criança:

– Ah, amiguinho... Se não fosse você, como eu teria sobrevivido nesta Biblioteca, sem alunos e sem professores? Estou com muita saudade desta Biblioteca movimentada e com barulho e eu gritando: Silêncio!

E Adri, toda satisfeita, pegou um punhado de folhas digitadas e mostrou para o Grumi.

– Veja, finalmente concluí meu trabalho. Agora você não é só nosso mascote, eu te promovo a mascote virtual.

Adri tinha agora em mãos um extenso trabalho de Especialização em Biblioterapia: *A imaginação do Bibliotecário e a criação de um personagem para aulas online.*

Adri estava magistralmente satisfeita com seu trabalho. Bateu com toda aquela papelada na mesa e gritou:

– Veja, Grumi! Eu venci!

O público privado

por Giulia Pagliosa Waltrick Martins

Antevendo o tumulto de estudantes que a proximidade do final do semestre despertava, diminuí em quase meia hora meu tempo de arroz e feijão no Restaurante Universitário. Comprei um *brownie de capuccino*, meu favorito, e, pelo gramado, desviei a passos largos dos leques improvisados que tentavam espantar da espera quilométrica pelo almoço os 37°C de sol. Escovei os dentes sem mal encarar meu suor no espelho e abri caminho entre as mochilas para ocupar o canto na sala administrativa da Biblioteca Universitária em que trabalhava. Era daqueles dias em que a moleza pós-almoço sequer precisa de um café para se sacudir do corpo, basta um aluno insistente suplicando por um empréstimo de livro para os estudos das provas finais sem quitar a multa devida por atrasos na devolução. Não deu outra. Alunos que culpavam um amigo por suas centenas de reais em multa, alunos que barganhavam um “descontinho” no valor da multa, alunos que ofereciam serviços no lugar de pagar a multa, alunos sem comprovante algum que exigiam que o suposto pagamento da multa fosse processado no sistema.

Passava da meia-tarde quando um grupo de quatro estudantes solicitou uma mera informação:

— Estamos procurando pela servidora Letícia Dias — anun-



ciou a moça mais à direita, que ostentava uma sobranceira desenhada e uma bolsa de grife.

Consultei os colegas ao meu redor. Nenhuma Letícia Dias trabalhava conosco.

— Estranho, hoje mesmo falamos com ela e ela nos disse que estaria aqui após as 16h. Tem certeza que não a conhece? Ela trabalha aqui como *coach* de relacionamento, uma mulher de uns 30 anos, loira, com franja, um pouco mais alta do que eu...

Coach de relacionamento? Notei acotoveladas entre dois alunos que esperavam atendimento logo atrás e mordi o lábio para não os acompanhar na risada. Não era a primeira vez que se perguntava por essa *coach*. Na semana anterior, à mesa de algum almoço, já soubera de colegas que atenderam pessoas com o mesmo pedido e as dispensaram, achando que elas estavam desinformadas ou queriam pregar-lhes uma peça.

— Senhorita, não há *coach* de relacionamento no nosso quadro de servidores. Não é um serviço oferecido pela Biblioteca nem pela Universidade, imagino que tenhas te enganado quanto ao endereço. E não, não conheço nenhuma Letícia Dias, lamento não poder ajudar...

A moça retrucou, interrompendo meu chamado de “próximo”:

— Não estou enganada não, senhora.

E voltou-se para o lado:

— Amigo, é você que tem o cartãozinho da Letícia, né? Me dá ele aqui.

O jovem me estendeu um cartão de visita vermelho cereja, estilizado. Aceitei, esboçando um sorriso prestativo. Reluzia

uma frase inspiradora, seguida por Letícia Dias, o telefone, o Instagram e o endereço. O endereço: “Biblioteca Universitária da UFSC, piso térreo”.

“Biblioteca Pública virou *coworking* agora?”, pensei. Limitei-me a franzir a testa. Naquele exato momento, uma das funcionárias da segurança assomou à porta da sala e me chamou aos berros dizendo que precisava da minha ajuda. Meus olhos ainda se demoraram fixos no cartão, até que se esticaram e fiz um sinal para que a segurança esperasse. Desculpei-me com o grupo e pedi, agradecida, a uma das minhas colegas ali próximas que resolvesse a questão.

Corri como pude em direção à porta, imaginei que estava acontecendo alguma briga. Eu era a responsável pela “mediação diplomática” da Biblioteca com o mundo externo, como o pessoal costumava falar. Diziam que minhas bochechas gordas e minha fala pausada transmitiam paz.

– O que foi que aconteceu?

A segurança me respondeu com a expressão vincada pelo mau humor:

– Deu um problema lá na nossa sala. Mais fácil você ver do que eu tentar contar. É coisa do Maicon.

Ah, o Maicon! Era daqueles servidores que se comportava como chefe. E não qualquer chefe: aquele chefe que passava seu turno se enxerindo nos trabalhos de “seus” funcionários, levando a mão ao ombro de cada um a que distribuía sugestões e autorizações e, ao final do expediente, os convidava para tomarem uma cerveja em sua casa, verem um jogo de futebol. Reportava-se a todos os alunos com um manezinho “minha querida” ou “meu querido”, falava se o céu

estava de brigadeiro ou se as ondas estavam boas para surfar, e respondia-lhes as dúvidas com informações confusamente detalhadas — para não dizer que ele, na maioria das vezes, não sabia nada do assunto e mentia, descaradamente, embora sempre muito cordial. E, quando questionado pelos colegas, esquivava-se. Ontem mesmo recebi uma reclamação de uma aluna, incomodada com o excesso de intimidade do “minha querida” com que fora tratada por ele e com o fato de ele não ter lhe fornecido nenhuma das informações que ela solicitara. Quando o indaguei sobre o episódio, disse que a menina devia ser muito desatenta para não compreender a explicação dele e muito afetada para reclamar da sua simpatia ao chamá-la de “minha querida”. “TPM, quem sabe?”, comentou.

Pisei com força pelo caminho enquanto me lembrava do Maicon e tentava adivinhar o que me aguardava. Ao longe, vislumbrei cinco funcionários ao redor da sala cubicular dos seguranças e uma mulher de meia idade, aos fundos, tamborilando os dedos nos braços cruzados. Realmente, o cenário abarrotado dispensava explicação: pilhas de caixas vazias cobertas por um amontoado de barracas e apetrechos, seguidas por mesas desmontáveis apoiadas na parede, panos e alguns banquinhos empilhados. Assim que notou minha presença, a mulher andou até a frente da sala a fim de que tivesse espaço para me gesticular seus motivos:

— Olha moça, é o seguinte: eu sou feirante e desde ontem tá combinado com o Maicon de eu trazer minhas coisas da feira pra essa sala da Biblioteca e deixar até a feira seguinte. Ele me *autorizou* — disse, quase soletrando. — Então, eu não vou mexer minhas coisas daqui nem um centímetro.

Assumi o tom mais profissional e educativo que encontrei:

— Senhora, compreendo a tua revolta e a necessidade de um lugar para deixar os teus pertences da feira, mas há um engano. O Maicon, como mero funcionário, não tem o poder de permitir que a senhora ocupe a sala dos seguranças com os teus bens pessoais. Este lugar é público, e ele não tem o poder de mudar isso, por mais gentil que ele tenha sido contigo.

Ela, concentrada em olhar o chão, parecia sequer me ouvir. Mudei o tom.

— Peço à senhora que retire todas as tuas coisas daqui em meia hora.

A feirante revidou, fixando os olhos nos meus, e ergueu a voz:

— Eu não vou sair daqui até que o Maicon me desautorize! — frisou. — Aliás, vou ligar para ele agora para que vocês possam ouvir da boca dele a autorização.

Esperamos. Ela pigarreou e se afastou, como que buscando alguma privacidade para tirar satisfação e, depois, vir até nós comprovar sua versão. No mesmo minuto, entretanto, trouxeram-me um telefone da Biblioteca com o Maicon do outro lado da linha dizendo que não tinha liberado nada, que não tinha nada a ver com aquilo, que conhecia aquela mulher e ela não batia bem da cabeça.

A feirante bufava xingamentos.

— Com a idade que tenho já devia saber quem é meu amigo de verdade e quem só se faz, sabe-se lá com que intenções. E, diante do olhar de todos, completou:

— Vou chamar algum outro feirante que ainda esteja trabalhando pra me ajudar a carregar esse tanto de coisa lá pra fora.

Saiu, então, já mais com ares de tristeza desconsolada do que de raiva. Voltou em menos de meia hora junto a um colega e, com presteza, retiraram seus bancos, panos, mesas e barracas. Ao final, pediu desculpas com um sorriso amarelo enquanto andava rumo à saída. Desejei-lhe uma boa noite, e, em seguida, despedi-me dos seguranças sob agradecimentos.

Mais uma boa história para fofocar à mesa do almoço. Comprei um café de máquina e voltei para a sala em que trabalhava bebericando o copo, pensando na janta que me esperava. Fui recebida pela minha colega dizendo, animadamente, que tinha resolvido o problema da *coach*:

— Fizemos uma ronda pela Biblioteca até encontrá-la. Acho que ela não vai voltar tão cedo não, e vai ter que mudar o endereço daquele cartão todo emperiquitado dela.

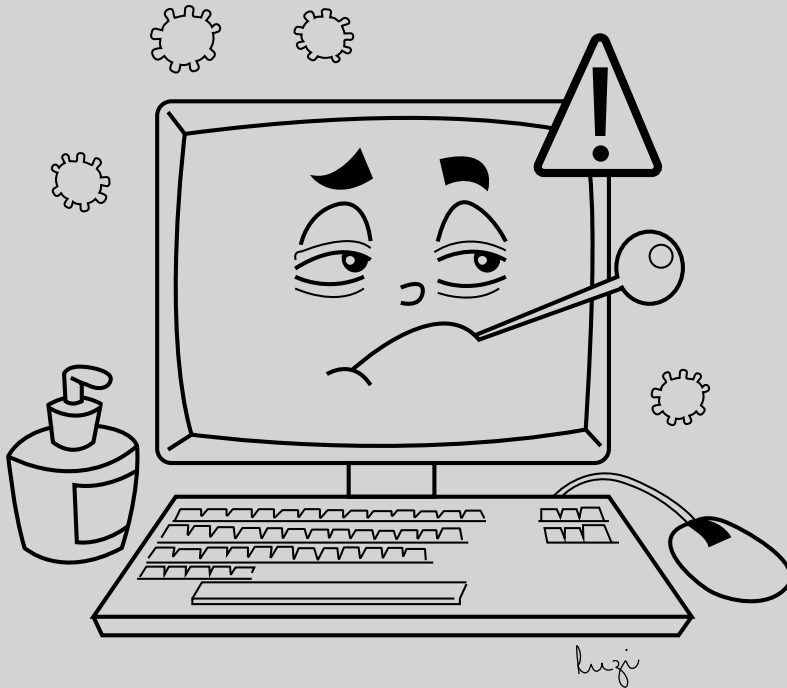
E terminou, debochada:

— Eu mesma fiz questão de mandá-la criar vergonha na cara dizendo que Universidade Pública não é extensão da casa dela.

Pandemia

por Adriano Salvi

Nem os computadores ficaram livres de vírus.



O resgate

por Maria Aparecida Lapa de Aguiar

Maria Tereza entrou na Biblioteca da Universidade decidida a se aprofundar em estudos sobre fotografia. Seu desejo era encontrar um livro precioso que lhe contasse toda a história de quando foi inventada a arte de fotografar. Sua curiosidade não era mero capricho. Ela foi uma criança muito fotografada, nasceu em uma época em que cada gesto gerava uma imagem, que imediatamente era enviada para qualquer lugar do planeta. Um verdadeiro horror! Algo meio desesperador!

Aos dois anos ela já dizia aos pais “Não ‘tila’ foto” e fazia careta, fugia, escondia-se, tal qual uma velha conhecida da família, casada com seu tio-bisavô, que dizia “Não me tira retrato”. Aquela senhora, diferentemente de Maria Tereza, havia nascido no tempo do lambe-lambe, e as fotos eram raras. Não se sabe muito bem o motivo pelo qual não gostava de ser fotografada, mas a frase “Não me tira retrato” atravessou gerações e permaneceu entre as falas mais cômicas ditas e re-ditas por vários membros da família e chegou também aos ouvidos da pequena.

O interesse de Maria Tereza por fotografia talvez tenha nascido de um misto de sentimentos. Ao mesmo tempo em que não queria ser fotografada, gostava de se ver nas telas dos



celulares e nas redes sociais. Ria para sua imagem e ria de si mesma, de suas caretas e de seus trejeitos. Quando se tornou adolescente, pediu uma máquina fotográfica de presente e seu *bobby* era fotografar, fotografar e fotografar! As cenas geralmente eram engraçadas, inusitadas, e a menina-moça evitava mostrar rostos de pessoas. Capturava apenas uma parte de algum fato ocorrido: um pé de tênis branco na lama em algum dia em que a chuva caiu sem avisar, um bumbum que apareceu depois de um mergulho, um salto alto pelas ruas de pedra de uma cidade histórica, e assim se divertia e ria muito. As imagens selecionadas por sua câmera eram arquivadas em seu computador, e sonhava um dia, quem sabe, fazer uma bela exposição.

Já no interior da Biblioteca, ela passou pelo corredor entre as estantes que lhe interessavam e procurou um canto sossegado, colocou sua máquina fotográfica sobre a mesa escolhida e foi em busca de algum livro especial. Mal começou a procurar e um alvoroço imenso tomou conta da Biblioteca. Por mais que quisesse se concentrar em seu intento, não conseguia, a curiosidade a levou para o lugar onde duas servidoras tentavam, sem êxito, expulsar um intruso daquele local de silêncio e leitura. O barulho vinha de uma das salas de estudo da própria Biblioteca.

Maria Tereza ficou olhando a cena e imaginando que belas fotos poderiam se materializar daquele momento único: um pássaro que ia de estante em estante, soltando penas e alvoroçando pessoas que não conseguiam se concentrar. Algumas até tentavam ajudar, mas o pobrezinho não enxergava a janela aberta. Por uns instantes, divertindo-se com a cena, a menina-

-moça deu asas à sua imaginação e pensou que aquele pássaro havia saído das páginas abertas de algum livro, tal qual a história *A bela borboleta*, de Ziraldo, lida muitas vezes por sua avó. Naquela narrativa, o Gato de Botas convoca vários outros personagens da literatura clássica, dentre eles, a Bela Adormecida, o Príncipe Encantado, o Peter Pan, a Branca de Neve, os Sete Anões, a Alice, o Coelho do Relógio, o Patinho Feio para soltarem uma borboleta que estava presa dentro de um livro.

Maria Tereza, em sua ativa criação mental, continuou pensando que aquele pássaro deveria ter saído de dentro de algum dos livros de fotografia, afinal, ela havia folheado vários deles sem parar. Sua criatividade ia muito longe, e mesmo já moça ainda guardava na memória todas as histórias contadas, lidas, ridas em comunhão com sua família: pai, mãe, avós, bisavós. Muitas vezes a família reunida na casa dos avós entrava na brincadeira e saía pela casa com fantoches, livros e música, cantando, cantando, dançando as histórias que a menina adorava.

O pensamento foi, e a menina voltou à cena real. E diante do desespero do pássaro, em um ímpeto, deu um grito tal qual a borboleta da história: PAREM! O silêncio e o espanto foram gerais. O pobrezinho do pássaro, ofegante, quase agradeceu a lucidez da menina-moça, e finalmente uma das servidoras conseguiu tomá-lo em suas mãos e, gentilmente, ajudou-o a voar para o lado de fora. Foi exatamente esta a cena capturada pelas lentes da câmera da garota.

As pessoas, aos poucos, foram voltando para suas mesas, mas não sem olhar com curiosidade para aquela jovem menina que, com cara de sapeca e tímida, também voltou para

Em cada canto um conto

as estantes, pegou vários livros de fotografia e pôs-se a folheá-los, agora inspirada pela cena do pássaro, receosa que dali saíssem outros tantos pássaros. Lembrou-se da metáfora usada por Quintana ao se referir a poemas: [...] *são pássaros que chegam não se sabe de onde e pousam no livro que lê. Quando fecha o livro, eles alçam voo como de um alçapão.* [...]. De onde mesmo teria saído aquele pássaro, ele seria um poema? Ou uma fotografia?

A menina-moça ainda ficou por uns instantes pensando sobre o pássaro, de onde veio, para onde foi e, aos poucos, o desejo aguçado de aprender sobre a história da fotografia voltou e também o desejo de sair pela Biblioteca, pela Universidade, pelo mundo à procura de outras cenas como aquela. Afinal, devem ocorrer cenas inusitadas, cômicas e bizarras por toda parte. Vamos fotografar?



Pesquisa

por Adriano Salvi

Disponível, o livro sempre saía para servir de
boa companhia.



O resgate do filhote de quero-quero

por Monique Neves Garcia

Certo dia de inverno, um bolsista que trabalhava no setor de preparo físico dos livros ouviu um incessante piar. Incomodado com o estranho barulho, comentou com os colegas da sala, e todos saíram em busca do tal piado, sem sucesso.

Ao chegar ao trabalho no dia seguinte, não é que o piado continuava lá?

— Não é possível, temos que encontrá-lo! — disse Silvana, vegetariana e defensora ferrenha dos animais.

— Mas eu já procurei por tudo ontem. O som definitivamente vem de perto da minha mesa — disse Fabiano, o bolsista.

Dodô, servidor que já trabalhava no setor há pelo menos uns 10 anos, procurou nos locais mais improváveis, mas foi o próprio bolsista quem descobriu o paradeiro do bichinho — que ouvido astuto ele tinha para encontrar o filhote de quero-quero embaixo de um piso próximo à sua mesa de trabalho. Sim, eu disse EMBAIXO DO PISO!

Acontece que esse piso fica até hoje solto, pois embaixo dele passa uma tubulação de água que vem das calhas do telhado da Biblioteca.



Depois do descoberto, foi montada uma verdadeira força-tarefa de resgate. Toda a divisão ficou sabendo da “ocorrência” e se mobilizou para retirar o bichinho de lá.

– Chama o Josué! – gritou alguém, no meio do burburinho todo que estava acontecendo ali.

– Ele já mexeu nessa tubulação outras vezes! – completou outra voz no meio de umas dez pessoas que se aglomeravam por ali e torciam pelo final feliz da família quero-quero.

Quando Josué levantou o piso, o som aumentou. Definitivamente ele estava ali clamando por socorro. Mesmo assim ainda só se ouvia o piado. Mas onde estava esse bendito filhote de passarinho?

Sem pestanejar, Josué se deitou e enfiou a cabeça no buraco que havia embaixo do piso para tentar olhar por dentro da tubulação. E que frustrante, ainda nada!

Nisso aparece Marina, mais uma defensora dos animais (ora, parece que está na moda) e oferece o celular com a lanterna ligada para Josué enxergar dentro do tubo, e assim, *voilà!* Josué viu o filhote, todo molhado, a uma distância em que sua mão jamais alcançaria.

A água da chuva continuava a correr pela tubulação, em pouco volume, mas num dia gelado, o que florescia em todos era aquela dorzinha no coração de dó do animalzinho ali indefeso.

– E agora, como vamos tirar ele dali? – perguntou Fabiano.

Enquanto o pessoal se mobilizava para pensar em uma forma de tirar ele de dentro do cano, outro colega, Aderbal, foi verificar de onde vinha a tubulação. Descobriu que vinha

do telhado, passava por um fosso e saía embaixo do tal piso. Assim, ele teve a brilhante ideia de jogar água lá de cima para fazer com que o bichinho saísse do cano. Na ponta do cano, colocaram uma lixeira vazada para segurá-lo no momento em que Aderbal jogasse a água.

Lá foi Aderbal subindo no telhado com o balde de água, e a tensão no ambiente gerou até um silêncio digno de Biblioteca. Ele foi jogando a água aos poucos, foi jogando... até que alguém gritou:

– Ele saiu! Tira o lixo!

– Uhul!

– Obaaaa!

– Maravilha!

Ouviu-se de todos os lados. Tarefa cumprida!

E, de repente, com o bichinho nas mãos, Josué pensou: “E agora?”.

– Quando eu subi no telhado, vi muitos quero-queros adultos. Provavelmente os pais dele devem estar lá – disse Aderbal.

Então, a equipe do resgate concordou em levar o pequeno para o telhado, que a natureza se encarregaria do resto.

E, para a alegria de todos, foi o que aconteceu. Quando Josué deixou o filhote no telhado, ele logo foi coberto por uma asa quentinha e reconfortante.

– Menino, você quase matou sua mãe do coração. Fiquei tão aflita por achar que tinha te perdido para um gavião! – disse a mamãe quero-quero.

– Desculpa, mamãe... Eu só queria brincar de tobogã!

Poliamor

por Adriano Salvi

- Quantos romances você já viveu?
- Todos estes da Biblioteca.



Vozes ordinárias de Lis

por Jéssica T. Martins

Pode parecer doloroso ser feito exclusivamente para cantar e me enfiar em lugares silenciosos, como Bibliotecas. Por vezes, pode causar inveja, justamente cantar toda e qualquer música até mesmo em lugares silenciosos, como Bibliotecas. E, justamente por me espreitar, mesmo causando tantos barulhos, em lugares onde deveriam me ser adversos, por vezes, pode ser divertido ser um fone de ouvido.

Existe esta menina a quem chamo de Lis. Elisa. Sou dos ouvidos de Lis, e Lis toda ouvidos para mim e toda olhares para os livros. E os livros, seus amigos, como faço de seus ouvidos morada, os livros fazem morada na negra íris de Lis. Por vezes, também faço morada em seus cabelos, não que seja um lugar para uma minicaixinha de música estar, mas se faz importante saber disso. Saber que circunstancialmente seus olhos devem estar sempre atentos em seu lar, e seus ouvidos nem tanto. Sendo cantora voraz de uma leitora voraz, acabo me enrolando nas palavras, peço perdão. Existe Lis, e neste dia em específico, depois de três aulas seguidas de cálculo, tudo que Lis mais precisava era avistar, mesmo de longe, nossa morada.

A Biblioteca Central era a segunda casa de Lis, especificamente no segundo andar. Conhecia cada prateleira, como seus



ouvidos tinham tatuado todas as canções dentro de mim. O silêncio era quente e formidável. Quanto mais alto o silêncio, mais alto deveria cantar. Quanto mais alto eu cantava, mais Lis tornava-se parte das prateleiras, até encontrar a si mesma em algum livro. O livro era sobre um fantasma, uma sombra ou uma voz. Como ficou claro anteriormente, domino o sentido da audição, peço no da visão, portanto fantasmas, vozes e sombras me parecem semelhantes em certa instância.

Lis sentou-se a uma mesa ao lado da escada, e seus olhos se fundiram as páginas. No livro, o fantasma, voz ou sombra era uma mulher falecida há anos que ainda não sabia, por falta de atenção de certo, que havia se tornado um fantasma, ou apenas uma voz ou sombra. A casa na qual residia, antigamente era quente, silenciosa e formidável, mas a mulher a tornava fria e inóspita. Os personagens precisavam saber de onde a voz ou sombra se originava e por que os perturbava. A cada página, Lis estava mais agitada. Levei alguns tapas, não por falar demais (talvez por cantar demais, não saberemos), e seu cabelo havia me derrubado algumas vezes e tentado me separar de meu amado lar. Sugeri canções diferentes para, quem sabe, acalmar seu coração enquanto seu olhar acompanhava avidamente a história debaixo de seu nariz, previsivelmente sem sucesso. Quando estavam perto de descobrir de onde vinha a voz, caí lentamente pelos longos cabelos de Lis até seu colo. Não me contentava em cantar sem alguém para ouvir. Continuei nadando e cantando canções sobre alguém que já não existe mais, das suas pernas até sua canela.

Desci até os pés de Lis e, não me contentando com o chão, o ultrapassei. De repente estava flutuando e continuava can-

tando, agora, sobre lugares que não existem mais, sentimentos que não deveriam existir.

Existe um motivo que me apetece em cantar para Lis, é de encontrar surpresas em lugares que não deveriam estar. Existir onde não deveria chega a ser uma coisa engraçada e desengonçada, um pouco desajeitada e apertada. Lis tem 1,50 m, (sendo 1 metro apenas de cabelo). No quinto período de matemática, interessa-se mais por canções que contam histórias mortas pelo tempo que agora estão presas dentro de uma caixinha de música egoísta e, não obstante, histórias roídas pelas traças sobre pessoas de mentira presas em folhas que garanto ser tão egoístas quanto eu. E, mesmo assim, pela inevitabilidade do tempo, tropeçando nos próprios pés ou cabelos, existe em um espaço pequeno dentro do curso de exatas onde deveria haver alguém ávido por fórmulas e métricas, reais e racionais. Esse espaço pequeno onde Lis pensa mais sobre palavras do que números. Talvez por isso, de alguma forma, eu queira existir como uma canção deve existir num lugar em que eu não deveria estar. E, justamente por isso, por teimosia e arrogância em ser deixado de lado, neste dia, em que decidi existir onde não deveria, neste dia em que minhas canções incomodaram Lis pela primeira vez, eu também incomodei algo naquele garoto do primeiro andar onde descí para cantar.

Como uma música que falava sobre alguém que não existe mais pode ter incomodado alguém que existe tanto? A cada palavra murmurada de dentro do meu minúsculo estômago eletrônico o garoto se encolhia mais. Era possível sentir seu desconforto a metros de distância, do outro lado da sala. Ele olhava de longe, procurava de forma assustada e pavorosa,

mas não podia me enxergar. Deve ter pensado: “Mas é claro que tinha que ser justamente agora, justamente sobre isso, justamente dessa forma. É claro que algo teria de me lembrar do que eu não poderia lembrar, do que eu não posso aguentar, do que só de pensar revira meu estômago”.

Peço perdão aqui por incomodá-lo. Canções de mentira e conto de fadas podem ser mais verdadeiros do que palavras de verdade do mundo real. Que cruel eu fui, de alguma forma — mesquinha, arrisco dizer — sinto que era inevitável. Quando uma onda precisa quebrar, ela precisa quebrar.

O garoto se levantou bruscamente da cadeira e deixou todos os pertences. A diretora, que estava ali perto, olhou intrigada, tentou abordá-lo, mas sem sucesso. Foi direto ao Hospital Universitário. A diretora, agora juntando seus pertences, por um segundo pensou entender o incômodo que o garoto sentiu. Sentiu, mas não percebeu que entendeu. Eu? Continuei cantando, é claro. Por que eu deveria parar? Por que causei uma crise de pânico em alguém qualquer? Por que eu estou onde não deveria? Incomodando quem não deveria? Lembrando coisas que não deveria? Ora, mas eu fui feita para isso. O garoto deveria estudar, mas está no hospital. Lis deveria fazer uma prova em vez de ler livros sobre sombras, vozes ou seja lá o que for aquela mulher. A diretora deveria estar trabalhando em vez de estar procurando fantasmas, vozes ou sombras como nos livros, mas eu, eu não deveria estar em silêncio. Eu deveria estar justamente cantando como estou.

Continuei cantando enquanto a diretora dava voltas pela Biblioteca. De alguma forma, havia um brilho em seu olhar. A cada passo, a cada tentativa de descoberta da voz, dessa co-

ceirinha em algum lugar que coçou mais dentro dela do que do lado de fora dela, era possível ver um sinal de vida. Passando pelas cadeiras, olhou em cada mesa daquele térreo, tentando encontrar essa bendita voz do além. Olhou pelos armários e suas chaves penduradas que balançavam pra lá, pra cá, feito crianças no balanço. Olhou por entre os alunos, cada rosto, cada conversa e murmúrio. Dentre todos eles, havia essa voz, esse fantasma, essa sombra que não parava de cantar coisas que não existem mais, palavras roídas pelo tempo, palavras de mentira e de verdade.

A secretária apareceu dessa vez para confirmar os delírios da diretora, que não estava satisfeita em me ouvir cantar sozinha. E tanto ela quanto a diretora concordaram pela primeira vez, e de alguma forma foram chamadas à vida.

Pela janela era possível ver grama, passos apertados, ruas e ônibus. Árvores balançando com o vento do outono às seis da tarde de uma quarta-feira, quando os feirantes já guardavam suas barracas e iam embora, quando seus espaços se tornavam vazios para que sejam ocupados. Lá no chão, bem embaixo das duas mulheres, estava eu. Cantando, como deveria estar. Neste mesmo momento em que eu fui descoberta, Lis também descobriu, junto dos personagens, de onde vinha o fantasma, voz ou sombra, e foi quando percebeu que havia uma voz faltando dentro de sua cabeça: a minha. A secretária, que no final ficou responsável pelos pertences do garoto (que agora já havia sido atendido neste momento), havia terminado de guardá-los, e eu, nos braços da diretora, iria pro mesmo lugar até que Lis me encontrou.

Agora as coisas estão em seus devidos lugares, ocupando

Em cada canto um conto

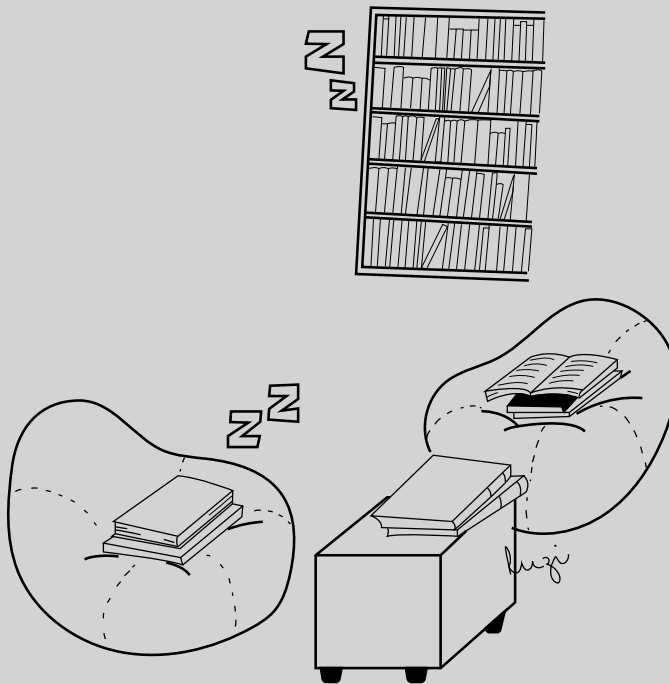
seus espaços pequenos e desengonçados. Esses espaços ordinários tão complexos quanto fórmulas extraordinárias.



Silêncio

por Adriano Salvi

Os livros cochilavam nas estantes da Biblioteca.



Posfácio

O tempo nunca se impôs tanto entre nós quanto nos últimos meses. O tempo e as suas consequências fizeram com que repensássemos os costumes, as ações e o nosso modo de viver e trabalhar. De repente, ele (o tempo) mostrou a sua face e passamos a notá-lo com mais intensidade. Foi necessária uma adaptação ao propósito de refletir sobre o que é realmente importante, necessário e útil em nossas vidas. A efemeridade das coisas foi amplamente debatida na sociedade e aquilo que a preserva adquiriu um aspecto ainda mais relevante. Nesse contexto, registrar as lembranças/vivências coletivas ou individuais adquiriu importante papel na luta contra o esquecimento. No meio das incertezas pandêmicas, as inquietudes por literatura nos fizeram lembrar das histórias inusitadas do v. 1 da Série *Memórias Contadas* e isso nos levou a abraçar o novo desafio de construir o v. 2 e trazer, por meio das memórias, um passado que faça sentido no presente. As dúvidas eram inúmeras, mas a vontade de materializar e reconstruir as memórias guardadas com afeto superaram os desafios que estavam por vir. E assim, chegamos ao consenso que sim, seria possível tentar, organizar e fazer acontecer.

O caminho percorrido foi diferente do v. 1, pois os encontros foram virtuais, as lembranças eram compartilhadas de dentro das casas dos depoentes, contextualizadas, por vezes, por sons de obras, perdas de conexão, crianças brincando ou



Em cada canto um conto

carros buzinando, justificados por um momento em que era necessário estar perto, justamente por estar longe de tudo em virtude do isolamento.

Uma série de tarefas precisavam ser cumpridas para que se chegasse a este momento de escrever o posfácio de uma obra realizada. Encontros *on-line* para a formação da comissão editorial, a coleta de depoimentos, a organização destes em resumos argumentativos, além da busca pelos autores, os convites gentilmente aceitos, as inúmeras reuniões, as trocas de *e-mails* com os avaliadores e os ilustradores e a revisão gramatical. Ações antecipatórias do processo de diagramação e impressão frente ao sentido maior atribuído pela carga emocional que envolvia o seguir em frente chamado por alguns de “novo normal”.

Mais que retratar e guardar as histórias da Biblioteca em formato de contos, a tessitura deste livro também se faz junto ao tempo histórico que ficará marcado em nossas vidas. A arte em forma de literatura mais do que nunca assume um papel de escapismo, de reflexão e preservação histórica.

Em cada canto um conto: histórias de nós é um livro cujo traço predominante é a memória, a sua multiplicidade e o seu movimento a partir do que foi vivido ou inventado. Guardar essas histórias marca uma feliz trajetória que vale a pena ser percorrida, ao passo que se apresenta em segundo volume de uma série. É gratificante ver que tantas pessoas e histórias se entrelaçam e se ressignificam em prol de um projeto literário que tem como cenário a Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta obra, fruto do desejo e do trabalho compartilhado, ocupa um espaço afetivo nos



corações dos escritores que voluntariamente e muito entusiasmadamente toparam construir esta antologia que dá sabor às atividades quotidianas de um *campus* universitário. Nossa gratidão a todos os envolvidos que contribuíram para a materialização do projeto idealizado.

As organizadoras.

Os autores

Adriano Salvi

Considera-se um desses ratos de Biblioteca que circula entre os livros colecionando histórias. Também gosta de contá-las, mas sem muitos pormenores para que outros leitores possam, efetivamente, sentir-se seus coautores.

Alline de Souza Pedrotti

Nascida e criada na zona norte do Rio de Janeiro, sou tradutora, estudo Letras e pesquisa oralidade e língua como prática social na Universidade Federal de Santa Catarina. Interesso-me por fazeres e vivências na música, nos lugares lgbtqia+ e nas artes.

Ana Esther Balbão Pithan

Eu, Ana Esther, pego carona na minha personagem Anamas-thêr, que filosofa e medita com a cuia na mão, tchê! Sou “cattarucha”, legítima desde 1991.

Ana Maria Gonçalves Martins

Gosta das frases: “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você.”, de Jean-Paul Sartre, e “Solo le pido a Dios, Que el dolor no me sea indiferente [...]”, de Mercedes Sosa.



Em cada canto um conto

André Ricardo Aguiar

É um autor de poucas palavras: me dedico ao texto curto, ao poema breve, às formas mínimas. No entanto, entre minúcias, também me curvo ao infantil e ao fantástico. Sou nômade também. Nasci na Paraíba, moro no Rio Grande do Sul. Jornalista, revisor, professor: se me sobrar tempo, ainda faço trilha, ando de *skate*, crio mais gatos. Aí me calo.

Camila Morgana Lourenço

É mestra e doutora em literatura. Vive no litoral e tem na palavra sua melhor herança ancestral. *Negociata na penumbra*, *Quem dera o sangue fosse só o da menstruação*, *Quinze pavios* e *70x Caio* portam alguns dos seus experimentos ficcionais.

Clarice Fortunato

Possui doutorado em Literatura – Universidade Federal de Santa Catarina (2018), com período de Pesquisa Sanduíche na Universidade de Exeter, Inglaterra. Atua como docente, na Secretaria da Educação do Estado, e escritora, tendo publicado a obra *Da vida nas ruas ao teto dos livros* – Editora Pallas, 2020.

Demétrio Panarotto

Nasceu em Chapecó-SC, é professor universitário, músico, poeta e adora tirar as palavras para dançar a fim de, desajeitadamente, brincar com os corpos poéticos flutuando nos salões do texto e da imagem. Reside em Florianópolis-SC.



Érica Milani Dellai

É natural do Oeste Catarinense, mas mora na Ilha desde que se lembra por gente. Aquariana com ascendente em peixes, está sempre perdida em outra dimensão. Apaixonada por cartas, colagens e literatura, volta e meia arrisca uns rabiscos. Atualmente é graduanda em Letras Português (UFSC), onde tenta a duras penas encontrar o equilíbrio na corda bamba da literatura-linguística.

Evandro Jair Duarte

Barriga-verde e manezinho, filho de pai pescador e mãe que lhe contavam histórias. Os dois nem pensavam que o filho seria funcionário público, Bibliotecário, mestre em Ciência da Informação, coordenador de algo, para eles o filho seria também um inventor de histórias.

Giulia Pagliosa Waltrick Martins

É estudante de Direito na Universidade Federal de Santa Catarina e aprecia a frase do Millôr Fernandes “[...] da vida só me tiram morto”.

Ivonita Di Concílio

Poeta, não sou, na realidade,
mas vendo a lua fico emocionada
e lembro meus tempos com saudade,
enxugando uma lágrima disfarçada...

Em cada canto um conto

Jaime Ambrósio

Diria a literatura ao escritor: Proteja-se das armadilhas do mundo, mas não se esconda atrás das máscaras; insista, seja conteúdo e texto da melhor maneira que puder, e alastre-se no fluxo das palavras pensadas, crie vida...

Jéssica T. Martins

Graduanda em Letras pela UFSC, em animação pelo CAV—SP e bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa Línguas Indígenas e Africanas no Brasil. Pseudoescritora de longa data, escreve desde pequena como uma espécie de teimosia. Estuda literatura comparada com artes visuais e outras mídias, destas principalmente música e cinema. Por isso gosta de brincar com imagens em seus textos e com a língua em seus projetos visuais.

Jéssica Vilvert Klöppel

Tenho 29 anos e moro em Florianópolis. Sou Bibliotecária de formação, mas curiosa de berço. Sempre adorei ler sobre assuntos diversos e escrever sobre as milhares de coisas que ficam pipocando em minha cabeça.

Kátia Rebello

Penso que nasci Bibliotecária. Depois, me tornei escritora de romance policial e de suspense. Busquei a vida nos livros e os livros viraram a minha vida! A paixão pela escrita me conduziu até aqui, neste encontro de recordações, humor e amores.

Luan Coelho

Sou graduando em Letras – Português e Literaturas pela UFSC, apaixonado desde sempre por narrativas, sejam em formato de literatura, cinema ou música. Fracassei em apenas contemplar, por isso vez ou outra esboço rabiscos de filmes, contos, músicas ou o que vier à mente.

Luiz Felipe de Limas

Eu falo algumas coisas estranhas em momentos inoportunos e gosto de dançar quando ninguém está olhando. No momento, estou esperando os deuses antigos com cabeça de polvo se apresentarem para a humanidade.

Maria Aparecida Lapa de Aguiar

Professora no Departamento de Estudos Especializados em Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Educação, dedica-se a pesquisas na área de formação de professoras alfabetizadoras. Quando a vida pede trégua, vai olhar o mar, inventar poemas e contos para aquietar coração, corpo e alma!

Maria de Lourdes Andrade

Nascida em 13 de fevereiro de 1958 em Florianópolis, onde mora até os dias atuais. “Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa.”

- Rubem Alves.

Em cada canto um conto

Mariah de Lima Walendorff

Natural de Floripa, é uma estudante, leitora e escritora voraz de contos e poesias desde que se conhece por gente. Participou da antologia *Livres somos versos*, organizada pelo projeto Confraria Literária do CA-UFSC, e atualmente busca expor um pouco de sua escrita através do Instagram:

@poemariah.

Marina Hadlich


Nascida em Blumenau-SC e atualmente mora em Florianópolis-SC. A escritora propaga a literatura por meio de Bibliotecas comunitárias e arrecadação de livros. É autora do livro de contos *100 Mulheres* (2019), do livro infantil *O menino que se escondia* (2021) e participou de diversas antologias.

Miguel Sanches Neto

Nasceu em 1965 em Bela Vista do Paraíso - Norte do Paraná. Mestre em Teoria Literária na UFSC e doutor em Letras pela Unicamp. Atualmente é reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Escreve poesias, romances, contos e obras infantojuvenis.

Monique Neves Garcia

Bibliotecária, surfista e amante dos animais, não necessariamente nessa ordem.



Bibliotecas são estruturas físicas, concretas, que protegem e acolhem os livros e quem deles busca companhia, conhecimento, saber. Em cada livro há um mundo esperando para ser explorado, mas e fora deles? Neste concreto acolhedor, ondê o tanto espera para existir, ao toque do leitor? Tu podes pensar que é um lugar estático, entre estantes inertes, paredes frias. Entretanto, as Bibliotecas são vivas, pulsantes, transformadoras, renovam-se e igualmente renovam quem por elas passa.

As ciências e as tecnologias estão em constante transformação, o ensino, a pesquisa e a extensão precisam de todo suporte necessário para seu desenvolvimento e inovação e, na Universidade, este é um dos papéis principais da Biblioteca. Mas a Biblioteca Universitária, a estimada BU, é muito mais que paredes, estantes, livros, desenvolvimento tecnológico e conhecimento, a Biblioteca é história, é a vida que acontece embaixo de seus telhados. É a mão que segura o livro, é o sorriso que acolhe o leitor, é o andar que caminha em cada canto, a Biblioteca somos nós e dentro dela se formam os nós, num emaranhado de vivências que não podem ficar apenas ali, naquele espaço. Precisamos extravasar.

Queremos te mostrar a Biblioteca, mas não aquela que teus olhos já se acostumaram a ver, queremos te mostrar as histórias, as descobertas, os amores, os medos, tanto sentir que não tem como guardar. A Biblioteca vive e sente, porque a Biblioteca é feita de gente e essa gente quer te contar um conto. Vamos começar?!



Gleide Bitencourte José Ordovás

Diretora BU/UFSC